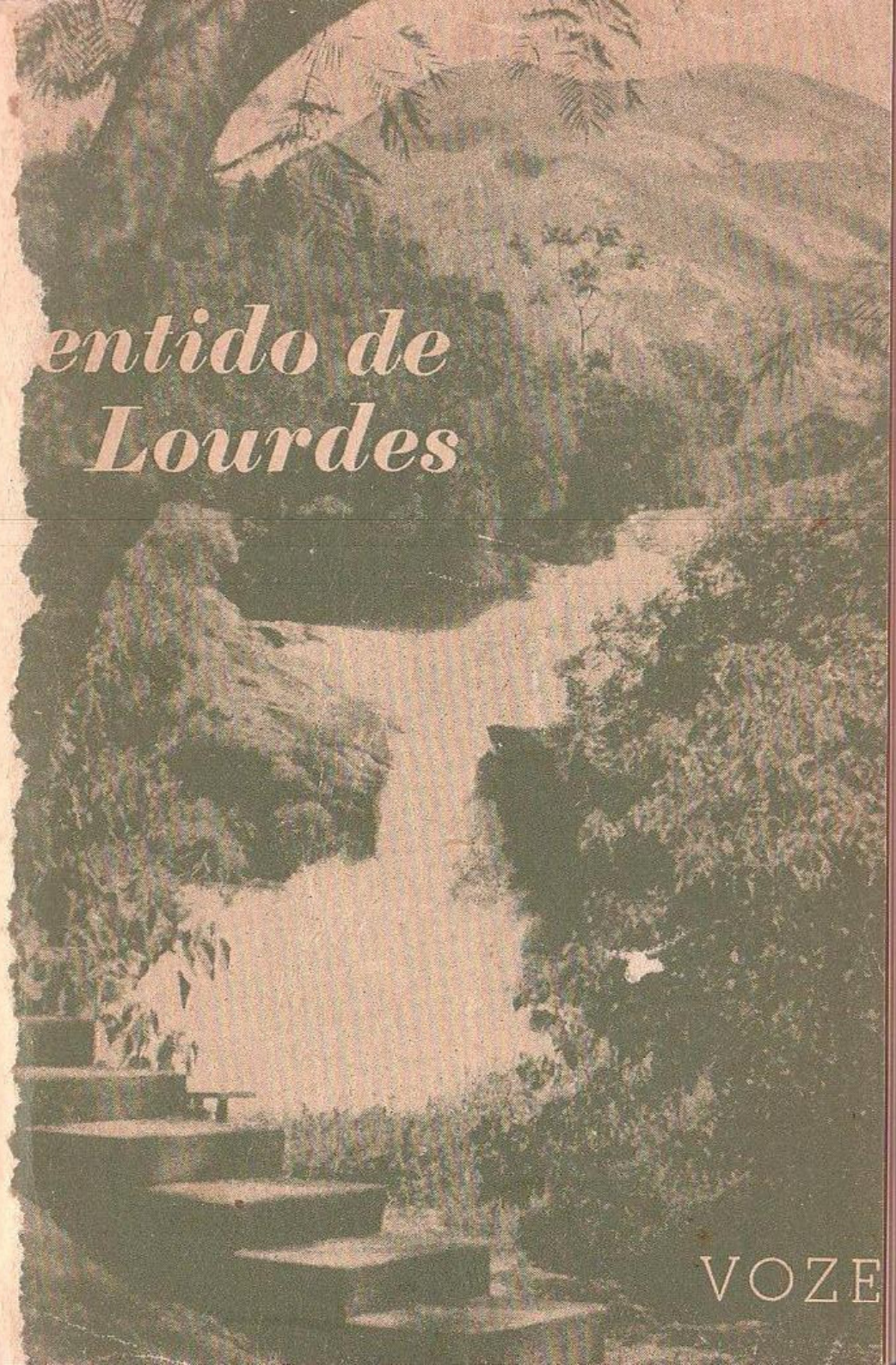

entido de
Lourdes
VOZE

Sentido de Lourdes

pelo

Prof. René Laurentin

Neste livro encontram-se três coisas: — a apuração crítica do fato das aparições de Nossa Senhora; — a apreciação psicológica do testemunho de Santa Bernadete a respeito dessas aparições; — e interpretação teológica da mensagem que tais aparições vieram trazer aos homens.

Embora escrito com simplicidade e fluência é uma obra que requer atenção e interessará sobretudo as pessoas habituadas ao estudo e ao exame crítico dos assuntos históricos.

Numerosas notas e apêndices oferecem documentação farta das teses apresentadas pelo Autor.

RENÉ LAURENTIN

Professor da Universidade Católica de Angers. Doutor em letras. Doutor em teologia. Membro da Academia Mariana Internacional de Roma.

SENTIDO DE LOURDES

Carta-prefácio de S. Excia. Mons. Théas, Bispo de Tarbes e Lourdes.

EDITÔRA VOZES LIMITADA — PETRÓPOLIS, R.J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO.

Original francês editado por
P. LETHIELLEUX, Libraire Éditeur.
10, Rue Cassette, 10
PARIS

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVERKAMP, O.F.M. PETRÓPOLIS, 17-VI-1957.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Carta de S. Excia Mons. Théas ao autor.

Lourdes, 11 de Maio de 1955.

Caro Senhor Professor,

Tenho a lembrança de lhe haver dito ou escrito que o Sr. seria o *teólogo de Lourdes*. Após a leitura do seu ensaio "O sentido de Lourdes", verifico que o Sr. realiza a minha predição além das minhas esperanças.

A sua erudição é seguríssima, e reconheço que as suas lentidões do ponto de vista das pesquisas lingüísticas foram utilíssimas: estou satisfeito com os seus esforços para reencontrar o texto exato das palavras da Virgem a Bernadete.

Mas quero especialmente felicitá-lo e agradecer-lhe pelo que o Sr. diz sôbre a ordem das aparições e o seu desenvolvimento progressivo. E' coisa nova e muito sugestiva.

Todavia, o grande mérito do seu trabalho, ao que me parece, está no estudo do testemunho, e sobretudo nas suas reflexões tão profundas e tão justas sôbre Lourdes e os valores de sinal.

Nada foi escrito tão belo, nem tão luminoso. Verdadeiramente, depois de o ler, descobre-se melhor a solidez e a seriedade da peregrinação. O

Sr. revela o mistério de Lourdes e o lugar dêle na vida da Igreja.

Com a minha fervorosa gratidão, rogo-lhe aceitar, caro Sr. Professor, a segurança da minha afetuosíssima dedicação em Nosso Senhor e Nossa Senhora.

† Pedro Maria Théas,
Bispo de Tarbes e Lourdes.

PROÊMIO

Êste opúsculo é a redação ampliada de uma conferência pronunciada no Congresso Mariano Internacional de Roma, a 25 de Outubro de 1954.

Êle procede de uma tentativa de volta às "fontes" — no duplo sentido material e espiritual desta palavra: "fontes documentárias", que permitem estabelecer os fatos com rigor; "fontes evangélicas", das quais Lourdes é ressurgência. A fonte de água que jorra oculta desde séculos, e que Bernadete descobriu debaixo do solo da gruta a 25 de Fevereiro de 1858, é a êste respeito um símbolo. Tudo isso convidava a intitular o presente ensaio: *Ressourcement de Lourdes* (Refontificação de Lourdes); mas um uso abusivo esvaziou êste têrmo do sentido profundo sob cuja pressão Charles Péguy o criara. Evoca êle hoje menos a limpidez reencontrada no término de uma investigação laboriosa, do que as águas turvas do palavrório e da confusão de espírito. Se a volta às fontes é levada a efeito em espírito e em verdade, conduz normalmente a uma visão despretensiosa, simples e sintética dos acontecimentos. Tendo tido o sentimento de chegar a algo dêste gênero, o autor acreditou poder intitular o seu ensaio *Sentido de Lourdes*. Mas, depois de estadear um desígnio tão ambi-

cioso, sem dúvida convém implorar, segundo uma velha tradição hoje perdida, "a indulgência do leitor".

* * *

As notas e anexos não são necessários à leitura dêste livro. Por que então havê-lo tão pesadamente sobrecarregado delas? Para estabelecer o bem-fundado do que nêle se acha afirmado; para acusar o gênero literário adotado, onde, contràriamente ao uso ordinário em semelhante domínio, a arte foi subordinada à verdade, onde o próprio cuidado de tocar os corações foi subordinado à certeza; enfim, para fornecer a base objetiva e controlável que é a condição do progresso da investigação científica em todos os domínios. Graças a essas notas e anexos, os leitores acharão respostas às questões que não deixarão de se lhes suscitar na mente. Leia-as cada um na simples medida da sua curiosidade.

* * *

O autor exprime a sua gratidão a S. Excia. Mons. Théas, a quem deve a sugestão dêste trabalho; ao Revmo. Pe. Balić, presidente da Academia Mariana Internacional, a qual acolheu esta comunicação no seu Congresso; a todos os que lhe forneceram auxílio e documentação, especialmente: o Revdo. Pe. Olphe-Galliard, diretor da *Revue d'Ascétique et Mystique* (Revista de Ascética e Mística), conservador dos arquivos reunidos pelo Pe. Cros em Tolosa; o Revdo. Pe. Castagnède, ex-Superior de Notre-Dame de Garaison,

graças a quem eu pude resolver as importantes questões suscitadas pelo dialeto lourdense; e a Revda. Madre Teresa Bourgeade, conservadora dos arquivos do convento Saint-Gildard de Nevers, aquela casa onde se guarda um tríplice tesouro: os escritos de Bernadete, seu corpo e seu rosto permanecidos intactos, prolongamento vivo da sua lembrança e do seu exemplo.

SIGLAS

Designamos por siglas as seis fontes de informações mais amiúde citadas. São:

CROS — L. J. M. CROS, S. J., *Histoire de Notre-Dame de Lourdes*, Paris, Beauchesne, 1927, 3 volumes in-8.º de 528-488-286 pp.

Inquérito Cros — VII maços de documentos manuscritos reunidos pelo Pe. Cros e conservados na residência dos Padres Jesuítas de Tolosa.

Processo Ord. — Processo do Oratório do Ordinário de Nevers. Arquivos de Saint-Gildard.

RAM — *Hommage à la Bienheureuse Bernadette Soubirous, Souvenirs et Témoignages*, n.º especial da *Revue d'Ascétique et Mystique* 10 (1929), pp. 1-174 (edição dos principais documentos do inquérito Cros).

SEMPÉ — R. SEMPÉ e J. M. DUBOÉ, *Notre-Dame de Lourdes*, obra escrita em 1868, editada em Paris, Letouzey, 1931.

TROCHU — F. TROCHU, *Sainte Bernadette, la voyante de Lourdes*, Lião, Vitte, 1954, in-8.º de 586 pp.

INTRODUÇÃO

De 11 de Fevereiro a 16 de Julho de 1858, Bernadete Soubirous, de treze anos, pobre e iletrada, recebeu visita da SS. Virgem no côncavo do Rochedo de Massabielle. Apesar de tantas fôrças humanas reunidas para abafá-lo, o invisível acontecimento afirmou-se de dia para dia com fôrça crescente. No simples plano material as cifras são eloqüentes: 3 meninas na gruta a 11 de Fevereiro [1], 12 no domingo 14 [2], "uma centena" de pessoas a 23 [3], 600 a 1.º de Março [4], 1.300 a 2 [5], 4.000 a 3 [6], 20.000 a 4. [7] Após um século, cada ano centenas de mi-

1) Cros I, 64-95, Trochu, pp. 71-83.

2) Trochu, p. 92, dá o nome delas. Ao grupo juntaram-se Mme. Nicolau, sua irmã e seu filho, após o incidente da pedra atirada por Joana Abadie. *Ib.*, pp. 95-96.

3) Testemunho do abade Pène, citado por Cros I, 225.

4) Testemunho do abade Antônio Dézirat. Cros I, 315.

5) Relatório do Comissário Jacomet citado por Cros I, 357 (no alto).

6) Relatório do Comissário Jacomet citado por Cros I, 360.

7) A cifra é global como as precedentes: 7.000 a 8.000 pessoas segundo M. Capdevielle (Cros I, 373), mais de 10.000 segundo o professor Clarens (*ib.*, I, 378), "ao menos 20.000" segundo o sargento de cavalaria de Angla, que parece ter sido o mais bem colocado para observar, tendo circulado a cavalo pelo meio daquela multidão (Trochu, p. 207). Cf. também *L'ère impériale de Tarbes* (A era imperial de Tarbes), n.º de 26 de Março citado por H. Lasserre, *Notre-Dame de Lourdes* (Nossa Senhora de Lourdes), Paris, Palmé, 1869, L. IV, § 6, p. 164.

lhares de peregrinos: sempre mais. E as proporções espirituais do acontecimento crescem numa medida que, nem por ser menos apreciável, é menor. A miséria espiritual e material do mundo aflui à fonte de água viva...

Lourdes é todo um mundo, um mundo atraente que para nós nunca tem fim. Há lá a Virgem, o seu perfil, a sua pedagogia, os seus desígnios. Há lá Bernadete, aquela menina tão simples e tão extraordinária, e, dia após dia, as suas reações ante o desenrolar das aparições. Há a família, a cidade de Lourdes, a prefeitura e o bispado, até o govêrno da Igreja e do Estado, onde o acontecimento se repercute em círculos incessantemente alargados, suscitando a desconfiança, depois a admiração, a contradição, depois o entusiasmo. Êsse encontro do mundo celeste com o mundo terrestre é um campo de estudo e de meditação em que o historiador, o teólogo, o espiritual acharão sempre o que respigar.

O presente ensaio não visa a esgotar o assunto, mas a extrair o essencial. Através de um exame crítico dos fatos ter-se-á acesso ao sentido íntimo de Lourdes: às intenções que motivaram a visita da Virgem a Massabielle. Daí três etapas:

A primeira pôr-nos-á em posse de dados históricos rigorosamente joeirados, situados no tempo, desprendidos das incertezas e bordaduras literárias de que sobejas vêzes os têm cercado. Reduzido à sobriedade, o fato de Lourdes só faz ganhar em eloqüência.

Deter-nos-emos em seguida na testemunha — na única testemunha — das aparições e intenções da Virgem. Descobriremos concretamente o valor e o sabor do testemunho de Bernadete.

De posse dessas bases sólidas, poderemos então situar na vida da Igreja e destacar em plena luz o sentido e o alcance da mensagem.

Em suma, iremos da dimensão histórica e terrestre do acontecimento à sua dimensão mística e celeste, passando pelo testemunho de Bernadete que lhes é como que o ponto de intersecção: é êsse testemunho que permite descobrir através do tecido material dos acontecimentos as intenções espirituais que nêle se manifestam em transparência.

CAPÍTULO I

O FATO DAS APARIÇÕES

Os acontecimentos de Lourdes apresentam-se-nos primeiramente como um fato inserido na trama da história. Convidam o historiador a uma dupla emprêsa: Estabelecer sôbre bases críticas a série dos acontecimentos, e fazê-los reviver.

A primeira tarefa não se coaduna fàcilmente com a brevidade. O P. Cros consagrou-lhe um volume de 528 páginas, o qual persiste perfectível, sôbre a base da vasta documentação manuscrita reunida pelo autor. A segunda tarefa, o relato detalhado e vivo dos acontecimentos, requer igualmente todo um livro: mas êsse livro foi escrito com rara felicidade por Mons. Trochu.[8]

A preocupação de síntese que guia o nosso empreendimento convida-nos a nos limitarmos àquilo que tem alguma importância para uma exata compreensão do "sentido" de Lourdes. Para êste fim, entregar-nos-emos primeiro a uma sondagem crítica sôbre um ponto importante: o número e as datas das aparições. No têrmo dêsse exame, veremos a ordenação interna delas des-

8) Os dois livros assinalados neste parágrafo são designados só pelo nome dos autores. Cf. as siglas na página própria (p. 10).

tacar-se por si mesma na sua necessidade, como o plano de uma cidade bem construída quando se toma altitude. Tornando em seguida a descer aos enlaces dos acontecimentos, percorreremos ràpidamente, mas sem descurar nenhum fato significativo, o desenrolar das aparições na sua empolgante progressão.

1. SONDAGEM CRÍTICA:

Número e repartição das aparições.

Comecemos pelo esfôrço crítico. E' a parte árdua dêste estudo. O leitor deve ser lealmente advertido disto (e advertido igualmente de que pode passar adiante se não tem gôsto por esta disciplina).

Se, pelo contrário, a palavra "crítica" o assusta por isto que "crítica" diz pôr em dúvida, e porque os historiadores são culpados de haverem destruído ou eriçado de pontos de interrogação deprimentes muitas crenças populares e muitos fervores, tranqüilize-se: As aparições de Lourdes são atestadas de maneira inabalável por um luxo de testemunhos excepcional. Pode-se perguntar se muitos outros acontecimentos da mesma ordem foram alguma vez objeto de inquéritos mais abundantes e mais minuciosos junto a maior número de testemunhas oculares. Durante longos anos [9], com um zêlo terrível e um senso crítico

9) O P. Cros começou o inquérito em Novembro de 1877 (I, p. XI), e consagrou a êle tôda a sua atividade até Outubro de 1879 (*ib.*, p. XV). Continuou a documentar-se até a sua morte (17 de Janeiro de 1913).

acerado até uma espécie de fobia das convenções hagiográficas e das idéias recebidas, o P. Cros reuniu tudo o que podia ter sido dito ou escrito em todos os jornais, "plaquettes", arquivos, correspondência ou "carnets" íntimos; perseguiu até nos mais longínquos antros, assediou às vêzes até no seu leito de morte, sem consideração pela sua agonia [10], todos aquêles que detinham a menor lembrança. Resulta daí uma massa imponente, um acôrdo inelutável sôbre o conjunto dos fatos de Massabielle.

Mas o confronto de grande número de testemunhas dá necessàriamente lugar a divergências de detalhe: o número exato das aparições, a repartição dos fatos entre os diferentes dias, o teor preciso de certos gestos e de certas palavras [11], são discutidos.

Essas divergências ligam-se primeiramente ao lugar que as testemunhas ocupavam durante as aparições, à sua maior ou menor objetividade, à deformação, à transfiguração ou ao acavalamento das suas lembranças, à sua falta de jeito ou aos seus requintes literários. (Como é fácil inclinar os fatos para o lado que oferece o ensejo de uma bela frase!) Em geral, variantes dêsse gênero podem ser resolvidas por uma crítica, bem conduzida, dos testemunhos. Outras dificuldades prendem-se

10) Fêz inquirir Bernadete no seu leito de morte em Janeiro de 1879. Trochu, p. 541. "Talvez", confessou o P. Cros, "não tivéssemos tido a coragem de interrogar tanto se tivéssemos conhecido melhor os sofrimentos de Bernadete".

11) Assinalamos abaixo alguns dêsses pontos, sobretudo nas notas 56 a 104 e nos anexos.

ao fato de não terem as testemunhas prestado atenção a certos pontos, notadamente à cronologia, da qual a própria Bernadete [12] e, depois dela, os comissários episcopais, se desinteressaram. Foi tardiamente que a história introduziu essa preocupação. Às vêzes ela se chocou com o muro do esquecimento. Outras incertezas, enfim, são relativas ao extremo requinte das perguntas formuladas pelos investigadores: lugar de certos gestos e de certas palavras que foram repetidas várias vêzes, ordem dos fatos no interior de uma aparição, detalhes da veste da Imaculada, posição dos seus dedos, ou dos de Bernadete quando a chama da vela a tocava sem lhe fazer mal.

As zonas de sombra são limitadas e não escondem nada de essencial. Certas aparições são atestadas com uma nitidez que não deixa lugar a nenhuma questão. [13] Assim a primeira, tão vivamente gravada na lembrança da vidente, e a de 4 de Março, em que Bernadete é devorada com o olhar por duas testemunhas tão diferentes quanto

12) Cf. os seus relatos autógrafos: Carta de 28 de Maio de 1861 ao P. Gondrand. Carta de 22 de Agôsto de 1864 ao abade Bonin. Primeiro original do relato das aparições escrito por mão de Bernadete, talvez em 1866 (Arquivos das Irmãs de Caridade, Nevers). Só as três primeiras aparições e a de 25 de Março são distintas na mente de Bernadete. Ainda assim ela confunde a 2ª e a 3ª na carta de 1864. Liga à terceira aparição o pedido da capela, muito mais tardio (abaixo, p. 118). Seus relatos procedem por agrupamentos lógicos (palavras, gestos) antes que cronológicos.

13) As miras mais nítidas, além das aparições destacadas do início (11, 14, 18 de Fevereiro) e do fim (25 de Março, 7 de Abril, 16 de Julho), são o 25 de Fevereiro (o dia da fonte), o dia da aparição adiada (3 de Março) e os dias sem aparição (22 e 26).

atentas: a primeira é o comissário de polícia Jacomet, vindo pela primeira vez. [14] De livrinho de notas em mão, êle anota alternativamente as atitudes e reações de Bernadete no intuito de apanhá-la em falta. A segunda é Joana Védère [15], vinda igualmente pela primeira vez, a qual não tirou os olhos de cima de sua prima Bernadete [16] e levou a precisão até o ponto de lhe contar os dezoito sorrisos. [17] A zona de sombra limita-se a algumas aparições da quinzena central [18] cuja grande semelhança lhes torna difícil a distinção. Quanto às palavras da Virgem, elas dão lugar a variantes mais tênues do que as de Jesus nos Evangelhos sinópticos. Certas delas não deixam lugar à menor discussão, a despeito dos acidentes que para Bernadete pode ter acarretado a necessidade de passar incessantemente do patuá ao francês. [19]

14) Cros I, 371-372. Trochu, p. 211.

15) Cros I, 383-386. *Bernadette et Jeanne Védère. Notes intimes sur Bernadette et les apparitions*, Impressora cisterciense da abadia de Westmale, 1933, pp. 11-31. Trochu, pp. 208-211.

16) Ela não desconfiava que a Virgem tinha então um olhar particular para ela. A. Larrouy, Introdução a Sempé, p. 38.

17) Depoimento de Joana Védère editado em *Ram* 10 (1929), p. 117. Cros I, 385, transcreve *mui livremente* o texto na primeira pessoa, transcrição repetida por Trochu, p. 210.

18) Sobretudo 23-24 de Fevereiro.

19) Sobretudo 23-24 de Fevereiro, e, em certa medida, 28 de Fevereiro, 1.º de Março.

Bernadete deixou passar um têrmo francês no autógrafo de 24 de Outubro de 1865 redigido sob a direção do P. Cros (fac-similado fora de texto no início de Cros I) no qual ela recopiou as palavras da Virgem.

Far-se-á uma idéia mais concreta das dificuldades em suspenso e do método que permite superá-las, examinando a fundo um ponto central. Tentemos resolver uma incerteza maior que tem alguma importância para o seguimento desta explanação: Quantas vêzes e em que dias a Virgem apareceu em Lourdes? O primeiro cálculo foi realizado desde 17 de Novembro de 1858 pelos comissários episcopais que interrogaram Bernadete: êles se detiveram na cifra de 18.[20] Como estabeleciam êles o detalhe dessa conta? Nada é mais difícil de dizer, pois êles silenciam sôbre a visão de 16 de Julho, e colocam dois dias sem aparição no curso da quinzena, o que lògicamente deveria ter conduzido à cifra de 17. Seja lá o que fôr dessa incerteza sôbre o desconto, a cifra de 18 retomada no mandamento do Bispo de Tarbes a 18 de Janeiro de 1862 [21] faz autoridade, e, salvo exceções menores [22], ninguém jamais ousou contradizê-la abertamente. Digamos, para esclarecer a discussão, que essas dezoito aparições se repartem naturalmente em três grupos harmoniosamente simétricos. Primeiro três aparições

20) Arquivos da Gruta. Numerosos testemunhos sôbre essa cifra de 18. Cf. *Ram* 10 (1929), p. 118.

21) Texto em Cros II, 51: "Julgamos que a Imaculada Maria, Mãe de Deus, apareceu realmente a Bernadete... no número de *Dezoito vêzes*"; cf. p. 45: todos os dias (da quinzena), à exceção de dois, ela contempla o mesmo espetáculo".

22) Assinalemos, por exemplo, em *l'Homme nouveau*, n.º 158, 15 de Agôsto de 1954, p. 11, um artigo encimado por um grande título azul que corre sôbre tôda a página: *L'énigme des* 19 *Apparitions de Lourdes*, artigo que resume a tese do P. Gasnier, *La divine comédie de Lourdes*.

liminares: 11, 14, 18 de Fevereiro. Depois o grupo correspondente à convocação da Virgem, repartido por quatorze dias (19 de Fevereiro a 4 de Março), no qual a visita da Senhora só faltará por exceção. Enfim, as três aparições finais (25 de Março, 7 de Abril, 16 de Julho).

Sôbre os dados assim enunciados, todos concordam. Mas êsse acôrdo de base deixa lugar a divergências de alguma importância às quais geralmente não se presta lá muita atenção. Tendo sido ràpidamente eliminadas algumas reconstituições aberrantes [22a], três sistemas [23] concorrentes continuam a fazer carreira ainda hoje:

1. Consoante uma primeira opinião do P. Cros [24], há dois dias sem aparição durante a quinzena. São a segunda-feira 22 de Fevereiro e a quarta-feira 3 de Março. Êsse sistema é seguido

22a) Assim o abade Laplace, em *Annuaire de Saint-Pé*, 1905, só conta 17 aparições (Cf. A. Larrouy, Introdução a Sempé, p. 46, nota 27). J. B. Estrade, na sua memória de 1878 (*Ram* 10, 1929, p. 69), punha uma aparição na segunda-feira 22. Êle retificou êsse ponto com base nos dizeres de sua irmã que foi sòzinha à gruta nesse dia, e cujo testemunho êle cita na sua *Histoire intime des apparitions de Lourdes*, Lourdes, Impressora da Gruta, 1898, c. 14, pp. 80-82).

23) Acrescentemos que há uns hesitantes que ficam numa meia-expectativa. P. ex., J. Goubert e L. Cristiani, *Les apparitions de la Sainte Vierge*, Paris, La Colombe, 1952, pp. 64-79, contam 18 aparições, entre as quais a de 16 de Julho (p. 78), e colocam uma aparição a 26 (p. 73). Onde então colocam êles os dois dias sem aparição? Não parece que êles se tenham feito esta pergunta.

24) L. Cros, *Notre-Dame de Lourdes. Récits et mystères*, Toulouse, Privat, 1901, pp. 118-128, J.-B. Estrade, *Histoire intime des apparitions de Lourdes*, Lourdes, 1898, adotou êste sistema sob a influência do P. Cros, com quem estava em relações.

por Dom Vandeur [25], Madre Bordenave [26] e por uma quantidade de pequeninas brochuras. Êle não merece essa audiência, pois o chefe de fila o abandonou por motivos decisivos. Por testemunhos numerosos e seguros está estabelecido que, depois de faltar na quarta-feira 3 de Março à hora habitual, a visão produziu-se algumas horas mais tarde. [27]

2. Em conseqüência, na sua obra definitiva o P. Cros aliou-se a um segundo sistema, que também tem larga difusão [28]: um só dia sem aparição durante a quinzena, a segunda-feira 22 de Fevereiro. Para ficar, nisso, na cifra tradicional, os partidários dessa solução deixam na sombra a aparição de 16 de Julho, que levaria a cifra a 19. [29] Ela lhes parece ser um "epílogo", um posfácio, um simples adeus, de caráter íntimo e privado. [30]

25) E. Vandeur, *Marie révèle Jésus à Bernadette*, Wépion-sur-Meuse, Monastère du Mont-Vierge, 1928 (ver notadamente p. 118).

26) M. T. Bordenave, *Sainte Bernadette, la confidente de l'Immaculée*, Nevers, Saint-Gildard, 1939, pp. 30-32, 36. (A 1ª edição data de 1920).

27) Cros I, 361-364, e o estudo de P. Moniquet, *Divine histoire de Notre-Dame de Lourdes*, Paris, Librairie des Saints-Pères, 1912. Apêndices, Nota A, relativa à aparição contestada da quarta-feira 3 de Março de 1858, pp. 845-849, que adita (p. 849) um testemunho suplementar aos quatro invocados pelo P. Cros.

28) Cros I, ver especialmente pp. 288-289. P. Moniquet, citado na nota precedente. H. Petitot, *Histoire exacte des apparitions de Notre-Dame de Lourdes*, Paris, 1936. M. Gasnier, *Le Message de Lourdes*, Paris, Alsatia, 1938, 3ª ed. 1951, sobretudo pp. 16 e 134-138.

29) Cf. acima, nota 22.

30) Cros I, 370: "a 16 de Julho não se poderá dizer que Bernadete tenha ido à gruta para ali ver Nossa Senhora". (O autor não fala mais dessa última aparição). "Espécie de epílogo..." tendo "uma fisionomia muito à parte, um caráter de intimidade contrastante com os precedentes", diz o P. Gasnier, *Le Message*, p. 187. Cf. H. Petitot, citado, *ib.*: "essa aparição não foi solene e pública como as precedentes, mas sim privada e familiar".

3. O terceiro sistema, proposto pela primeira vez e de maneira um pouco vaga pelos Capelães de Lourdes, os PP. Sempé e Duboé, em 1868-1869, retido após exame circunstanciado por A. Larrouy, que prefaciou em 1930 [31] a edição da *Petite Histoire de Notre-Dame de Lourdes* (Pequena História de Nossa Senhora de Lourdes) daqueles capelães, e adotado por Mons. Trochu [32], sustenta haver dois dias sem aparição durante a quinzena: à segunda-feira 22, sôbre a qual todos estão de acôrdo, cumpre acrescentar a sexta-feira 26. Revém-se assim sem artifício à cifra de 18.

Sendo evidentemente errôneo o primeiro dos três sistemas indicados, só os dois últimos merecem exame; e a discussão reduz-se a um ponto preciso: mostrou-se ou não a Virgem na sexta-feira 26 de Fevereiro de 1858?

Para uma resposta negativa, fazem-se valer as afirmações de Bernadete: dois dias sem aparição, uma segunda-feira e uma sexta-feira. [33] A sexta-

31) Ver pp. 35-38, 43-53 (Introdução de A. Larrouy) e 77-155 (Texto de Sempé). H. Lasserre, *Notre-Dame de Lourdes*, Paris, Palmé, 1869, aliava-se ao mesmo sistema.

32) Ver sobretudo a nota documentária, p. 171. O sistema é adotado por diversos outros autores. Colette Yver, *L'humble sainte Bernadette*, Paris, Spes, 1934, pp. 75-171 (ver especialmente pp. 123, 140, 169). P. Lemaître, *Sainte Bernadette*, Tolouse, Apostolat de la prière, 1934, etc.

33) Referências mais adiante, notas 43-44.

feira só pode ser a segunda da quinzena, o dia 26.[34]

Se o P. Cros se apartou aqui dos dizeres tão constantes e tão firmes da vidente — que êle não ignorava[35] — não foi sem motivos impressionantes. Várias testemunhas afirmam ter havido uma visão a 26 e descrevem-na. Nesse dia — e o P. Cros faz grande caso dêste ponto — um fato novo ter-se-ia produzido. Seria o primeiro dia em que Bernadete teria "beijado a terra".[36]

Para pôr fim à concorrência incômoda dos dois sistemas em causa, importa fazer a crítica das fontes. Sôbre que testemunhos repousa a aparição do dia 26? E que valem êles?

O mais claro, a base, é o do comissário Jacomet:

Sexta-feira 26 de Fevereiro, ela começou a beijar a terra... Cada um teve de fazer outro tanto. Sábado, mesma encenação, mesmos exercícios.[37]

34) Referências mais adiante, nota 45.

35) Aqui, como muitas vêzes, o P. Cros deixa de citar os dados que vão contra a sua tese. E' acidentalmente que êle fala de dois dias sem aparição. Citando a outro propósito a declaração de Bernadete: "A visão apareceu todos os dias à exceção de uma segunda e de uma *sexta-feira*", êle põe esta última palavra em itálico (processo que emprega para assinalar as inexatidões) e diz em nota: "O segundo dia de ausência da aparição foi a *quarta-feira* 3 de Março. Ainda assim a Senhora, ausente à hora da primeira visita de Bernadete, apareceu por volta das nove horas da mesma manhã" (I, 179). Mais adiante veremos tratar-se realmente de uma sexta-feira.

36) Cros I, 289, 290, 294-297.

37) Cros I, 294.

O segundo é o de Maria Portau, que veio "uma só vez à gruta... na sexta-feira 26", declara o P. Cros.[38]

Êstes testemunhos são os únicos que atestam a data. Os que o P. Cros reuniu em tôrno para os reforçar foram escolhidos a partir dos dizeres de Jacomet: "ela começou a beijar a terra".

E' aqui que se apreende a falha do sistema. Das duas únicas atestações que estabeleceriam *a data* da aparição, a segunda foi recolhida tarde demais[39], e a testemunha, como o confessa o

38) Cros I, 291. Sôbre esta asserção, ver a nota seguinte. O segundo questionário enviado de Tarbes em fim de 1878 ou início de 1879 alegava outras testemunhas. Na questão assim formulada (IIe série, q. 10): "Dominiquette Cazenave pretende que na *sexta-feira 26 de Fevereiro*, Bernadete, que não tinha visto Nossa Senhora pela manhã, tendo voltado à gruta à tarde viu a aparição. Bernadete assegurou-lho à noite. Mesma afirmação do tio de Bernadete, André Sajoux, que acompanha Bernadete à gruta. Que diz Bernadete?"

Transmite-se da parte da vidente a resposta seguinte: "Bernadete só a viu à tarde a 16 de Julho". E' claro que as testemunhas — ou mais provàvelmente o inquiridor — confundem aqui o 26 de Fevereiro (dia sem aparição) com o 3 de Março, em que a aparição foi adiada. O testemunho de Dominiquette Cazenave refere-se evidentemente ao 3 de Março: "*No dia anterior ao encerramento da quinzena*, meu irmão foi à gruta pela manhã: não houve aparição... Pelas duas horas... Bernadete voltava à gruta", etc. (*Ram* 10, 1929, 171-172). Notemos, entretanto, que a aparição de 3 de Março parece ter tido lugar mais cedo: em fim de manhã. Cf. P. Moniquet, acima citado, nota 27.

39) O testemunho de Maria Portau acha-se nos Arquivos Cros, maço A VII, pp. 210-213. Êsse maço contém os inquéritos de 1878-1881. Eis aqui o que concerne à data: "Após sete a oito aparições, desde o domingo, um homem e uma mulher de Omex encontraram-se com Bernard (=Bernadete) que chorava. Duas môças... perguntaram-lhe a razão, e ela lhes disse o que lhe acontecera... As duas relataram isso em Omex. Eu ali fui

P. Cros, "não viu os beijamentos de terra".[40] Assim, pois, o arcabouço de testemunhos acumulados em seguida sôbre a base do "ato novo" repousa só sôbre o relatório do comissário. Ora, êste não é uma testemunha direta. Êle soube o que sabe pelos relatos do guarda Collet, que tinha alguma razão para embrulhar êste ponto particular.[41] Além disto, uma ironia de princípio e o gôsto das frases de efeito desviam da objetividade a sua redação. O resultado é patente: o relatório em questão formiga de inexatidões.[42] O P. Cros salienta cinco delas em treze linhas. Nada de inverossímil em que a menção de uma aparição a 26 constitua uma sexta: Jacomet, redigindo um relatório de conjunto versante sôbre vários dias, pode muito bem tê-los emaranhado e reconstituído a aparição faltante por desdobramento de uma das duas seguintes (27-28 de Fevereiro) que

na *sexta-feira depois*". (Segue-se o relato reproduzido em Cros I, 291). A mais de vinte anos de distância, Maria Portau, cujo relato é muito vago, pode confundir uma sexta com uma quinta-feira ou com um sábado.

40) Cros I, 292.

41) A 28 de Fevereiro, levado pelo fervor, êle havia clamado à multidão "em voz altíssima": "Beijem a terra todos" (Testemunho de Jacquette Pène, inquérito Cros, ficha 17, Trochu, p. 183). Êle teve de fazer como melhor pôde para não dar a conhecer êste detalhe ao comissário que tanto o impressionava e que então era tão cheio de ironia a respeito das aparições. E' de presumir que êle tenha abafado da melhor forma possível essa questão dos beijamentos de terra. Sem dúvida terá dado a entender a Jacomet que *já* a 26 a multidão se entregara espontâneamente ao exercício que êle próprio ordenara a 28 sob a ação da emoção.

42) Cros I, 294. Cf. as observações de A. Larrouy, Introdução a Sempé, pp. 48-50.

êle resume por estas palavras: "Mesma encenação, mesmos exercícios..." (Cros I, 299 e 307).

Em suma, os dois testemunhos invocados pelo P. Cros são suspeitos: nada mais fácil do que explicar um êrro dêste lado. Ao contrário, é mui difícil pôr o êrro do lado de Bernadete. Esta só se mostra firme nos seus dizeres onde quer que está segura. Ora, ela atestou em grande número de ocasiões[43] e por três vêzes, em oposição declarada a afirmações contrárias[44], que a aparição

43) 1.° Em fim de Julho de 1858, interrogada por um advogado de Lião, Bernadete responde que "viu" a aparição "todos os dias salvo uma segunda e uma *sexta-feira*" (Testemunho citado segundo os arquivos da Gruta por A. Larrouy, Introdução a Sempé, p. 52).

2.° A 17 de Novembro de 1858, ela declara à comissão episcopal: "Duas vêzes naqueles quinze dias, uma segunda e uma sexta-feira... a aparição faltou". Na ata, a precisão "uma segunda e uma sexta-feira" é acrescentada em itálico pela mão de M. Peyramale (A. Larrouy, Introdução a Sempé, p. 53, nota 1).

3.° A ata da comissão de inquérito de 7 de Dezembro de 1860 (presidida pelo Bispo de Tarbes) assim resume o depoimento de Bernadete: "Durante essa quinzena, duas vêzes, uma segunda e uma *sexta-feira*, a visão faltou e a môça retirou-se pensativa" (Cf. A. Larrouy, Introdução a Sempé, p. 52).

4.° Carta autógrafa de Bernadete ao P. Gondrand O.M.I., a 28 de Maio de 1861, (Arquivos das Irmãs de Nevers). "Durante quinze dias a visão apareceu todos os dias à exceção de uma segunda e de uma sexta-feira".

5.° Carta ao abade Bonin, 22 de Agôsto de 1864 (Arquivos das Irmãs de Nevers): "Vi-a durante quinze dias seguidos, à exceção de uma segunda e de uma sexta-feira".

Ver, na nota seguinte, três outras declarações (de 1865 e 1878) que têm o interêsse de se pôr em contradição com asserções contrárias.

44) 1.° Em 1865, comunicam a Bernadete ainda em Lourdes uma brochura do abade Boyer, *Une visite à Bernadette e à la grotte*. Logo ela responde: "Três coi-

faltou *dois dias* durante a quinzena, e que êsses dois dias foram uma *segunda-feira* e uma *sexta-feira*, não podendo essa sexta-feira ser senão o dia 26.[45]

Duas testemunhas desprezadas por Cros confirmam a atestação de Bernadete: o Dr. Dozous[46] e uma môça de Lourdes (entrada em religião e que testemunhou em 1868, sem nada haver lido que lhe possa corromper as recordações). Esta afirma claramente que a Virgem não apareceu na segunda sexta-feira da quinzena. A data é tanto mais firmemente atestada quanto a falta da aparição é o sinal cronológico saliente em relação ao qual ela situa as suas outras recordações:

---

sas não são exatas: 1.º (p. 65) *exceto uma segunda e uma quarta-feira; é exceto uma segunda e uma sexta-feira*".

2.º No seu questionário de 31 de Dezembro de 1878, o P. Cros tenta obter de Bernadete uma concessão à sua tese (segunda e quarta-feira). A 12 de Janeiro de 1879, Madre Adelaide Dons transmite-lhe a resposta seguinte: "Irmã Maria Bernard... sabe sòmente que viu Nossa Senhora todos os dias, exceto uma *segunda* e uma *sexta-feira*. Ela não guardou nenhum conhecimento das datas" (Arquivos de Nevers).

3.º No seu questionário de 22 de Janeiro de 1879, o P. Cros tenta um novo assalto: "Torno a dizer que Bernadete se engana quando acredita que a aparição estêve ausente uma segunda e uma *sexta-feira;* foi uma segunda-feira (22 de Fevereiro) e uma *quarta-feira* (3 de Março)". (Segue-se uma demonstração circunstanciada — essa mesma que nós demonstramos aqui). Bernadete fica inabalável ante a intimidação: "Sóror Maria Bernard acredita sempre que foi numa segunda e numa sexta-feira que a aparição faltou; ela ignora as datas" (questão 19). Sôbre essas três respostas de Bernadete, cf. Trochu, p. 172, em nota.

45) A aparição da sexta-feira 19, *dia seguinte à convocação* de Nossa Senhora, é atestada de maneira a mais firme (Cros I, 178, Trochu, p. 108).

Na sexta-feira precedente, diz ela, eu me dirigira à gruta com uma amiga nossa. Bernadete... não viu a SS. Virgem.[47]

Pode-se esclarecer o ponto ao qual se aferra a teoria do P. Cros? Quando foi que pela primeira vez se produziu o fato sôbre o qual êle constrói um montão de testemunhos *não datados*: aquêles "beijamentos de terra" que, segundo êle, começaram a 26? Aqui a divergência das testemunhas não facilita a tarefa. Êsses atos novos começam a 23[48] e a 24[49] segundo Estrade; mas êste declara formalmente que a memória lhe falha para as datas a partir de 23 de Fevereiro.[49a]

---

46) P. R. Dozous, *La grotte de Lourdes, sa fontaine, ses guérisons*, Auch, Imprimerie Chanche, 1874, pp. 55-56. Cf. Trochu, p. 171.

47) J. Larrouy (Introdução a Sempé, p. 44, nota 1), transcreve êsse testemunho consoante os Arquivos da Gruta, sem dar o nome da testemunha. Eis aqui a citação *in extenso*: "Não me lembro de tê-la visto beber (trata-se de Bernadete) naquele dia, e creio que era o décimo primeiro ou décimo segundo dia da quinzena. O que me faz lembrado disso é que na *sexta-feira* precedente eu fôra à gruta com uma amiga nossa. Bernadete estava acompanhada de seus pais. Ela não viu a Santíssima Virgem".

48) Lembranças de Junho-Setembro de 1878, em *Ram* 10 (1929), p. 72, e *Histoire intime des apparitions*, Lourdes 1898, c. 15, p. 87 (Cf. A. Larrouy, Introdução a Sempé, p. 50).

49) J.-B. Estrade, consoante um relato de sua irmã, *Histoire intime des apparitions*, Lourdes, 1898, c. 16, p. 90: "Ela subira a ladeira colando a cada passo os lábios contra a terra". Mas, na sua memória de Junho-Julho de 1878, Mlle. Estrade diz sem nenhuma precisão cronológica: "Eu estava enfrente da gruta no dia em que a SS. Virgem deu ordem à sua privilegiada para beijar a terra". *Ram* 10 (1929) p. 49.

49a) "A partir dêsse ponto (= 23 *de Fevereiro*) a memória me falha para as datas: por conseguinte sou obrigado a me lançar através dos fatos sem bússola

Para o 25, ao testemunho de Estrade (c. 17, p. 92) junta-se o de Bernadete Castérot.[50] Contra isso, o P. Cros declara com bela segurança: "é certo que Bernadete só começou a beijar a terra no dia seguinte, 26" (*ib.*). Sabemos agora que essa retificação é injustificada. A data mais provável seria, pois, o dia 25. E' o dia em que Bernadete anda de joelhos, e, inclinada sôbre o solo, descobre laboriosamente a fonte. Essas "démarches" novas monopolizaram tôda a atenção, de sorte que só três testemunhas — mas já é considerável — notaram que, no curso da sua marcha, ela beijou a terra.[51] Todavia, não se pode absolutamente excluir o dia 27, data à qual se alia Mons. Trochu.[52] Quanto ao P. Cros, surpreendemos aqui um dos defeitos que o desviaram em várias circunstâncias. Êle sofria um pouco apressadamente demais a influência de certas idéias ou hipóteses que não lhe era senão muito fácil enroupar haurindo na inesgotável massa dos seus "dossiers".

cronológica". *Lembranças* redigidas em Junho-Setembro de 1878 e publicadas em *Ram* 10 (1929), p. 74. (Cf. p. 70, nota 2: Estrade acreditava então ter ido pela primeira vez à gruta a 22 de Fevereiro).

50) O testemunho é citado por Cros (I, 264), que contradiz a data (*ib.*, em nota): "E' certo que Bernadete só começou a beijar a terra a 26 de Fevereiro; a própria madrinha corrigirá em breve essa falha da sua memória: a propósito de um fato cuja data certa é 26 de Fevereiro (?), ela dirá que êle se passou no dia em que pela primeira vez Bernadete andou de joelhos, beijando a terra". E utiliza êste testemunho para reforçar a pseudo-aparição de 26 de Fevereiro (*ib.*, I, 290).

51) Cros I, 296. Cf. I, 264, nota 1.

52) Trochu, p. 175: "Ainda não se tinha visto Bernadete fazer êsse gesto..."

Resta que não se pode excedê-lo senão na base da sua própria documentação.

Êste exame dá uma idéia do que pode ser o vasto campo da diligência crítica, e a multidão de incertezas que persistem para além de um certo grau de minúcia. Das duas questões examinadas, uma foi resolvida aqui com *certeza*: a Virgem não apareceu a 26 de Fevereiro. A outra, de maneira apenas *provável*: foi a 25 (ou a rigor, a 27) que Bernadete ouviu pela primeira vez: "Beijai a terra pelos pecadores".

Chegados ao têrmo desta primeira e árida etapa, vamos agora recolher-lhe os frutos. Estabelecidos número e datas, as aparições de Lourdes vão manifestar por si mesmas o rigor da sua ordem, onde já se afirma um plano combinado.

2. ORDEM DAS APARIÇÕES

Elas se apresentam segundo uma disposição harmoniosa, onde se impõem desde logo simetrias impressionantes. Nos dois extremos, um prefácio e um epílogo constituídos por duas aparições espaçadas, silenciosas[52a] e imprevistas. As primeiras são a tomada de contacto da Virgem com Bernadete, as duas últimas são o seu adeus. Depois de revelar o seu nome, ela deixa a vidente saborear com conhecimento de causa. As 14 aparições centrais são o desenvolvimento da mensa-

52a) "A SS. Virgem só me dirigiu a palavra na terceira vez". Carta de Bernadete a Ida Ribette, Museu de Lourdes; cf. Processo ord., sessão 66, p. 845 (Arquivos de Nevers). — Concernentemente à ordem das aparições, ver o Quadro Fora de Texto entre as pp. 48 e 49.

gem. A primeira e a última dêsse grupo fundamental são imprevistas (Bernadete é prevenida por um chamado interior). Elas contêm a primeira e a última *palavra* da Virgem, palavras de abertura e de encerramento. A de 18 de Fevereiro é a *convocação* para a quinzena. A de 25 de Março é a *conclusão* que a Virgem deixou esperar por três semanas depois do fim da quinzena. Entre essas duas aparições maiores situam-se — número harmonioso — 12 aparições intermediárias repartidas por duas semanas. E' aí que tôda a pedagogia de Lourdes se desenvolve em três tempos progressivos: Oração (19-23 de Fevereiro) — convite à penitência (24 de Fevereiro) e exercícios de penitência (25 de Fevereiro a 1.º de Março) — mensagem relativa à instituição da Peregrinação (2 a 4 de Março).

Como tôda ordem bem concebida, a de Lourdes revela indefinidamente harmonias novas. Assim tôdas as aparições maiores, aparição inicial de 11 de Fevereiro, primeira e última aparições da quinzena, aparição intermédia de 25 de Fevereiro (aquela em que a fonte é descoberta), enfim revelação do *nome* da visão a 25 de Março, situam-se numa quinta-feira. Essa escolha corresponde a um desígnio? Eu propenderia a pensar que êste traço deve ser lançado no "dossier" das afinidades de Lourdes com a Eucaristia. Entre as duas principais quintas-feiras, 25 de Fevereiro e 25 de Março, decorre um mês exatamente. Depois da última quinta-feira, as duas aparições são separadas por cifras harmoniosas:

12 dias e 100 dias exatamente. Mas talvez não seja preciso apurar demasiadamente êsse gênero de verificações que, na maioria, não conduziriam a conclusões marcantes. Salientemos apenas duas séries de particularidades que parecem corresponder a um desígnio pedagógico. Concernem ambas à inserção das visitas da Virgem na liturgia, respectivamente no temporal e no santoral.

No *temporal:* O conjunto das aparições penitenciais situa-se durante a Quaresma. E' na quinta-feira seguinte às Cinzas que a Virgem diz a Bernadete: "Não vos prometo fazer-vos feliz neste mundo, mas no outro".[53] E' no domingo da Quadragésima que ela diz pela primeira vez: "Rogai a Deus pelos pecadores".[54] E' no dia seguinte, segunda-feira da primeira semana da Quaresma, que ela inflige a Bernadete pela primeira vez a penitência da ausência. E' na quarta-feira dessa mesma semana da Quaresma que parece irromper o convite: "Penitência, Penitência, Penitência". E' na sexta-feira dessa mesma semana, dia eminentemente penitencial, que se situa a segunda ausência. Ao contrário, só há alegria na aparição da semana de Páscoa (7 de Abril).

No tocante ao *santoral:* as primeiras aparições têm lugar em dias muito comuns (nem sequer sábados). A Virgem não dá nenhum sinal que deixe adivinhar a sua personalidade. Aguça a curiosidade. Entrega a sua fisionomia sem entregar o seu nome. Ao contrário, as últimas apa-

53) Abaixo, nota 80.
54) Abaixo, nota 86.

rições, a revelação final de 25 de Março e o epílogo de 16 de Julho, situam-se em dois dias de festas marianas: a Anunciação e Nossa Senhora do Carmo.

Dever-se-ão buscar outras intenções nessa ordem? Houve quem quisesse ver nela uma encenação dos mistérios do Rosário. As tentativas feitas neste sentido pecam por excesso de sistematização. Conduzem a seleções e a interpretações ao menos particulares. O artifício aparece se se confrontam as diversas gestões do princípio: Dom Vandeur suprime a aparição de 3 de Março (em seguimento ao P. Cros, primeira maneira). O P. Gasnier mantém-na com razão (em seguimento ao P. Cros, segunda maneira). Assim, tôda a série dos mistérios do Rosário achase deslocada em relação às cinco últimas visitas da Virgem. Mas os dois autores não parecem constrangidos para achar o mesmo mistério em aparições diferentes.[55] Além disto, onde êles estão de acôrdo sôbre os dias, procedem a aproximações de natureza às vêzes bastante diferentes. Desses ensaios demasiado minuciosos retenhamos, entretanto, que o ritmo geral concorda com o do Rosário: Alegria, dor e glória. Vejamos mais precisamente o desenrolar dessa progressão.

---

55) E. Vandeur, *Marie révèle Jésus à Bernadette*, Wépion-sur-Meuse, Bélgica, Mosteiro do Mont-Vierge 1928. M. Gasnier, *Le message de Lourdes*, Paris, Alsatia, 1938. Acrescentemos que êsses dois autores colocam uma aparição a 26 de Fevereiro. Como a Virgem não apareceu nêsse dia, tôda a ordem da reconstituição que êles fazem do Rosário fica comprometida.

3. DESENVOLVIMENTO PROGRESSIVO DAS APARIÇÕES

Na quinta-feira 11 de Fevereiro, primeira aparição[56], Bernadete apresta-se para atravessar o canal que separa a ilha do "chalet" da gruta. Acaba de pousar um pé na água gelada, quando um ruído lhe atrai a atenção. No côncavo do rochedo, à direita, brilha uma luz branca, *branda* e *viva* ao mesmo tempo.[57] Depois alguma coisa[58] se manifesta. Nimbada do halo luminoso[59] e vestida de branco, uma môça[60], ou antes uma menina[61], mais ou menos da sua estatura[62], olha

---

56) Cros I, 64-135. Trochu, pp. 73-89. Bernadete deixou dessa aparição, nìtidamente destacada na sua mente, relatos numerosos e pormenorizados: Cartas de 28 de Maio de 1861 ao P. Gondrand, de 22 de Agôsto de 1864 ao abade Bonin, e autógrafo de 1866. Cf. também o testemunho, muito vivo e detalhado, de Antonieta Maria Soubirous (26 de Maio de 1878) que acompanhava Bernadete por ocasião da primeira aparição, em *Ram* 10 (1929), 153-158.

57) Cros I, 97. Bernadete falava de uma "luz branda" ou ainda de uma "luz como o sol". Aos que viam nisso uma contradição, ela respondia: "Oh! Eu não quero dizer o sol lá de cima; quero dizer o sol quando está na terra".

58) Bernadete chamava primeiramente à aparição "*Aquéro*" (aquilo), só depois "a môça", depois a "Senhora". Cros I, 98. Trochu, pp. 80-81, nota 2. Em 1858, Bernadete ainda dizia: "uma forma humana tendo o aspecto de uma senhora..." Cros I, 103. Cf. *Ram* 10 (1929), p. 57.

59) "A Senhora está cercada de uma luz branda... Quando a Senhora vem, a luz aparece primeiro; quando a Senhora se retira, a luz só desaparece depois", dizia Bernadete. Cros I, 97.

60) Bernadete dizia a princípio a "Môça branca" ou "a môça", depois a "senhoritazinha" (*Pétite Damizéle*), a "senhorita" (*Damizéle*), e finalmente a "Senhora" (*Dame*). Cros I, 98. Trochu, p. 81.

61) Perguntavam a Bernadete: "Com quem se parece a Môça branca da gruta?" Ela respondia: "Um

para ela e saúda-a.[63] Os pés descalços[64] cobertos por duas rosas de ouro[65] roçam o musgo e os galhos da roseira brava que brota no fundo da escavação.[66] As mãos[67] seguram um têrço.[68] O cinto azul[69] destaca-se sôbre a veste branca[70]; os olhos azuis[71], no meio do rosto pálido[72] que

---

pouco com Senhorita X..." Era uma menina de uns dez anos (Cros I, 102. Trochu, p. 81). Era a única comparação proposta pela vidente, que as afastava tôdas. Cf. *Ram* 10 (1929), p. 65. As pessoas que a cercavam impeliam inconscientemente Bernadete a majorar a idade da visão. Sôbre êste ponto secundário, fugindo à discussão, a vidente guardou-se de contrariar as sugestões diversas que lhe eram propostas. Várias testemunhas tomaram a sua neutralidade por uma aprovação, e julgaram-se autorizadas a traduzi-la como afirmação precisa. Algumas delas levam a idade aparente da aparição até a "quinze anos" e mesmo — é o máximo — "dezoito a vinte anos" (Cros I, 100-101). Mas, com um senso sobrenatural muito avisado, Bernadete recusou-se firmemente a fixar *uma idade*. Eu não disse "da minha idade", responderá ela ao P. Cros em Janeiro de 1879 (Cros I, 414, cf. 102). No mesmo sentido respondeu ao questionário enviado de Lourdes no fim de 1878 (Série I, quest. 22):

— Que idade parecia ter Nossa Senhora? Muitas testemunhas atestam que Bernadete disse: "Ela parecia da minha idade". Resposta de Bernadete: "Ela parecia muito jovem".

62) Sôbre a estatura da Aparição, v. nota fora de texto, p. 37.

63) Cros I, 76 e 79, e Trochu, p. 81.

64) Cros I, 120.

65) Cros I, 120-121. 66) Cros I, 105.

67) Sôbre as mãos da aparição, ver Cros I, 118.

68) Sôbre o têrço, *ib.*, 118-120.

69) Cros I, 116.

70) Cros I, 115-118. Cf. 110.

71) "Ela tinha os olhos azuis". Carta de Bernadete ao abade C. Bonin, vigário em Niort, 22 de Agôsto de 1864. (Arquivos das Irmãs de Nevers). Ver também Cros I, 113-114.

72) "O rosto da Senhora era branco como cêra". Testemunho do abade Pène citado por Cros I, 79.

A estatura da Aparição

Aí ainda, os que a cercavam impeliam inconscientemente Bernadete a majorar a estatura. No interrogatório de 21 de Fevereiro de 1858, ela parece ter dito ao Procurador imperial: "Não inteiramente da minha estatura"; a 28 de Fevereiro, ao Diretor da escola superior de Lourdes: "Não maior do que eu"; ao irmão Cérase, alguns dias mais tarde: "Um pouco maior, talvez". CROS I, 100. Ao escultor que a 16 de Setembro de 1863 lhe pergunta: "Qual era a estatura dela?", ela responde: "Não muito grande". — "Como a sua?". E ela teria respondido sorrindo: "Oh! Ela era maior". — "Então era de estatura mediana". — "Sim, Senhor". Carta do escultor Fabisch, de 16 de Setembro de 1863, reproduzida por CROS III, 115. Mais tarde ela achará a estátua grande demais (CROS III, 150). Pouco antes da sua morte, responderão da parte dela: "Aquéro era mais pequena do que grande, porém a irmã (= Bernadete) não se lembra de ter estabelecido têrmo de comparação entre a estatura da visão e a sua, nem com a estátua colocada na igreja. A SS. Virgem parecia muito jovem". Carta de Madre Adelaide Dons, Superiora geral de Saint-Gildard de Nevers, em resposta a um questionário do R. P. Cros, 12 de Janeiro de 1879. Em suma, "a estatura da aparição era pequena". (Memória do abade Pène, a quem êste dado embaraça. CROS I, 101).

No tocante às comparações com a estatura de Bernadete, notemos que, por ocasião de sua morte, esta media 1,40 m (Trochu, p. 81). Em 1858, o seu crescimento ainda não estava acabado, e os três médicos que a examinaram a 27 de Março de 1858 escrevem: "Ela não parece ter mais de onze anos". CROS I, 102.

A escavação onde a Virgem aparecia fornece outro ponto de comparação: Ela foi desembaraçada da espêssa camada de terra onde brotavam a roseira brava e diversos arbustos, e depois entalhada para receber o sôco da estátua. A altura primitiva da anfractuosidade era muito inferior a 1,70 m (TROCHU, p. 81. CROS I, 102). O P. Cros lembra oportunamente que, quando a Virgem apareceu a Santa Teresa de Ávila, pareceu também a esta "muito menina". (Pareciame Nuestra Señora muy niña, *Vida*, cap. XXXIII). Sôbre o sentido particular que essa juventude assume em Lourdes, ver mais adiante, pp. 92-93.

sorri com graça incomparável[73]; Bernadete será sempre submergida pela falência das palavras e da arte para descrever a visão inexprimível cuja radiação a atinge e a empolga do interior.[74] Passado êsse primeiro susto, vem-lhe a idéia de rezar. Sinal da cruz, têrço, troca de sorrisos e de saudações farão o fundo de tôdas as aparições em que uma progressão se afirma.

A segunda aparição[75] produz-se no domingo 14 de Fevereiro. Como a primeira, esta tem o caráter de uma tomada de contacto. Achamos nelas sucessivamente os dois estados que se alternarão na vidente nos dias seguintes: estado normal em que a visão deixa Bernadete consciente daquilo que a cerca, e estado extático em que a palidez se torna impressionante, arrancando aos que rodeiam a exclamação: "Ela está morrendo".[76]

---

73) Cros I, 114.

74) Sôbre a inefável beleza da visão, ver, p. ex., Cros I, 122; III, 179-180; Sempé 108. *Ram* 10 (1929), pp. 44, 65. E. Guynot, *Sainte Bernadette*, Paris, Spes, 1937, pp. 225-328. Trochu, p. 338. M. T. Bordenave, *Sainte Bernadette*, Nevers, 1938, p. 263: Em vendo estátuas e quadros, muitas vêzes Bernadete dizia: *"Minha boa mãe, como vos desfiguram! Êsses artistas, quando vos virem, como vão ficar logrados!"*

Sôbre a maneira interior como as palavras atingem Bernadette, ver o testemunho de Mlle. Estrade, *Ram* 10 (1929), p. 50: "Um padre perguntou-lhe se ela ouvia distintamente a voz da SS. Virgem: *Oh! muito bem; sòmente me parece que o som da voz dela não passa pelos ouvidos, mas por aqui.* E levou a mão ao coração. Esta resposta, meu irmão e muitas outras pessoas a ouviram. Eu era do número. Bernadete ficou muito surpreendida de saber que as pessoas que estavam presentes aos seus êxtases não ouviam a SS. Virgem, nem a ela mesma, quando falavam".

75) Cros I, 136-164. Trochu, pp. 90-99.

76) Trochu, pp. 94-95: ver a nota 2. Cumpre afastar a hipótese de uma espécie de possessão diabólica (hipótese emitida por P. Gasnier, *Le message de Lourdes*, Paris, Alsatia, 1938, pp. 74-76) no correr da segunda fase dessa aparição. Ela assenta em citações compósitas e sôbre uma interpretação tendenciosa das palavras de Antoine Nicolau, citadas em Cros I, 145 e 147.

Na terceira aparição — quinta-feira 18 de Fevereiro[77], — recolhemos as três palavras inaugurais da Virgem. A primeira furta-se ao pedido de Bernadete que lhe estende papel e caneta dizendo-lhe: "Quer ter a bondade de pôr seu nome por escrito?"[77a] Ela responde: "Não é necessário".[78] A segunda é o convite: "Quereis ter a gentileza de vir aqui durante quinze dias?"[79] A terceira é uma palavra tôda pessoal dirigida à vidente, a promessa de uma recompensa balizada por uma vida austera: "Não vos prometo fazer feliz neste mundo, mas no outro".[80]

---

77) Quinta-feira 18 de Março, Cros I, 164-177. Trochu, pp. 100-102.

77a) Eis aqui, segundo a própria Bernadete, os têrmos em que ela formulou a sua pergunta (Respeitamos o teor e a ortografia da transcrição): "Boulet avoué la bounta dé mettré vosté noun per escrit". Palavras ditadas por Bernadete a M. Adelaide Dons a 12 de Janeiro de 1879. "Madamo (ou: Mademizello) voulet avoué era bouentat de metté hosté noun per escriout? Resposta ditada por Bernadete a Madre Eléonore Cassagnes a 1.º de Janeiro de 1879. Cf. Trochu, p. 104 e *Ram* 10 (1929), p. 6 (variante).

78) Sôbre o texto crítico destas palavras: "N'ey pas necessári", ver abaixo: Anexo A, 1.

79) Sôbre esta palavra, ver abaixo: Anexo A, 2, o sabor do original: "Quer ter a graça..." desafia a tradução.

80) Sôbre esta palavra, ver abaixo: Anexo A, 3. Na sua carta de 20 de Novembro de 1865 a Ida Ribette, Bernadete liga-a à aparição de 25 de Março (que ela situa falsamente no último dia da quinzena), mas no relato de 1866 situa-a, mais exatamente, a 18 de Fevereiro.

As quatro aparições seguintes são ocupadas essencialmente pela oração e pelo êxtase. Na sexta-feira 19[81], o demônio manifesta-se, ululando nas margens do curso d'água: "Foge! Foge!"[82] E' à Senhora que êle parece falar antes que a Bernadete — à feição dos demônios do Evangelho suplicando ao Cristo afastar-se.[83] No sábado 20[84], a Virgem ensina a Bernadete uma oração que ela recitará todos os dias da sua vida e cujo segrêdo ela guardou.[85] No dia seguinte, domingo 21, consoante o testemunho do Dr. Dozous, ela ouve pela primeira vez um apêlo que será renovado nas aparições ulteriores: "Rogai a Deus pelos pecadores".[86] No dia seguinte, 22 (será em sinal de luto, e de penitência após essa primeira menção dos pecadores?), nenhuma aparição.[87]

A têrça-feira 23 e a quarta-feira 24 de Fevereiro[88] constituem uma zona um pouco nebulosa. Os testemunhos não nos deixaram nada que permita distinguir êsses dois dias; sem fundamentos precisos situam-se nêles os três segredos recebidos pela vidente.[88a] Sem dúvida, foi num dêstes dias que Bernadete, fazendo eco à Senhora (que se manifesta com intermitência e se faz procurar pela vidente), repete por três vêzes a palavra que domina tôda a fase central: *Penitência!*"[88b]

A quinta-feira 25 de Fevereiro[89], justamente no meio da quinzena, marca um vértice. A fonte, elemento importante da futura peregrinação, é manifestada.[90] Por outro lado, a penitência assume uma forma ativa. Sob a direção da Virgem, a vidente entrega-se a exercícios penosos e humilhantes. Cava a terra com as mãos, bebe da água

81) Cros I, 178-185. Trochu, pp. 108-113.
82) Trochu, p. 112, Cros I não reteve êsse fato. Passa-o em silêncio pura e simplesmente.
83) *Mc* 5, 8 e paralelos sinóticos.
84) Cros I, 185-187. Trochu, pp. 114-120.
85) Trochu, p. 115, citando o cônego Augusto Perreau, Pr. ord. Nevers, fol. 138, Sempé, p. 126, e Madre Henri Fabre, Pr. ord. Nevers, fol. 280. Cf. também o testemunho de Mlle. Estrade em 1878, *Ram* 10, 1929, pp. 55-56.
86) Sôbre esta palavra, ver abaixo: Anexo A, 4. E' de acôrdo com o testemunho do Dr. P. R. Dozous, *La grotte de Lourdes*, Auch, 1874, p. 37, que presumimos a data em que essa palavra foi pronunciada pela primeira vez. Mas não se podem reter as variantes prolixas dessa testemunha.
87) Cros I, 208-225. Trochu, pp. 144-150.
88) Cros I, 225-250. Trochu, pp. 150-162. As lembranças de M. Estrade e de sua irmã, que viram em seguida outras aparições similares, não permitem precisar com segurança os diminutos característicos próprios a cada aparição. Parece que a 24 a Virgem apareceu por intermitência e se fêz procurar por Bernadete (Testemunho de Fanny Nicolau, Cros I, 242-243).
88a) Sôbre êsses três segredos, ver Trochu, pp. 154, 516, 523, 553. Cros III, 7, 8, 9. E. Guynot, *Sainte Bernadette, Souvenirs inédits*, p. 308, *Ram* 10 (1929), pp. 130 e 152 (Testemunho de Joana Védère). Sabemos sòmente a palavra pela qual a Virgem proibiu a Bernadete divulgar essas comunicações: "Proíbo-vos dizê-lo a quem quer que seja". Sôbre esta palavra, ver abaixo, Anexo A, 11.
88b) Sôbre esta palavra, ver abaixo: Anexo A, 5. No tocante à data, há flutuação. O Dr. P. R. Dozous (*La grotte*, 1874, p. 48) situa-a a 22 de Fevereiro. J.-B. Estrade (Memória de 1878, *Ram* 10, 1929, p. 72), a 23. O P. Cros (I, 295) reporta-a "provàvelmente" a 26 de Fevereiro. Porém mais acima já estabelecemos que não houve aparição nesse dia. Michel de Saint-Pierre (*Bernadette*, Paris, Plon, 1952, p. 51) e Mons. Trochu (p. 162) conjecturam o 24.
89) Cros I, 255-270. Trochu, pp. 162-169.
90) Cros I, 270-289. Trochu, pp. 165-166, n. 1.

lodosa, come uma erva amarga.[91] A 26, é pela segunda vez, a penitência da ausência.[92] A 27, os exercícios de penitência continuam.[93] Nesse dia Bernadete ouve (será pela primeira ou pela segunda vez?) o convite: "Ide beijar a terra em penitência pelos pecadores".[94] Êsses exercícios continuam nos dias seguintes: 28 de Fevereiro (em que a multidão a imita, a convite do guarda-campestre) e 1.º de Março.[95]

A 2, aparece um fato novo. A missão de Bernadete começa. A Senhora dirige-lhe esta palavra: "*Ide dizer aos padres que façam construir aqui uma capela*"[96], e junta o pedido de que ali se venha em procissão.[96a] A 3, a môça, voltando à hora habitual, não viu a aparição, mas, voltando mais tarde por um chamado interior, achou a Senhora que a aguardava.[97] Interrogada sôbre a sua ausência, ela respondeu em substância — se-

91) A Virgem dirigi-lhe a êsse respeito duas palavras cujo texto estabelecemos abaixo no Anexo A, 6: "Ide beber à fonte e lavar-vos nela", e 7.: "Ide comer daquela erva que lá está". A erva era dorina, segundo M. Laffitte, Cros I, 272-273. Cf. Trochu, p. 167. — Era como trevo verdíssimo, testemunham Madeleine Pontic e Jeanne Laborde-Cassus. Cros. I, 301.

92) Já estabelecemos êste ponto mais acima, 23-31.

93) Cros I, 299-306. Trochu, pp. 173-176.

94) Sôbre esta palavra, ver abaixo: Anexo A, 8. Cros situa essa palavra a 26 de Fevereiro; mas erradamente, pois não houve aparição nesse dia.

95) Cros I, 307-332. Trochu, pp. 182-193. Essas aparições não parecem caracterizar-se por coisa alguma de particular.

96) Sôbre a forma dessa palavra, ver abaixo: Anexo A, 9. Sôbre a data em que ela foi pronunciada, ver Anexo B.

96a) Sôbre esta palavra, ver abaixo: Anexo A, 10.

97) 14ª aparição, Cros I, 360-365. Trochu, pp. 200-203.

gundo a confidência transmitida por Joana Védère — que a Senhora lhe dissera: "Não me vistes esta manhã porque havia pessoas que desejavam ver a atitude que teríeis na minha presença, e elas eram indignas disso: passaram a noite na gruta e profanaram-na".[98]

Na quinta-feira 4[99], a quinzena finda numa decepção. Tudo deixava prever para o dia de encerramento algo de sensacional. As pessoas haviam-se dito isto, e a multidão aglomerara-se enorme: cêrca de 20.000 pessoas repartidas dos dois lados do curso d'água.[100] Ora, não sòmente não se produziu nenhum milagre exteriormente durante a longa aparição, que se prolongou pelo tempo de um Rosário, como também a Virgem, que parecia dever ao menos revelar o seu nome como a vidente lho pedia cada dia da parte de M. Peyramale, ficou silenciosa. A multidão retirou-se recolhida e desapontada.

A Senhora aguardava a festa da Anunciação — 25 de Março de 1858[101] — para revelar o segrêdo que dava sentido e pêso ao resto das aparições: "*Eu sou a Imaculada Conceição*".[102] Agora reconhecida, ela aparecerá ainda duas vêzes: na quarta-feira de Páscoa, 7 de Abril[103], em que se

98) Testemunho de Jeanne Védère, em *Ram* 10 (1929), p. 146. (Cros I, 363, seguido por Trochu, p. 202, lê *desonrada* em vez de *profanada*).

99) 15ª aparição, Cros I, 370-391. Trochu, pp. 203-216.

100) *Supra*, nota 7.

101) 16ª aparição, Cros I, 443-463. Trochu, pp. 227-235.

102) Texto crítico dessa palavra, abaixo: Anexo A, 12.

103) 17ª aparição, Cros I, 479-484. Trochu, pp. 248-249.

produziu (talvez pela segunda vez) o "milagre da vela"[104], e a 16 de Julho.[105] Nesse dia as medidas contra a peregrinação chegavam ao auge. Uma paliçada fôra erguida, interdizendo ao público o acesso à gruta. Do outro lado do ribeiro, para além dêsse obstáculo, suprimida tôda distância, Bernadete viu a Senhora pela última vez:

Ela me apareceu no lugar de costume, sem nada me dizer... Eu nunca a tinha visto tão bela.

---

104) Ver a discussão de Cros I, 484-499, cujas conclusões são retomadas sob forma mais positiva por Trochu, pp. 249-251.

105) Trochu, pp. 286-287, citando os testemunhos de Antoinette Tardhival, inquérito Cros, manuscrito, ficha 171; de Bernadete (Interrogatório do P. Cros em Janeiro de 1879), e os livros de Sempé (p. 154), Dozous (pp. 65-66) e Estrade (pp. 155-158). Ver também o testemunho de Estrade, na sua memória de 1878, *Ram* 10 (1929), p. 85, e de Basile Castérot, cuja irmã Lucile foi testemunha dessa aparição (Depoimento oral de 1878, publicado *ib.*, p. 162).

CAPÍTULO II

O TESTEMUNHO

FATO impressionante, que importa sublinhar: só Bernadete viu a aparição. Ela foi a única testemunha da Virgem, visível para ela, e para os outros invisível. Detenhamo-nos nesta transmissão da mensagem. Precisemos a significação do papel que Bernadete desempenha e a perfeição com que o desempenha. E, para aclarar o assunto, situemo-lo mui primeiramente em relação à teologia do testemunho.

1. ESCÔRÇO TEOLÓGICO

Por que é que a Virgem apela para o testemunho de Bernadete? Por que é que se revela não às 20.000 pessoas reunidas, mas, em segrêdo, a uma só menina perdida no meio da multidão? Por que se faz mister que a mensagem cujo alcance será mundial passe por êsse canal tênue e desproporcionado? Nisso a Virgem não faz senão entrar numa disposição divina mais geral, cujo sentido nos cumpre descobrir.

A tática de Deus quando êle quis revelar-se ao mundo não foi fazer grandes encenações perante as massas, mas sim escolher um homem, ou um grupinho de homens privilegiados, ao qual

êle confia o cuidado de fazer passar a sua palavra. Assim, na origem, quando, o Onipotente decidiu retomar a humanidade para conduzi-la à Salvação, êle só falou a Abraão. Mais tarde, confiou as suas mensagens aos grandes inspirados que promoveram por etapas o desenvolvimento doutrinal e moral do povo eleito. Quando veio a hora da Grande Revelação, quando depois de "ter falado pelos profetas", Deus decidiu "falar por seu Filho" [106], foi no interior da humilde condição humana que assumira que Êste anunciou à terra a Boa-Nova. Enfim, o Verbo Encarnado, tendo deixado êste mundo sem o haver convertido, encarregou um grupo de doze testemunhas privilegiadas [107] de levar às nações o conhecimento da Salvação. Por que é que sempre a Palavra onipotente do Senhor do mundo passa por vias tão limitadas e, não raras vêzes, tão frágeis?

Êsse desígnio revela a delicadeza de Deus para com o homem. Êle criou o homem livre; não lhe força a liberdade; não se lhe impõe por coações maciças (à feição dos ditadores dêste mundo), mas propõe a sua palavra, por humildes meios, à escala humana. Age na humanidade não por violências exteriores, pelas seduções ou pelos terrores, que são as armas do anticristo ("capaz de seduzir, se possível fôra, até mesmo os eleitos", *Mc*, 13,22), mas do interior, por homens que nenhuma grandeza distingue segundo a carne. As grandes testemunhas de Deus, desde os profetas

106) Hebr., 1, 1-12.
107) Act., 1, 15-26; cf. Mt. 10, 2-4; 28, 20, etc.

até o Divino Carpinteiro de Nazaré, até os pescadores de Galiléia e até o Poverello de Assis, foram uns humildes e uns pobres. Em suma, Deus propõe-se à humanidade de maneira humana.

Êsse desígnio apresenta outra face, não menos reveladora da delicadeza de Deus a nosso respeito. Êle entende de nos salvar não de longe e do alto, não nos dando uma salvação já pronta, mas entregando-nos meios de salvação que êle nos encarrega de pôr por obra. Esclareçamos por uma comparação a delicadeza dêsse desígnio. Eis uma família sem alojamento. Um homem rico oferece-lhe uma casa: torna-se-lhe benfeitor. Mas suponhamos que êle proceda diversamente. Oferece o terreno, os materiais, e propõe a essa família construir o alojamento, êle com ela. Trabalham diàriamente juntos. Essa casa terá mais valor para os beneficiários que assim a houverem construído pondo nela do seu. E o *"benfeitor"* ter-se-á tornado um *amigo*. Assim faz Deus conosco. Quer que a salvação do homem seja integralmente obra do homem ao mesmo tempo que obra divina: quer que ela seja, em tôda subordinação como em tôda amizade, uma obra comum, pois a graça divina tem por efeito promover a ação humana que interioriza e faz frutificar o dom do alto.

A Virgem de Lourdes entra nessa disposição geral estabelecida por Deus. Dependente tôda de Cristo, impregnada dos seus desígnios e dos seus métodos, ela transmite a mensagem dêle da mesma maneira, de maneira a mais humildemente humana: por meio de uma menina pobre, iletra-

da, doentia [108] e desprezada, de sorte que a sua obra celeste passe tôda por um canal terrestre, pela livre ação de uma criatura em estado de via.

Bem mais, ela dá uma mensagem que se reduz a algumas ordens breves: Oração, Penitência. Ir beber e lavar-se na fonte. Construir uma capela e ali vir em procissão. Deixa aos homens o cuidado de desenvolver todos os meios de realização dessa mensagem. Não dá o plano da capela e não grava a sua efígie no côncavo do rochedo. Os homens que construam e esculpam. Ela não entrega um ritual. Os "padres" que organizem a minúcia das orações e dos gestos. Fazendo assim apêlo às responsabilidades dos homens, sem dúvida ela deixa lugar às falhas dêles, mas também ao amor, ao livre empenho de todos os recursos da inteligência e do coração: método eminentemente ativo de pedagogia sobrenatural. E o elo terreno de onde tudo parte, aquela por quem a mensagem inicial será transmitida a todos, é a única menina a quem foi reservada a visão celeste, a fim de que todos cressem por ela. [109]

2. AS QUALIDADES DO TESTEMUNHO

Eis aí situado o papel de Bernadete. Resta frisar de que maneira notável ela o desempenhou. Aqui ainda, remergulhemo-nos nas fontes. Veja-

108) "Bernadete não era forte. Era asmática desde a idade de oito a dez anos. Tinha também palpitações de coração". Depoimento oral de Bernarde Castérot em 1878, *Ram* 10, 1929; p. 163.

109) Cf. Jo., 1, 7.

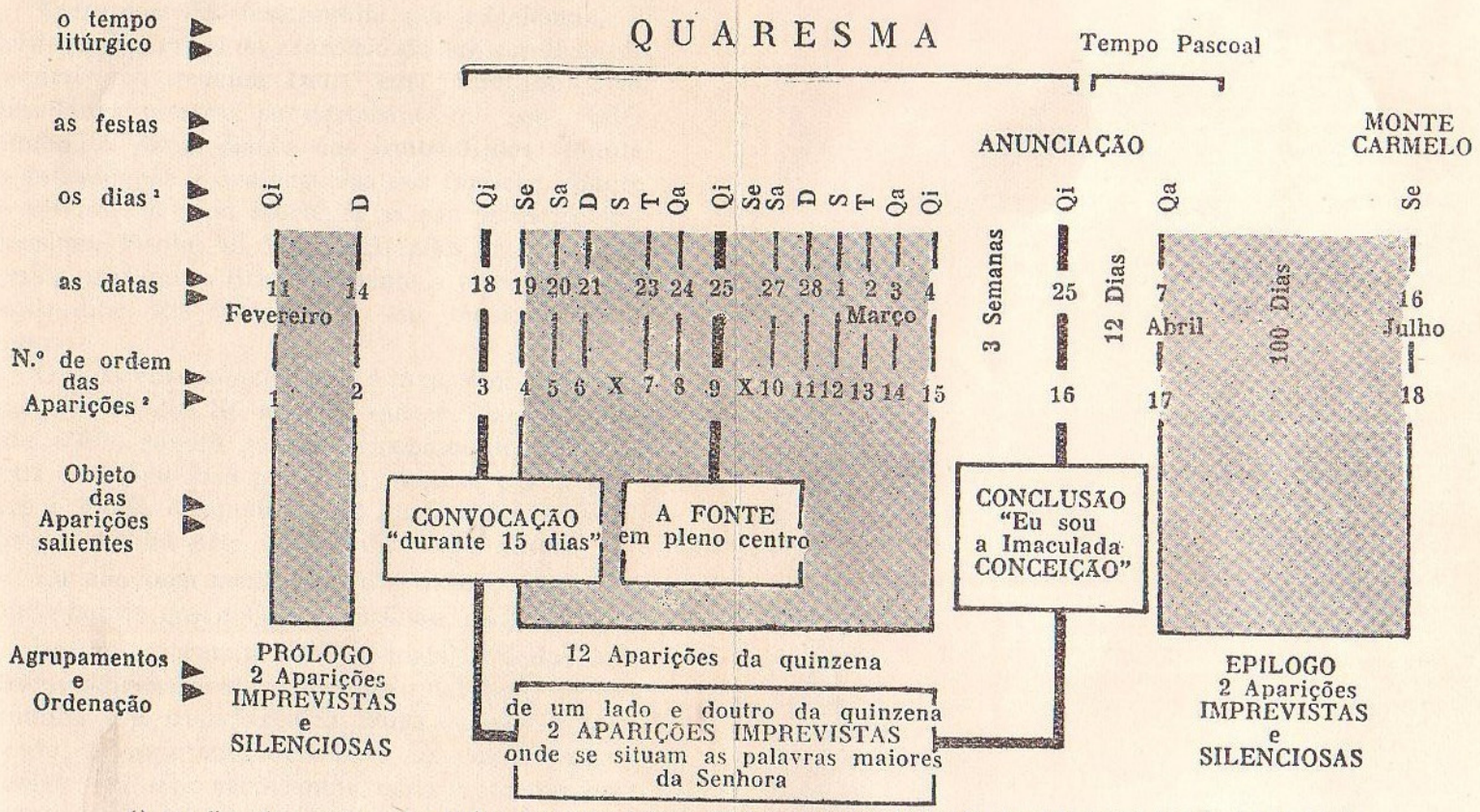
desprezada, de sorte que a sua
se tôda por um canal terrestre,
e uma criatura em estado de via.
a dá uma mensagem que se reduz
s breves: Oração, Penitência. Ir
na fonte. Construir uma capela
cissão. Deixa aos homens o cui-
lver todos os meios de realização
Não dá o plano da capela e não
gle no côncavo do rochedo. Os
struam e esculpam. Ela não en-
Os "padres" que organizem a
ões e dos gestos. Fazendo assim
abilidades dos homens, sem dú-
ugar às falhas dêles, mas tam-
livre empenho de todos os re-
ncia e do coração: método emi-
de pedagogia sobrenatural. E
onde tudo parte, aquela por
m inicial será transmitida a to-
menina a quem foi reservada a
fim de que todos cressem por

LIDADES DO TESTEMUNHO

o papel de Bernadete. Resta
eira notável ela o desempenhou.
rgulhemo-nos nas fontes. Veja-

não era forte. Era asmática desde
dez anos. Tinha também palpitações
mento oral de Bernarde Castérot em
; p. 163.
7.

ORDEM DAS APARIÇÕES
LOURDES, ANO JUBILAR DE 1858



1) *os dias da semana são designados pela inicial. Tôdas as aparições salientes situam-se numa quinta-feira.*
2) *os dias sem aparição são assinalados com um X.*

Para a explicação dêste quadro, ver pp. 31-34.

mos, a partir do Evangelho, o que é a perfeição do testemunho, e sentiremos melhor as qualidades evangélicas que impregnam o testemunho de Santa Bernadete e lhe dão o seu valor singular.

Partamos da testemunha por excelência, o Cristo, que através do exercício da sua condição de escravo nos revelou Deus em plenitude. Três qualidades mestras se destacam do seu testemunho. A *fôrça* diante das contradições: diante da intimidação e das argúcias dos fariseus, diante do sofrimento e da morte. E' o que primeiro impressiona. Porém há duas qualidades mais íntimas e mais profundas. Primeiramente a pureza do seu testemunho. Êle falava dêle em têrmos empolgantes:

O meu ensinamento *não é meu,* mas d'Aquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade d'Êle, saberá se êsse ensinamento vem de Deus ou se eu falo por mim mesmo. Quem procura a glória d'Aquele que o enviou, êsse é verídico, e não há nêle impostura.[110] Ou ainda:

Eu não faço *nada por mim mesmo;* mas, segundo aquilo que o Pai me ensinou, assim falo.[111]

Enfim, e tocamos aqui no mais vivo das realidades sobrenaturais, a terceira qualidade do testemunho é a transparência. Puro opõe-se a misturado; transparente opõe-se a opaco. A pureza consiste em não acrescentar nada à mensagem; a transparência consiste em não a velar como

110) Jo., 7, 16-19.
111) Jo., 8, 28; cf. 12, 49-50; 14, 10. Ver também o que concerne ao testemunho do Espírito Santo, 16, 13.

faz um nevoeiro, em refletir sem empobrecimento nem escurecimento os mais íntimos matizes, de sorte que, escutando a testemunha, se tenha a impressão de ver e de ouvir aquêle em nome de quem ela fala. A *fôrça* e a *pureza* caracterizam o testemunho enquanto êle consiste em palavras pronunciadas. A transparência está, no principal, para além da palavra: está nos gestos, no olhar, na entonação, e, mais profundamente, na fonte de tudo isso, na vida e na maneira de ser. Em definitivo, testemunha-se por aquilo que se é e por aquilo que se faz, tanto e mais do que por aquilo que se diz. Assim se explicam as palavras de São João:

O Verbo fêz-se carne e habitou entre nós, e *vimos a sua glória* [112],

e as de Cristo:

Há tanto tempo que estou convosco, e não me conheces, Filipe? Aquêle que me viu viu o Pai. [113]

Estamos no limite transcendente daquilo que pode ser a transparência de um testemunho. Seria esmagador passar sem transição dessa consideração maciça do Homem-Deus, testemunha do Pai das luzes, para a pequena Bernadete, testemunha da humilde Virgem Maria.

Tomemos um caso intermediário, o de João Batista. Reencontramos nêle, em escala mais humilde e mais acessível, as três qualidades do testemunho. A *fôrça* aparece nas palavras dêle às multidões [114], aos legistas que detêm a lei de Moisés [115], aos soldados que detêm a fôrça [116], a Herodes que detém a coroa. [117] A *pureza* do seu testemunho aparece na sua sobriedade e na maneira como êle se retrai diante de Cristo. Êle não junta nada de si mesmo às luzes do alto. Enfim, tôda a sua vida é uma *irradiação* da sua mensagem. Êle prega a penitência e vive primeiramente na penitência: vestido de pêlo de camelo, alimentando-se de gafanhotos e de mel silvestre. [118] Prega o juízo: "a cólera a vir", "o machado à raiz da árvore" [119], Aquêle que empunha "o crivo na mão" [120], o fogo que não se apaga. [121]. E êle mesmo já formula um juízo forte e sem compromisso sôbre a conduta dos homens: diz aos fariseus:

Raça de víboras. Fazei, pois, dignos frutos de penitência, e não digais: Temos Abraão por pai [122];

aos soldados:

Não molesteis ninguém. Não denuncieis falsamente, e contentai-vos com o vosso sôldo [123];

112) Jo., 1, 14. Cf. 1, 1: "O que era desde o comêço, o que nós ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, o que nossas mãos *tocaram do Verbo de vida* — pois a vida foi manifestada e nós lhe damos testemunho, — vo-lo anunciamos".
113) Jo., 14, 9.

Dr. Júlio César

114) Lc., 3, 7-9.
115) Mt., 3, 7-9.
116) Lc., 3, 14.
117) Mc., 6-18.
118) Mc., 1, 6.
119) Lc., 3, 9-10.
120) Lc., 3, 17.
121) Lc., 3, 17; cf. 3, 9.
122) Lc., 3, 7-8.
123) Lc., 3, 14.

a Herodes:

Não te é lícito teres a mulher de teu irmão.[124]

Prega Aquêle que há de vir.[125] Prepara-o. E, quando Aquêle vem, êle se abaixa e desaparece diante d'Êle[126], de sorte que a sua vida, ainda mais eloqüentemente do que o seu ensino, deixa transparecer a mensagem de que êle é encarregado.[127]

Na mesma linha, compreende-se por que razão certos santos nos dão o sentimento de encontrar-se de algum modo com o Cristo, porque O vivem, porque seus gestos, suas atitudes, sua maneira de ser são um reflexo dos costumes de Cristo. Tal é também a razão pela qual, depois de Pentecostes, Pedro escolheu os dois candidatos à substituição de Judas entre aqueles que haviam "vivido com Jesus desde o batismo de João até o dia em que Êle foi arrebatado ao céu" (At 1, 22). E' que convinha às testemunhas fundamentais, que eram os doze apóstolos estarem não sòmente informadas das palavras de Cristo, mas também impregnadas da divina maneira de ser que todos os cristãos são convidados a imitar (Cf. 1 Cor 4, 16; 11, 1).

Era mais útil esclarecer sob estas luzes o caso de Bernadete, do que enumerar longamente os seus atos de testemunha. Alguns fatos bastam para mostrar até que grau ela atestou, nos humildes limites da Revelação privada de que foi incumbida, as três qualidades que acabamos de examinar na sua fonte evangélica.

124) Mc., 6, 18.
125) Lc., 3, 15-18; Jo., 1, 15-28.
126) Jo., 1, 26-34; Mt., 3, 13-17.
127) Jo., 1, 35-39; 3, 27-29.

3. PROVA DE FÔRÇA

A sua fôrça aparece na oposição que ela encontra. Oposição de sua família e dos seus conselheiros primeiramente. Duro caso de consciência para aquela menina (como outrora para Joana d'Arc) êsse conflito entre os ditames da autoridade terrestre e os apelos da autoridade celeste.[128] Oposição dos poderes públicos depois. No domingo 21 de Fevereiro, ela suportará os interrogatórios e a intimidação do Procurador Dutour[129], e, depois, do Comissário Jacomet[130], triplamente temíveis para Bernadete por ser ela uma menina, por ser pobre, e por haver sua família acabado de conhecer a vergonha e a fome por ocasião do aprisionamento injustificado de Francisco Soubirous.[131] No domingo 28, é o Juiz de instrução Rives.[132] Bernadete, que, na sua fraqueza, na sua inexperiência, na sua humilde condição, deveria ter sido aniquilada diante daqueles longos interrogatórios cheios de ameaças, sempre reagiu com uma calma, com uma liberdade de espírito, em que o seu bom-senso e a sua in-

128) "Isso me faz sofrer, eu tenho de desobedecer a vós ou a essa Senhora", dizia Bernadete. Depoimento de Basile Castérot, a 1.º de Junho de 1878. *Ram* 10, 1929, p. 167. 129) Cros I, 193-197. Trochu, pp. 125-129.
130) Cros I, 197-205. Trochu, pp. 130-143.
131) A prisão durou de 27 de Março a 4 de Abril de 1867. Corrigir-se-ão as asserções inexatas de Cros I, 48-50, 311, etc., lendo o ajustamento de Trochu, pp. 52-54.
132) Cros I, 309-310. Trochu, pp. 187-189.

teligência certamente se patenteiam, porém ainda mais a graça. Ela tem réplicas que são como que a reprodução das de Joana d'Arc. Testemunha disto é êste diálogo com o Juiz de instrução a 28 de Fevereiro:

— Estás aí, marota?

— Sim, Senhor, estou aqui.

— Nós vamos trincafiar-te: que é que vais procurar à gruta? Por que fazeres correr tanta gente assim? Alguém está te empurrando para te fazer agir assim: vamos meter-te na cadeia.

— Estou pronta; metei-me na cadeia, e que ela seja sólida e bem fechada, do contrário eu fujo.[133]

Quiséramos citar longamente as suas respostas. Limitemo-nos porém a um exemplo. O primeiro contacto de Bernadete com Jacomet na delegacia de polícia de Lourdes, no domingo 21 de Fevereiro. Daremos apenas algumas reproduções dessa conversa, que durou hora e meia[134], e da qual as testemunhas nos reconstituíram longas seqüências[135]:

— Quem é então essa Senhora?

— Não a conheço.

— E' muito bela?

133) Testemunho do cantoneiro León Latapie, Inquérito Cros, ficha 87; cf. Cros I, 310. Trochu, 187.

134) Autógrafo de Bernadete 1866; cf. Processo apostólico de Nevers, fol. 301.

135) Reconstituímos aqui o interrogatório de acôrdo com as memórias redigidas em 1878 por Mlle. Estrade (*Ram* 10, 1929, p. 44) e as de J.-B. Estrade (*ib.*, pp. 62-68), que completam diversas recordações de Bernadete (especialmente o autógrafo de 22 de Agôsto de 1864). Cf. Cros I, 197-207, e Trochu, pp. 138-139.

— Oh! é.

— Como quem ela é bela? Como Mme. X..., como Mme. Z...?

— Mais do que isso: elas nem se comparam (Non y poden pas hé).

— Vêem-se os pés dela?

— Não, não muito: o vestido e as rosas escondem os pés, exceto os dedos.

— Vêem-se os cabelos?

— Um pouco por cima das fontes.

— Tu dizes que é a SS. Virgem que te aparece?

— Não sei se é ela, ela não me disse.

— Deste a conhecer a teu pai e a tua mãe o que viste em Massabielle?

— Dei, sim, senhor.

— E teus pais que dizem sôbre isso?

— Que eram ilusões e que eu não devia mais voltar a Massabielle.

— Sim, minha filha, não deves mais voltar à gruta. Tôda gente ri de ti, e muita gente acredita que estás maluca... Tiveste mêdo, tua imaginação exaltou-se, a essa senhora que acreditaste ver não existia realmente.

— Mas, senhor, eu a vi várias vêzes... não posso enganar-me sempre.[136]

Depois de cada resposta, o Sr. Jacomet escrevia.

— Estás vendo? dizia êle, porei por escrito tudo o que disseres. Ai de ti se mentires!

136) Essa parte do diálogo é tirada da Memória de J.-B. Estrade, *Ram* 10, 1929, pp. 65-66. Deixei passar réplicas menos bem fundadas, e preferi aqui ou ali as palavras referidas por Mlle. Estrade, *ib.*, p. 44.

— Senhor, eu não o enganei.[137]

No fim do interrogatório, êle pronunciou:

— Não, tu não dizes a verdade. Se não me fizeres conhecer a pessoa que te induziu a contar essa história, vou te perseguir como mentirosa.

— Senhor, faça como quiser.

— Tanto pior, ela quer, será punida.[138]

Aproveitando-se da fadiga dela, êle tentou longamente embaraçá-la:

— Recapitulemos:

Declaraste-me primeiro que uma mulher... bela com Mme. X...?

— Eu disse, senhor, que ela era mais bela do que tôdas essas senhoras que o Sr. me citou.

— Vá lá!... Que ela te havia aparecido no fundo da gruta de Massabielle.

— Não. Encima do rochedo: por cima da moita.

— Que ela trazia uma veste branca, que os seus cabelos caíam para trás, como um véu?

— O Sr. compreendeu mal: eu disse que um véu partindo da testa cobria a cabeça e depois caía para trás, até abaixo da cintura... Os cabelos mal se vêem.

— Que ela tinha uma rosa amarela na cintura e que os pés estavam inteiramente descalços.

— Não, senhor, o Sr. me mudou tudo. Eu disse que cada um dos pés estava enfeitado com uma rosa amarela.[139]

137) Memória de Emmanuélite Estrade, *ib.*, p. 45.
138) J.-B. Estrade, Memória de 1878, *ib.*, p. 67.
139) O fragmento de diálogo abaixo foi tirado de J.-B. Estrade, Memória de 1878, publicada em *Ram* 10, p. 67. No seu autógrafo de 22 de Agôsto de 1864, Bernadete dá uma idéia semelhante do desenrolar do diálogo: "Êle tomou papel e me disse que lhe contasse o que se tinha passado na gruta. Eu o fiz. Depois de pôr algumas linhas tais como eu lhe havia ditado, êle punha outras coisas que me eram estranhas. Depois, tendo dito que ia me fazer a leitura delas para ver se se havia enganado, eu escutava atentamente. Mas, apenas havia êle lido algumas linhas em que havia erros, então eu replicava vivamente: Senhor, eu não lhe disse isso; então êle se encolerizava, assegurando-me que sim, e eu lhe repetia sempre que não. Êsses debates duraram por alguns minutos, e, em seguida, quando êle viu que eu persistia em lhe dizer que se enganara, êle ia um pouco mais longe e recomeçava a ler aquilo de que eu não tinha falado, e eu a sustentar que não era assim; era sempre a mesma repetição. Fiquei lá durante uma hora ou hora e meia". (Adotei as correções de ortografia e diminutos retoques de estilo aditados por outra mão sôbre êsse documento com a concordância de Bernadete).

Cansado da luta, êle tentou concluir a conversa:

— Até agora eu me dignei de escutar as tuas parvoíces e de suportar as tuas teimosias. Mas no entanto a comédia precisa acabar. Ainda uma vez: estás disposta a declarar que o relato da gruta não passa de uma história preparada, e a prometeres que não mais voltarás a Massabielle?

— Senhor, eu lhe disse a verdade e prometi vir à gruta durante quinze dias.

— Minha filha, tu não passas de uma marota! Esperavas enganar-me como enganaste as boas mulheres do teu quarteirão: és muito tola para isso... Vou mandar vir os guardas, prepara-te para ir para a cadeia.[140]

140) J.-B. Estrade, Memória de 1878, *Ram* 10, (1929), p. 67. Mudei a expressão "comprometi-me a me representar" para "prometi vir", mais verossímil na bôca de Bernadete. Estrade custa a se libertar de um estilo afetado.

E a prevenida responde:

— Tanto melhor! Custarei menos caro a meu pai, e na prisão os Srs. virão ensinar-me o catecismo! [141]

Coisa curiosa: êsses personagens impressionantes, o comissário Jacomet que se impunha tão forte aos seus subordinados [142], o juiz, o procurador e o quadro majestoso do tribunal não parecem ter conseguido impressionar Bernadete. Ela parece ter sentido de algum modo o lado caricato daquela solenidade mesquinha tão cruelmente estigmatizada por Daumier. Conhece-se a reflexão dela diante do procurador no fim de uma audiência de várias horas em que êste as interrogou — a ela e a sua mãe — sem fazê-las sentar. Passando por ali, Mme. Dutour, notando sem dúvida a exaustão das duas mulheres, murmura com condescendência: "Há aqui uma cadeira, podem tomá-la". E Bernadete, exausta de corpo, mas lúcida de espírito, responde:

Não, a gente a sujaria. [142a]

141) Processo apostólico, fol. 411, citado por Trochu, p. 140, nota 1.

142) Ver o testemunho ditirâmbico do guarda Callet: "Nunca tivemos um igual na cidade... Em costume, com o seu chapéu "à claque", diríeis um general" Cros I, 198-199. Trochu, 131-132). Bernadete era menos fascinada: "Êle tremia e tinha no barrete uma bolota que fazia tintim", diz ela a Dominiquette Cazenave ao sair do interrogatório (Depoimento de D. Cazenave em 1878, *Ram* 10, 1929, p. 173).

142a) Testemunho de Sóror Madeleine Bounaix "Processo ord., p. 1168). No seu autógrafo de 1866 (reproduzido em *Revue Bernadette* 5, 1937, pp. 86-87), Bernadete cala a sua reflexão, mas faz-nos saber que recusou a cadeira e "se sentou no chão como os alfaiates".

Foi o procurador quem se sentiu julgado, e, ferido ao vivo, azedou-se:

Êle estava tão em cólera, dizia Bernadete, que já não sabia achar o buraco do tinteiro. Afinal pôs-nos para fora. Isso durou várias horas; êle fazia-me sempre recomeçar. [143]

Mas o grande temor de Bernadete não foram êsses homens de lei, cuja pequenez ela sentia, foi outra autoridade, aquela que representava em Lourdes não as pontas pretensiosas dos bigodes imperiais, mas o Deus onipotente. Aí Bernadete procura um sustentáculo para vencer o desfalecimento que a empolga; faz-se acompanhar por almas de boa vontade e confessa o seu mêdo. [144] E, de fato, era impressionante M. Peyramale, aquêle homem robusto e ereto, todo de uma só peça nos seus ataques, maciço como as montanhas da redondeza, e Bernadete "fazia-se pequena debaixo do seu capucho" quando o Sr. Cura fulminava:

Estás mentindo, não vês coisa alguma! [145]

ou ainda:

Disseram-me que comeste erva como os animais. [146]

143) Depoimento de Basile Castérot a 1.º de Junho de 1878, publicado em *Ram* 10, p. 167: "Depois que M. Dutour e M. Jacomet interrogaram Bernadete, eu fui vê-la".

144) Cf. Cros I, 341, e Trochu, p. 195 citando diversos testemunhos a êsse respeito.

145) Testemunho de Jeanne Védère publicado em *Ram* 10 (1929), p. 127.

146) Testemunho de Basile Castérot em 1878, RAM

Basile Castérot, que acompanhou Bernadete, guardou dessa visita uma lembrança apavorada:

Ouvir o Sr. Cura, isso fazia tremer... Êle tinha uma voz fortíssima... Ia e vinha gritando. Era apavorante (o) ver. Nós nos tornávamos como dois grãos de milho.[147]

Em conseqüência, Bernadete atrapalhou-se na primeira metade da sua incumbência e esqueceu-se da segunda. Mas, dominando o seu mêdo, voltava naquela mesma tarde para cumprir o fim da sua missão: o pedido da capela, "mesmo que fôsse pequenina"[148], murmurou ela, juntando pela segunda vez na sua vida uma interpretação pessoal às palavras da Senhora.[149]

10, 1929, p. 166 e depoimento no Processo ordinário, sessão 62, fol. 801 r°. Cf. testemunhos citados por Cros I, 340-350. Trochu, p. 195.

147) *Ram* 10, 1929, pp. 166-167. Sem dúvida, cumpre dar o desconto aos dizeres dessa testemunha pitoresca que parece infirmar o ditado: "Bom bico, só de Paris" (?). No seu depoimento no processo do ordinário (sessão LXII, p. 796 ss.) ela se embarca com outro tanto ardor noutro ponto de vista: "Digo a Bernadete: Tiveste mêdo do Sr. Cura. — Não, não tive mêdo. Por que haveria de ter mêdo?... Bernadete não tinha mêdo de nada". A verdade deve achar-se entre as duas coisas. A vidente era mais corajosa do que sua tia, mas não era arrogante diante do seu pastor. As ameaças que Dominique Vignes empresta a M. Peyramale (Cros I, 341) afiguram-se-me inverossímeis.

148) Depoimento de Dominiquette Cazenave em *Ram* 10, 1929, p. 171.

149) Há alguma dificuldade sôbre a ordem, a data e o teor das visitas de Bernadete a M. Peyramale (Cf. acima, nota 96). Os três testemunhos de base são os de *Jeanne Védère* (*Ram* 10, 1929, p. 128), que enumera cinco visitas: três antes de 4 de Março, uma nesse dia, uma a 25 de Março; de *Basile Castérot* (*ib.*, pp. 166-167), que dá conta de três visitas (pouco depois de 25 de Fevereiro, a 2 de Março e a 25 de Março); e de

Não se acabaria de mostrar em todos os seus aspectos a fôrça do testemunho de Bernadete, pois êle teve muitas outras provas a suportar. Entre os interrogatórios oficiais, vinham os dos belos espíritos, da gente esclarecida, vinda para apanhá-la em falta. A 26 de Fevereiro, é M. Estrade[150]: "Procurei-lhe choques de palavras, surprêsas, contradições de relato", escreve êle. A 28, após o interrogatório do juiz Rives, é o professor Cla-

---

Dominiquette Cazenave (*ib.*, pp. 170-171) que fala das duas visitas sucessivas de 2 de Março, mas as coloca erradamente num sábado. Cumpre retificar esta diminuta inexatidão, e a de Jeanne Védère (p. 128), que situa desde a primeira visita o pedido da capela. Eliminadas estas confusões bem explicáveis, as contradições aparentes dos diversos testemunhos resolvem-se harmoniosamente, e reconstitui-se o desenrolar seguinte:

1.° Primeira visita pouco depois de 25: provàvelmente a 27. Aí não se trata da capela. E' Basile Castérot quem nos transmite a verdadeira natureza da conversa de que ela foi testemunha (p. 166).

2.° A segunda situa-se a 2 de Março *de manhã* (pp. 166 e 171).

3.° A terceira, no mesmo dia às 19 horas (p. 171). Dos têrmos da conversa parece ressaltar que o pedido da capela é uma novidade.

4.° A quarta visita (êste número de ordem afirmado por Jeanne Védère deve ser mantido, *contràriamente à correção proposta pelos editôres*) situa-se a 3 de Março. Nela Bernadete dá conta da incumbência feita pela manhã: "Eu disse a ela que fizesse florir a roseira; ela sorriu... mas quer a capela" (p. 128).

5.° A quinta visita tem lugar a 4 de Março (*ib.*): a quinzena está terminada. A Senhora não disse o seu nome. M. Peyramale informa-se ("Ela não te disse que voltasses?" — "Não, Senhor Cura"), e esquiva a execução da ordem relativa à capela.

6.° A 25 de Março, sexta visita em que Bernadete traz a última palavra da Senhora: "Eu sou a Imaculada Conceição".

150) Memória de 1878, *Ram* 10, 1929, p. 80.

rens quem vem para a "achar em falta sôbre os seus discursos".[151]

Alguns — e são em geral os padres — têm uma arte temível para lhe insinuar na alma a dúvida ou a perturbação. Um dêles anotou o diálogo seguinte[152]:

— Você diria o seu segrêdo ao Papa?

— A SS. Virgem me disse que eu não o dissesse a ninguém: o Papa é uma pessoa.

— Sim, mas o Papa tem o poder de Jesus Cristo.

— O Papa é muito poderoso na terra, mas a SS. Virgem está no céu.

— Como se poderá saber se foi realmente a SS. Virgem que lhe apareceu? talvez seja uma ilusão do demônio.

— Eu joguei água benta nela, e ela fêz o sinal da Cruz. Ela rezava o têrço comigo.

— Não importa: o demônio poderia ter feito tudo isso!

151) Memória de 3 de Março de 1858; *Ram* 10 (1929), p. 14.

152) Cros III, 9. Outros tentavam fazer ressaltar algum fundo de orgulho ou de presunção secretamente existente nela. Assim o abade Pène, aludindo à promessa feita pela Senhora de fazer Bernadete feliz no outro mundo:

— Agora poderás divertir-te, gozar plenamente, fazer o que quiseres. Não tens que temer falhar à tua salvação.

— Oh! Não é isso. Ela me fará feliz desde que eu proceda bem, responde Bernadete (Cros I, 208). Êste interrogatório situa-se entre 21 de Fevereiro e 4 de Março de 1858). Cf. as perguntas do Cura-Deão de Vic (Cros II, 413), etc.

— Ah! bem, isso agora já não é comigo: eu creio que era a SS. Virgem.

Será que alguém mede a provação nervosa, a usura de resistência moral que tudo isso representa, o que pode ter sido a volta dessas perguntas e ameaças nos seus pesadelos de asmática?[153] Que terá ela sentido no interior dessa provação em que a graça a assistiu? E' difícil medi-lo, a não ser por alguns indícios raros: sãs impaciências, reflexões um pouco vivas[154], mais ainda, talvez, uma confidência indireta. Durante a única verdadeira viagem da sua vida (a que a conduzia de Lourdes a Nevers, onde devia morrer), ela visitou Bordéus. E eis o que ela achou "o mais belo" — isto é, segundo o sentido popular dêsse têrmo,

153) Eu não penso que algum dos personagens citados tenha agido com más intenções. Êles procuravam a verdade ou a ordem. Mas a convicção com que êles demandaram o seu objetivo tornou-os às vêzes mais terríveis do que êles teriam tido vontade de ser por malevolência. E a coligação dos seus esforços submeteu Bernadete a uma prova sôbre-humana. Êsse conjunto de empreendimentos, conduzidos por especialistas para a pôr em contradição consigo mesma, ou para lhe fazer renegar as suas visões por intimidação, estabeleceram com fôrça impressionante a veracidade das aparições.

154) A última, no seu leito de morte, por ocasião dos minuciosos interrogatórios do P. Cros, em Janeiro de 1879: "Será que eu posso me lembrar de tudo isso? Se êles querem sabê-lo, que a façam voltar" (Carta de Madre Adelaide Dons ao P. Sempé, 30 de Janeiro de 1879, citada por Trochu, p. 541; Cf. p. 540, nota 2). Ver também o testemunho de um peregrino de 14 de Abril de 1864: "Após as visitas importunas, uma das suas palavras é esta que as freiras muitas vêzes ouviram: *Oh! Como essas senhoras m'embêtent!*" A testemunha acrescenta: essa palavra é a única conhecida no seio do povo para dizer "*me aborrecem*" (*sic* Cros III, 161).

o mais comovente — em razão de uma aproximação transparente:

Adivinhem o quê. Uns peixes vermelhos, pretos, brancos, cinzentos. Foi o que eu achei de mais belo, ver aquêles bichinhos nadarem *sem receio em presença de uma multidão* de garotinhos que olhavam para êles.[155]

Pobre Bernadete, que nadava tão simplesmente, tão espontâneamente em aparência — mas não sem receio, confessa-o ela aqui em parábola — perante as autoridades de quem era a prêsa, e a multidão dos visitantes de quem se sentia, dias a fio, o animal curioso...

4. PUREZA DE TESTEMUNHO

Múltiplas vêzes fizemos notar a fôrça de que ela deu prova. Mais notável ainda parece-me ser a pureza sem mistura do seu testemunho.

Entre as videntes, mesmo canonizadas, muitas têm tendência a bordar sôbre as comunicações celestes, ou a lhes juntar alguma coisa do seu próprio fundo. Por isto, muitas vêzes é difícil fazer a parte da mensagem e a da mensageira. Fato tal nada tem de surpreendente, nem mesmo de subjetivamente repreensível. Os fenômenos carismáticos agem de maneira viva sôbre a imaginação, sôbre a sensibilidade, sôbre a inteli-

155) Carta às religiosas de Lourdes, 20 de Julho de 1866, reproduzida por M. T. Bordenave, *Sainte Bernadette*, Nevers, 1933, ed. 1948, pp. 118-119. Outra reação característica: ela não desejava voltar a Lourdes, por causa das multidões que não deixariam de assaltá-la. E. Guynot, *Sainte Bernadette*, Paris, Spes, 1937, pp. 193-197.

gência; é natural que essas faculdades assim abaladas entrem em ação, enveredem no sentido da graça, e prolonguem, por seu movimento próprio, o contacto inicial. E' mui simplesmente normal que a comunicação viva faça a sua obra em quem a recebe, que nêle se desenvolva e frutifique.

E' preciso ao mesmo tempo um temperamento e uma graça extraordinários para se precatar de tôda confusão entre o dado e as transfigurações da lembrança, para desenvolver na própria vida os frutos da mensagem sem desenvolver do mesmo passo a própria mensagem. O testemunho de Bernadete é estufaciente sob êste aspecto.[156] Durante os 25 anos da sua vida de testemunha, solicitada de tôdas as partes, ela voltou imperturbàvelmente às mesmas afirmações.[157] Teve nisso um mérito singular. Porquanto, depois de suportar pressões contrárias à sua mensagem, teve de afrontar diàriamente um perigo mais sutil, porém não

156) As únicas "deficiências" que se poderiam notar no seu testemunho seriam as seguintes:

1.° Ela era indiferente à minúcia da cronologia. Sob a sua pena, *em seguida* não tem valor cronológico, mas equivale, às vêzes, a *"Acrescento que"*, antes que a *"depois disso"*).

2.° Sôbre os *detalhes sem importância*, ao menos em aparência ela às vêzes cedeu a interrogadores teimosos. Para se desvencilhar das discussões dêles, refugiava-se num silêncio calmo e benevolente, que muitas vêzes êles tomaram como uma aprovação (ver acima nota 62. Cf. também nota 149).

Êsses dois traços provam sobretudo o seu bom-senso e o seu equilíbrio. Os requintes cronológicos são, por si, coisa acessória. (Os evangelistas também não se preocuparam com êles). E é mais sábio retirar-se sem ruído do que irritar-se sôbre nadas.

157) Nem mesmo os especialistas — o comissário, o juiz de instrução — podem apanhá-la em falta.

menos temível: a admiração, a lisonja, que tantas vêzes fazem soçobrar as mais belas inteligências. De tôdas as partes forçam a representar um papel, a fazer a sua personagem de vidente e de extática; aguardam-se dela oráculos, gestos teatrais. Instam com ela para aditar às suas revelações detalhes, precisões novas que de antemão se acolhem com admiração e reconhecimento.[158] Nada é mais difícil do que resistir a um tal arrastamento. Bernadete fica sendo o que é, até o ponto de uma brejeirice que escandalizava Frei Leobardo e lhe fazia dizer:

Descobre-se nela muito de travessura... Se bem que eu sempre tenha acreditado na realidade da aparição, agora eu me veria reduzido a duvidar dela, se as numerosas curas que têm tido lugar não determinassem a minha convicção.[159]

O Frade diretor da escola de Lourdes fazia uma idéia mais compassada da santidade.

Sob todos os aspectos, o testemunho de Bernadete ficou sendo no estado bruto, o que êle tinha sido desde o início até o fim. A única diferença é que, com os anos, ela esquecia a minúcia e confessava francamente já se não lembrar das precisões que dera de imediato. Uma das suas respostas mais freqüentes é: "Não me lembro", "Não o notei".[160] Suprema pedra de toque, ela

158) Ver por exemplo Cros III, 161. Trochu, p. 312. E. Guynot, *Sainte Bernadette*, Paris, Spes, 1937, p. 237.

159) Memória de 1858-1859, publicada em *Ram* 10 (1929), p. 31. Cf. Cros II, 377, e inquérito Cros II, 178, citado por Trochu, p. 283.

160) Nos últimos questionários que lhe foram dirigidos, a resposta mais freqüente é que Bernadete "não

reconhece não sòmente os seus esquecimentos, mas também os limites da sua compreensão.[161] Não se possui dela nenhum *comentário* da mensagem.[162] Ao contrário, ela confessa não compreender o sentido de certas palavras, o porquê de certos gestos que a Virgem lhe ordenou.[163] Do mesmo modo, ela tem um senso estritíssimo (e muito estável) dos limites da sua missão. Heróica quando deve cumprir uma ordem, ela é de uma passividade desconcertante para o resto. Testemunha disto êste diálogo com o Deão de Vic no início de Setembro de 1858.[164]

se lembra disso" ou não guardou "nenhuma lembrança". No questionário de Tarbes (fim de 1878), essa resposta revém 17 vêzes sôbre 33 para a 1ª *Série*, 10 vêzes sôbre 19 para a *segunda*. Proporção um pouco menos elevada nos questionários do P. Cros. Cf. também Cros I, 93-94, 296-298, 339, 336, 454, 456-458; III, 9, 13, 252; *Ram* 10 (1929), p. 28.

161) Ver, p. ex., a memória de 1878 de J.-B. Estrade, em *Ram* 10, (1929), p. 81.

162) Ver, p. ex., a memória de Clarens (Março de 1858), em *Ram* 10 (1929), p. 14; cf. memória de Mlle. Estrade, *ib.*, pp. 55-56.

163) Carta do irmão Cérase (1858) publicada em *Ram* 10 (1929), p. 21. Memória de J.-B. Estrade (1878), *ib.*, p. 81 ("Por que a Senhora te obrigava a beber e a te lavares na água turva, enquanto tinhas água muito bela na torrente? — Não sei de nada"). Cf. p. 85, p. 129, linha 5, e Cros I, 355, 462. Cf. também resposta ao questionário de 12 de Janeiro de 1879 (Arquivos de Nevers): "Sóror Marie Bernard não tem consciência das razões que causavam as alternativas de alegria e de tristeza notadas no seu rosto".

164) Cros II, 413. Cf. Testemunho de Emilie Marcillac, Processo apostólico de Nevers, fol. 740, citado por Trochu, p. 289, e testemunho de Madre Josephine Forestier, Processo ord., sessão VIII, p. 112: "Eu não estou encarregada de vo-lo fazer crer, mas estou encarregada de vo-lo dizer".

— E' verdade que viste a SS. Virgem?

— E', senhor abade.

— Eu, eu não acredito que a tenhas visto. (Silêncio de Bernadete).

— Pois bem, não me respondes nada?

— E que quer que lhe responda?

— Deverias fazer-me crer que realmente viste a SS. Virgem.

— Oh! Ela não me disse que o fizesse crer!

Enfim, apesar de assaltos quotidianos e surprêsas de tôda sorte, ela guardou estritamente os segredos a ela confiados e levou-os consigo para o túmulo.[165]

5. TRANSPARÊNCIA

Venhamos ao mais íntimo do testemunho: a transparência. Não acrescentar nada à mensagem poderia, a rigor, ser obra de uma certa pobreza interior. Ao contrário, é preciso muita riqueza de alma para fazer passar o conteúdo do testemunho sem o obscurecer nem o velar, para o deixar transparecer sem desfalecimento durante uma vida tôda. Os que souberam *ver* o Cristo com o olhar da fé, como S. João, tiveram o sentimento de ter visto o Pai (Jo 14, 10), e os que viram os apóstolos e os santos tiveram o sentimento de ter visto Jesus. De maneira análoga, os que viram Bernadete durante as aparições tiveram o sentimento de ter visto, de alguma maneira, a Santíssima Virgem.

165) Supra, nota 88ª.

Examinemos êste fenômeno de mimetismo sobrenatural que foi um dos segredos do testemunho de Bernadete. Êle é essencialmente espiritual, mas, como o corpo e a alma são estreitamente ligados, tem êle também um aspecto corporal; e não raras vêzes é por aí que as coisas começam (sem dúvida os apóstolos modelaram inconscientemente as suas atitudes pelas de Cristo, longo tempo antes de lhe viverem em profundeza os sentimentos divinos). Iremos, pois, do exterior para o interior, daquilo que há de físico e de encarnado para o que há de mais espiritual nessa irradiação.

Desde o primeiro instante, a vidente torna-se o espelho da Imaculada. Acometida de uma espécie de inércia, colocada num estado de inteira disponibilidade diante daquela que ela avista, ela lhe reflete os gestos e a expressão do rosto. Ela mesma nos descreve com precisão o que se passou nela quando a visão desconhecida se manifestou pela primeira vez na manhã de 11 de Fevereiro:

Eu quis fazer o sinal da Cruz. Não pude. A mão me caiu... Entretanto, eu não me fui embora. A visão faz o sinal da Cruz. Eu também tentei... então pude.[166]

166) Carta de 22 de Agôsto de 1864. Arquivos de Nevers. Notações análogas na carta de 22 de Maio de 1861 e no autógrafo de 1866. Cf. êsse traço referido no questionário enviado de Tarbes no fim de 1878 (Arquivos de Nevers): "*Pauline Cazaux* diz que um dia, *na sua presença*, Bernadete durante a visão não pôde acabar o sinal da Cruz, e que, interrogada a êste respeito, respondeu: "A Senhora não tinha acabado o têrço. Precisei esperar que Ela acabasse". *Dominiquette Cazenave* declara ter visto isso duas vêzes. (IIª série, quest. 6).

Desde o início das aparições, Bernadete, estabelecida num estado de relaxação total, é invadida pelos gestos e pelas atitudes da Imaculada. "Como é que você faz tais sinais da Cruz?", perguntavam-lhe. E ela respondia invariàvelmente:

Eu não sei como é que faço; a Senhora se persigna, e eu faço como ela.[167]

Tôdas as aparições são dominadas por êsse fenômeno. Salvo em raríssimos momentos, ela só age à imitação da Virgem ou por sua ordem. Os gestos que respondem às *ordens* de Maria são limitados a curtas fases das aparições intermédias.[168] São a parte de humilhação e de penitência que convém aos homens dêste mundo; êles desconcertavam os espectadores. Os gestos que respondem à *imitação* de Maria constituem a trama das aparições. Êles maravilhavam tôdas as testemunhas e lhes deixavam a impressão profunda de terem visto algo que não era da terra.

Quatro gestos principais reproduzem-se assim a cada manifestação da Virgem.

Há primeiro a recitação do têrço. Aqui, evidentemente, a Virgem não podia dar o exemplo a Bernadete. A Saudação angélica não teria sentido nos lábios dela. Pelo menos ela faz desfiar o seu têrço e saúda ao *Gloria Patri.*[169] Há em seguida

Dêste detalhe como de uma quantidade de outros, Bernadete não tinha guardado lembrança, porém ela não contradiz êsses testemunhos, que parece deverem ser retidos.

167) Cros I, 236.

168) 25 de Fevereiro — 1.º de Março.

169) Relatório dos comissários episcopais, 17 de Novembro de 1858 e 7 de Dezembro de 1860. Cros I,

os sorrisos que alternam com os momentos de tristeza. A Joana Védère que lhe perguntava as razões daquelas mudanças de fisionomia, ela respondeu:

Que ficava triste quando a Senhora estava triste e lhe dizia que rezasse pelos pecadores, e que sorria quando a aparição sorria.[170]

Dizia ainda:

Eu choro porque a Senhora chora.[171]

Mesma coisa para as saudações, cuja graça fazia Estrade dizer à noite da sua primeira visita à gruta:

Vi em Tolosa e em Bordéus Mlle. Rachel: é magnífica, mas infinitamente abaixo de Bernadete... Bernadete não representa comédia: vê um ente sobrenatural.[172]

E era bem assim que a vidente explicava as coisas:

— Mas, Bernadete, quem foi que te ensinou a fazer saudações tão bonitas? perguntavam-lhe.

— Ninguém, respondeu ela toda admirada. Eu não sei como foi que saudei, mas compreendo que devo fazer tudo como a visão faz.[173]

82. Quanto ao fato de a Virgem saudar ao *Gloria Patri*, só o achei no livro de J.-B. Estrade, *Histoire intime des apparitions*, Lourdes, 1898.

170) Testemunho de 1879 editado em *Ram* 10 (1929), p. 117. Cros I, 385, cita-o, porém de maneira a mais livre, em estilo direto e na primeira pessoa.

171) Cros I, 236.

172) Testemunho do abade Pène, citado por Cros I, 226.

173) Sempé, 113-114. Cf. Cros I, 236, e depoimento de Basile Castérot, Processo ord., Sessão LXII, p. 809: "Perguntei-lhe por que aquelas saudações? e ela me disse: Eu faço como a Senhora..."

Bernadete guardou na sua carne a lembrança viva de todos os seus gestos praticados à imitação da Imaculada. Até à sua morte, os seus sinais da Cruz impressionaram todos os que a viram rezar.[173a] Durante a sua vida tôda, ela conservou uma faculdade de imitar a SS. Virgem da qual só usou com extrema discrição, pois tinha horror a dar espetáculo. Mas aquêles que, por uma razão séria, puderam obter dela êsses gestos ficaram empolgados com êles, às vêzes para tôda a vida. Citemos dois testemunhos. O do escultor Fabisch, sincero sob os seus artifícios literários[174]:

Eu nunca vi nada mais belo do que quando lhe perguntei como era a SS. Virgem quando disse: "Eu sou a Imaculada Conceição". Ela se levantou, com grande simplicidade; pôs as mãos e levantou os olhos ao céu!... mas nem Fiesole, nem Perugino, nem Rafael fizeram jamais coisa alguma tão suave, e ao mesmo tempo tão profunda, como o olhar dessa menina tão simples, tão ingênua, tuberculosa até à ponta das unhas, e parece não desconfiar, o menos do mundo, que recebeu aí um favor insigne.

Outra testemunha atribui ao mesmo gesto a sua conversão. Apesar da enfatuação sensitiva e

173a) "No orfanato de Oloron, aonde fôra trazida, ela recitou o têrço... Ao fazer o seu grande sinal da Cruz, disse às crianças: *Façam sempre o mesmo. Foi assim que a SS. Virgem fêz quando da primeira aparição*". Depoimento de Madre M. Joséphine Forestier, Processo ord., sessão VIII, p. 112.

174) Carta escrita a Mme. Fabisch na noite da entrevista com Bernadete a 17 de Setembro de 1863 e publicada por Cros III, 146. Cf. a carta de 20 de Setembro e um texto mais tardio, *ib.*, pp. 147-148.

verbal que torna êste texto irritante para as nossas sensibilidades modernas, transcrevemo-lo *in extenso*. As pessoas saberão reencontrar nêle a experiência verdadeira de que êle é portador[175]:

Eu estava em Cauterets no momento em que se falava tanto das aparições de Lourdes. Eu não acreditava nelas mais do que acreditava na existência de Deus: eu era um desviado e, o que pior é, um ateu. Tendo lido num jornal do país que Bernadete tinha tido, a 16 de Julho, uma aparição, e que a Virgem lhe sorrira, resolvi ir a Lourdes como curioso e colhêr a pequena em flagrante delito de mentira.

Dirijo-me à casa dos Soubirous e acho Bernadete na soleira da porta, ocupada em consertar meias. Após um longo interrogatório sôbre as aparições: "Afinal", disse-lhe eu, "como era que sorria essa bela senhora?"

A pastorinha olhou para mim com admiração, e depois, ao cabo de um momento de silêncio: "Oh! senhor, seria preciso ser do céu para tornar a fazer aquêle sorriso".

— E não poderia você tornar a fazê-lo para mim? Eu sou um incrédulo e não acredito nas suas aparições.

O rosto da menina sombreou-se: "Então, senhor, acredita que eu sou uma mentirosa?" Sen-

175) Trochu, pp. 289-290, citando *Revue Bernadette*, Dezembro de 1932, 58-59, e Processo apostólico de Nevers, fol. 347. Cf. Cros I, 118; III, 16. A graça apóia-se na natureza. Bernadete era dotada para as imitações. (Cf. Testemunho de Jeanne Védère, *'Ram* 10, 1929, p. 127, etc.). Êsse dom é um traço de semelhança a mais com Santa Teresa do Menino Jesus.

ti-me desarmado. Não, Bernadete não era uma mentirosa, e eu estive a pique de me pôr de joelhos para lhe pedir perdão. "Já que o Sr. é um pecador", replicou ela, "vou refazer-lhe o sorriso da SS. Virgem".

A menina levantou-se mui lentamente, pôs as mãos e esboçou um sorriso celeste que eu nunca tinha visto em lábios mortais. O seu rosto iluminava-se de um reflexo conturbador. Ela sorria ainda, de olhos voltados para o céu. Eu permanecia imóvel diante dela, persuadido de ter visto o sorriso da Virgem no rosto da vidente.

Depois disso, trago, no íntimo da minha alma, essa lembrança divina.

Havemos insistido sôbre êsses reflexos sensíveis das atitudes da Virgem. Mas isso é só o exterior. E êsse exterior imerge em algo mais profundo: uma santidade inspirada pela Virgem de Nazaré, *imitada* dela. Tocamos aqui a qualidade suprema do testemunho de Bernadete. Ela não se cingiu a transmitir uma mensagem limitada, mas a sua vida tôda tornou-se um reflexo de Maria.

Os traços se amontoam quando se quer aproximar a santidade da humilde Virgem de Nazaré da da humilde Bernadete: o seu gôsto da vida oculta, o lugar do *fiat* na sua oração, o seu sentimento agudo de ser a humilde serva do Senhor. Achar-se-ão textos e fatos em abundância no livro de Mons. Trochu.[175a] Aqui ainda, antes

175a) Trochu I, 441-516: Os aspectos da alma de uma santa, sobretudo o c. 4, que tem por objeto: a pureza, a humildade ("a sua virtude predileta... a nota

que nos determos na minúcia, tentemos depreender o essencial da aproximação. Êle se liga a um certo estilo de santidade, humilde e oculto, sem obras exteriores nem façanhas de qualquer sorte, sem excrescência nem particularidade de ordem humana que detenha o olhar; não se trata aí de uma forma *particular* de santidade, mas da santidade despojada do acessório e reduzida à sua essência, essa santidade sem grandezas humanas nem carismas acidentais que foi a da Sagrada Família em Nazaré. A êste respeito, a menina escolhida por Maria para receber a sua mensagem marca — com Catarina Labouré, tão semelhante a êste respeito — uma data nos anais da hagiografia. Parece que o Espírito Santo, depois de pôr em honra o heroísmo dos mártires, o dos ermitães, campeões da mortificação, o dos doutôres, dos pontífices, dos fundadores, fecundos em obras úteis à Igreja, compraz-se em pôr em valor, na nossa época, a vida de graça mais destituída, em promover uma volta às fontes mais profundas e mais ocultas. Na mesma linhagem situa-se, em lugar de honra, aquela a quem Pio XI chamava "a maior santa dos tempos modernos": Santa Teresa do Menino Jesus, que, com a sua intelectualidade mais desenvolvida, tão bem exprimia o valor dessa santidade sem brilho nem triunfos humanos:

O que me faz bem quando eu penso na Sagrada Família é imaginar uma vida tôda comum. Não tudo isso que nos contam... Não; o pequeno Je-

mais característica da sua vida", p. 481), a obediência e o silêncio (pp. 470-481).

sus não devia fazer milagres inúteis... Não; tudo na vida dêles se fêz como na nossa... Quantas penas, quantas decepções...[176] Mostra-se a SS. Virgem inimitável. Dever-se-ia mostrá-la imitável, praticando as virtudes ocultas.[177]

Bernadete tinha idéias análogas sôbre a hagiografia:

Eu acho que se deveriam assinalar os defeitos que os santos tinham, e indicar os meios que êles empregaram para se corrigir. Aprenderíamos como nos avir nisso. Mas só nos falam das revelações dêles ou dos prodígios que êles realizaram. Isto não pode servir.[178]

Em suma, Bernadete não se cingiu a ser o probo agente de transmissão de uma mensagem, mas refletiu mais largamente, mais profundamente as exigências vivas da mensagem, exigência de uma volta às fontes da santidade; ela refletiu a alma daquela que revelou seu nome no dia da Anunciação de 1858: a humilde Virgem de Nazaré. Enquanto não se houver compreendido isto, corre-se o risco de encurtar o alcance do seu testemunho e de, ainda por cima, desconhecer o segrêdo da eficácia dêle.

---

176) Santa Teresa do Menino Jesus, *Novissima Verba*, Lisieux, 1926, pp. 148-149.

177) *Ib.*, pp. 154-156. Lamento não poder citar mais longamente êsses textos admiráveis que assinalam uma curva nos anais da santidade. Sabe-se o magnífico partido que Bernanos — que conhecia essas páginas — tirou dêles no seu *Journal d'un Curé de campagne*.

178) Testemunho de Sóror Casimir Callery, Processo apostólico de Nevers, fol. 1183. Trochu, p. 512.

CAPÍTULO III

SENTIDO DAS APARIÇÕES

RESTA decifrar o sentido da mensagem que nos foi transmitida de maneira tão forte, tão pura e tão transparente. Emprêsa delicada, onde é fácil desgarrar: por exagêro ou por miopia, acrescentando ou deixando na sombra dados importantes, enfim não dando a cada coisa o seu justo valor. Iremos dos sinais materiais ao significado espiritual, mas cumpre-nos primeiramente situar essa mensagem.

1. LOURDES E O EVANGELHO

Fala-se às vêzes do "Evangelho de Lourdes". Os que empregam esta expressão oratória forcejam por lhe conservar um sentido mui limitado. Entendem-na no sentido etimológico: Lourdes é uma boa-nova. Querem também significar que se acha aí uma harmonia do Evangelho: ponto importante sôbre o qual insistiremos longamente. Sendo a expressão em si equívoca, não será entretanto inútil lembrar, prèviamente, a fim de cortar rente com tôda confusão, que Lourdes de modo algum e a título algum é um quinto Evangelho. As aparições situam-se em plano mui diverso; digamo-lo claramente, em plano inferior.

Não se trata de palavras que se imponham pela autoridade de Cristo e da sua Igreja, mas de um apêlo dirigido livremente ao nosso coração. Não se trata de um aditivo à revelação objetiva. Esta está encerrada desde a morte do último apóstolo [179], e as revelações privadas não acrescentam nada a êsse depósito. Para prevenir todo êrro sôbre êste ponto essencial, a Virgem teve o cuidado de se proclamar a *Imaculada Conceição* sòmente quatro anos depois que o Papa definiu essa verdade a partir das únicas fontes do dado revelado. Dever-se-á dizer que ela *confirmou* êsse dogma? Bem sei que Bernadete empregou êsse têrmo [180] — não sem graduações — e que se pode achar para êle um sentido válido cercando-o de numerosas restrições. Mas, tal como a expressão Evangelho de Lourdes, êle não é justificável no sentido próprio e óbvio da palavra. Há dessas expressões que convém explicar em sentido aceitá-

179) Cf. Condenação dos erros modernistas, Decreto *Lamentabili* de 3 de Julho de 1907, Propositio 21.

180) Carta a S. S. Pio IX: "Como a SS. Virgem é boa! Dir-se-ia que ela veio confirmar a palavra de nosso Santo Padre". Texto original e texto corrigido são publicados por Trochu, pp. 528 e 529, em nota.

Na Encíclica *Fulgens Corona*, no contexto lírico do exórdio, Pio XII retomou a expressão da vidente: "Ac videtur beatissima Virgo Maria eam voluisse *prodigiali modo quasi confirmare* sententiam quam Divini Filii sui vicarius in terris, universa plaudente Ecclesia, jam ediderat". *AAS* 45 (1953), p. 577. Notar os corretivos importantes que cercam o uso do verbo *confirmare* (*quasi;* cf. *prodigiali modo, jam*). Seria desservir o pensamento pontifício retomar êsse têrmo (*confirmare*) desembaraçando-o dessas restrições, ou revesti-lo de um alcance teológico que o Papa teve bem cuidado de lhe não dar.

vel onde quer que as encontremos, mas não difundir indiscretamente e sem precaução, o que conduziria a lamentáveis confusões. Sem dúvida pode-se conceder, com certo número de restrições, que a Virgem de Lourdes haja confirmado a definição no sentido, não jurídico, mas etimológico, do têrmo, isto é, no sentido de que as últimas palavras da sua mensagem são como que uma espécie de assinatura celeste aposta por acréscimo, e do exterior, à decisão de Pio IX. (Do mesmo modo, os membros e amigos de uma família comprazem-se às vêzes em assinar depois do padre, do padrinho e da madrinha, nos registros de batismo). Mas a definição pontifícia foi desde logo perfeita na sua ordem. Não necessitava de nenhum complemento de autoridade para se impor com absoluta certeza. Nossa Senhora não acrescenta nada a essa autoridade, que é a de Cristo e do Espírito Santo falando pelo instrumento do magistério infalível. Nada faltava nesta linha. Por isto a Imaculada veio menos confirmar do que proclamar essa mensagem sob uma modalidade nova: trazer à definição da Igreja terrestre e militante uma orquestração celeste e triunfante, reduzir as falhas ou dificuldades *subjetivas* de certos espíritos, tocar os corações e atrair a atenção para certas conseqüências práticas da nova definição. E' por isto que ela no-lo oferece nesse escôrço alerta e dinâmico que desconcertou um pouco os teólogos, e no têrmo de uma série de manifestações que dispunham as pessoas para melhor compreendê-lo. Em suma, Lourdes é

uma revelação privada. O contributo novo situa-se, não na linha objetiva, mas em relação à nossa compreensão pessoal e prática do dogma. A Virgem não veio para revelar ou autenticar, mas para vivificar e esclarecer pontos de doutrina já bem atestados e, para sobejos cristãos, ficado letra morta. As verdades fundamentais que fazem a trama das aparições, oração, penitência, não são nada mais do que os primeiros rudimentos do Evangelho, uma ressurgência da pregação do Precursor. A estas verdades antigas, extintas nos nossos corações lassos, ela vem restituir a incandescência que elas perderam por nossa culpa. Vem clamar mais forte aos nossos ouvidos de surdos — ensurdecidos pelos ruídos exteriores do mundo — aquilo que já não sabemos ouvir, iluminar de luz viva aos nossos olhos obscurecidos pelo pecado aquilo que já não sabemos ver.

2. LOURDES E OS VALORES DE SINAL

Eis aí, pois, situada a mensagem de Lourdes. Resta penetrar o aspecto da mensagem cristã que ela nos torna mais presente e *mais sensível*. Digo: *mais sensível*. Com efeito, uma primeira característica de Lourdes (a mais exterior, mas não sem importância) é uma volta aos valores de sinal. A primeira aparição da Virgem no século XIX, a da rua du Bac, que é a homóloga da de Lourdes relativamente à definição da Imaculada Conceição, era uma visão secreta entre as paredes de um convento, onde passou despercebida de todos, salvo do confessor que lhe recebeu a

confidência. Lourdes é uma aparição pública e ao lar livre, onde gestos visíveis são executados aos olhos de uma multidão.[181] Êste caráter exterior e público constitui um traço importante da fisionomia da mensagem de Lourdes. Tentemos situar-lhe o interêsse.

E' fato que, desde as origens do cristianismo, de século em século os sinais têm tendência a restringir-se, até mesmo a minguar. O repasto eucarístico, repasto completo na origem, reduziu-se pouco a pouco à manducação de uma hóstia cuja dimensão material às vêzes é reduzida à expressão mais simples. A imersão batismal — que traduzia de maneira tão empolgante o nosso sepultamento na morte de Cristo — tornou-se o derrame de algumas gotas de água. Uma quantidade dessas restrições atingem sobretudo os fiéis. Assim, o sacerdote conservou a comunhão sob as duas espécies, e a oração de braços estendidos, ao passo que os simples cristãos comungam sob uma única espécie e oram de mãos postas. Êle conservou, às vêzes, a prosternação, enquanto os fiéis só conhecem o ajoelhamento.[182]

---

181) A gente seria levado a ver harmonias entre a rua du Bac e a Anunciação: aparição secreta; entre Lourdes e a Visitação: visita aberta e pública, encaminhamento pelas "montanhas" (Lc, 1, 40).

182) A celebração *ativa* da missa é um grande sustentáculo para a oração do sacerdote. Isso não se prende sòmente à graça do sacerdócio, mas, por uma parte, a êsse pleno exercício dos sinais de que todo homem tem necessidade para sustentar a sua oração — sem ir até à dança violenta de David diante da arca (2 *Sam.*, 6, 14-17). Cf. (versículos 20-21).

Guardemo-nos de dramatizar êsse adelgaçamento dos valores de sinal. Êle nunca chegou a atingir o essencial. A Igreja tem sempre velado por que os gestos sacramentais não desçam abaixo do limite necessário à validade dos sacramentos. Bem mais, as restrições têm estado, às vêzes, ligadas a progressos de outra ordem. A evolução do repasto eucarístico primitivo para o rito da missa corresponde, no essencial, a um fenômeno de espiritualização.[183] Mas cumpre reconhecer que a redução dos gestos culturais também tem sido favorecida pela preguiça, pela economia de esfôrço que o hábito cria, e para êsse enfraquecimento do senso dos sinais que lavra a partir do Renascimento (quando as faculdades de expressão e os recursos da arte deram para exprimir não mais Deus, porém o homem). O renascimento litúrgico de hoje, incentivado e dirigido pela hierarquia, dá remédio a essa atrofia. Tarefa tanto mais útil quanto, materializados pela civilização industrial, embotados na sua sensibilidade pelas violências do romantismo, depois do cinema e de tôdas as propagandas, sobejas vêzes os homens do nosso tempo sentem, diante do culto cristão, uma sensação de vazio. Aborrecem-se na igreja. Ali acham muito pouco que *ver* e que *fazer*. Os sinais que se lhes propõem não bastam para lhes captar a atenção; e a distração submerge-lhes o desejo de empenhar a sua fé. Em suma, o culto visível só imperfeitamente realiza para êles a tríplice função pedagógica de que fala Santo Tomás: saciar o homem na dimensão corporal da sua natureza, fazer concorrência no terreno sensível aos apelos do pecado, empenhar ativamente todo o nosso ser nas vias da salvação.[184] À míngua dêsse método ativo, acrescenta Santo Tomás, o homem, faminto de coisas sensíveis, corre o risco de buscar o seu saciamento em práticas supersticiosas.[185]

183) G. de Broglie, *Pour une théologie du festin eucharistique*, em *Doctor Communis* 3 (1950), pp. 16-22.

A mensagem de Lourdes responde a essa necessidade de realidades sensíveis e de exercícios corporais que o Doutor angélico nos lembrou com sabedoria. A Virgem de Massabielle vem tornar a nos dar o gôsto dos sinais, sinais executados a fundo e sem restrição. Lourdes é um lugar de culto onde não se fazem os gestos pela metade. Bebe-se ali largamente nas fontes abundantes do rochedo. As pessoas ali se banham na água gelada que faz tiritar e depois aquece. E tôdas as práticas de devoção que se têm desenvolvido na peregrinação têm entrado nessa via de amplitude e de expansão. A via-sacra não está comprimida nos limites estreitos de um santuário. Desenrola-se ao ar livre. Sobe-se a colina com Cristo e desce-se para a sepultura. As velas da procissão não são reservadas só ao clero e aos acólitos, mas todos as levam, e andam, e cantam (salvo o grupo dos curiosos, inevitável verme de tôda peregrinação). Há nesse exercício corporal e coletivo algo

184) *Suma Teológica III*, q. 61, a. 1. Êste artigo que resumimos a grandes traços deve ser lido na íntegra.

185) "Salubriter exerceatur ad evitanda superstitiosa exercitia" (*Ib.*).

de profundamente "salubre" [186] que alivia as pessoas cujo temperamento expansivo e demonstrativo se asfixia na estreiteza dos sinais habituais. Há aí uma escola contra o respeito humano, contra a pusilanimidade (a parcimônia com que certos padres administram as cinzas com mêdo de "sujar", ou a água batismal com mêdo de "molhar" o bebê). Os que viram em Lourdes os grandes doentes mergulhados na água fria não incidirão nesse espírito pequeno que leva até a limites extremos a ocultação dos sacramentos.

Não confundamos os planos. Lourdes não é um novo sacramento, mas sim um conjunto de sacramentais que tem contribuído para reencontrar os valores de sinal e os valores comunitários num tempo e num país que os havia particularmente desconhecido. Lourdes é uma espécie de prolegômeno ao renascimento litúrgico, uma volta aos valores de Encarnação, graças à qual o nosso senso dos sacramentos pode achar-se revivificado.

O mistério de Lourdes é, pois, uma mensagem em ação, um conjunto de sacramentais amplamente desdobrados que se prolongam ainda hoje na peregrinação. Resta examinar sucessivamente o teor material dêsses *sinais* e o seu *significado*.

3. OS SINAIS DE LOURDES E OS DE FÁTIMA

E' a partir dos sinais tomados naquilo que êles têm de mais material que teremos acesso ao significado da mensagem. Para fazer êste

186) "Salubriter exerceatur" (*ib.*).

exame com mais proveito, usemos da lei de contraste de que nossa mente necessita para apreender o relêvo das coisas. Sob êste aspecto, comparemos Lourdes e Fátima. Seremos assim conduzidos a apreender o matiz das duas mensagens maiores cujo programa comum é a penitência e a oração: oração de adoração, oração pelos pecadores, oração coletiva. [187]

Precisemos bem o alcance do nosso cotejo. A 19 de Agôsto último, S. Excia. Mons. P.-M. Théas, por ocasião da conjunção de uma peregrinação portuguêsa com uma peregrinação francesa destacava, as coincidências espirituais de Lourdes e de Fátima. [187a] Não se trata aqui de retomar essa magistral emprêsa, mas de esboçar

187) *L'Evangile de Lourdes et de Fatima*, em *Bulletin religieux du diocèse de Tarbes et Lourdes* 35 (1954), n.º 34, pp. 265-269.

187a) Aos pontos comuns que assim resumimos, cumpre talvez juntar outro. Consoante um testemunho de Basile Castérot — testemunha muitas vêzes fantasista nos detalhes, porém fiel no fundo — pareceria que achamos em Lourdes um primeiro e mui discreto anúncio da devoção ao Coração Imaculado. Consigno aqui êsse testemunho, reservando para alguma outra ocasião um exame aprofundado das questões que êle suscita: "Numa outra aparição, a Senhora encarregou Bernadete de dizer ao Sr. Cura que celebrasse a missa na capela do Sagrado Coração de Maria. Acompanhei ainda Bernadete à casa do Sr. Cura, que já conhecia o objetivo da nossa visita, porque a menina, desde as aparições, era interrogada pelas pessoas presentes e contava o que tinha visto e ouvido. Desta vez o Sr Cura recebeu-nos com mais brandura. Contentou-se com dizer a Bernadete: "Aqui estás, pequena! Ainda vens dizer-nos mentiras?" Ao que Bernadete respondeu: "Não, eu não venho dizer mentiras; a Senhora manda dizer-lhe que celebre a missa na capela do Sagrado Coração de Maria". Êle perguntou-lhe onde estava essa capela. Bernadete disse que não sabia. Êle celebrou a missa nessa capela.

uma outra, complementar. Não nos apegaremos às semelhanças, porém às diferenças, não para emitir um juízo de valor, que seria deslocado, mas para apreender os ligames e a complementaridade dessas duas aparições, que quatro graus de latitude a sessenta anos separam.

Desde o ponto de partida, somos impressionados por um contraste que assume todo o seu relêvo e todo o seu valor significativo se nos reportarmos à velha teoria dos quatro elementos: terra, água, ar, fogo. Não digamos muito depressa que essas categorias milenárias estão ultrapassadas. Certamente não se lhes concede mais o valor *científico* que lhes emprestavam os antigos. Porém elas não perderam nada do seu valor poético e simbólico. Os estudos de Gaston Bachelard [188] mostraram a empolgante atualidade dessa antiga divisão que ainda rege vàlidamente não só os nossos sonhos, mas, em certa medida, a maneira de agir dos poetas, dos caracterólogos, dos filósofos e dos teólogos, quando se acham às voltas com os valores de *sinal*.

Os sinais de Lourdes e de Fátima fazem apêlo a dois grupos de elementos. De um lado, a água e a terra. Do outro, o ar e o fogo.

Depois eu soube que o Sr. Cura, que sofria de um mal de garganta que o impedia de cantar a missa solene e de pregar, foi curado pouco tempo depois e pôde exercer tôdas as funções do seu ministério. Posteriormente, êle dizia mui freqüentemente a missa nessa capela". Arquivos de Nevers. Processo do Ordinário, fol. 802v-803r.

188. G. Bachelard, *Psychanalyse du feu*, Paris, Gallimard, 1938. *La terre et les rêveries du repos*, Paris, 1948. *La terre et les rêveries de la volonté*, Paris, 1948, etc.

Contemplemos as duas cenas mais típicas das duas aparições.

Justamente no meio da quinzena de Lourdes [189], Bernadete está no fundo da gruta, de joelhos no solo, sob a abóbada do rochedo; esgravata a terra, fazendo surgir na lama a fonte, a princípio turva, que aos poucos se purifica.

No último dia de Fátima, todos os olhos se volvem para o céu. No ar, as nuvens as afastam, a chuva pára, o sol dá o espetáculo daquela dança do fogo cujas fulgurações zebram a multidão estupefata. [190]

Os videntes e a multidão são aparentados aos dois grupos de sinais. Bernadete é a limpidez, a transparência da água e a solidez da rocha. Já pormenorizamos essas qualidades impressionantes. Lúcia é um temperamento mais ardente, mais sensível aos sopros dos impulsos interiores. Donde os contornos mais nítidos e mais estáveis da mensagem de Lourdes, o caráter progressivo das revelações de Fátima, cujas últimas etapas nos chegam como que através das chamas do coração da vidente, de sorte que é mais difícil discernir, na minúcia, os ardores ateados pela mensagem, do teor estrito desta. De um lado, três segredos selados para sempre debaixo de uma rocha inabalável, e, do outro, três segredos que se manifestam sucessivamente como o fogo que choca debaixo dos galhos. De um lado, palavras breves de contornos definidos; do outro, uma men-

---

189) 25 de Fevereiro de 1858.
190) 13 de Outubro de 1917.

sagem mais longa entremeada com a vista das fulgurações celestes e com as chamas do inferno.[191] Em Fátima, uma terra de sol, o verão, uma multidão meridional e pronta ao entusiasmo; em Lourdes, uma terra de bruma, o inverno, uma multidão de montanheses de caráter mais lento, mais secreto e mais tenaz, moldado sôbre as rochas da redondeza.

Em Fátima, sinais impressionantes e evanescentes, um prodígio súbito. Em Lourdes, sinais mais simples, mais comuns, porém estáveis e permanentes. Êstes sinais, como não agradecermos aqui a Mons. Théas no-los entregar desembaraçando-os de tudo aquilo com que a indústria humana os recobria? Eis que a gruta desobstruída oferece-se hoje na sua destituição original. Que suplemento de recolhimento não se desprende daí! Eis que a vista da fonte viva, oculta no segrêdo das canalizações "standard", vai-nos ser restituída. Que eloqüência nova êsse belo sinal dado por Nossa Senhora, êsse belo sinal repleto de ressonâncias evangélicas[192], não vai reencontrar! Êsses sinais que retomam a sua atualidade e a sua evidência, tentemos aprofundar-lhes o sentido, visto que a tática de Deus, desde os tempos mais remotos do Antigo Testamento, sempre foi conduzir-nos "pelas coisas visíveis às coisas invisíveis".

191) Ver especialmente o 13 de Julho (visão do inferno, e oração: "Preservai-nos do fogo do inferno") e o 19 de Agôsto nos Valinhos.

192) Ver, p. ex., Jo 1, 26-33; 2, 7-9; 5, 2-7; 4, 7-15; 13, 5. Cf. At 8, 36. O simbolismo bíblico da água reclamaria um longo estudo.

Aqui, dois erros seriam de temer: ou sungar os ombros e recusar deter-se nesses dados materiais que no entanto foram escolhidos por Nossa Senhora, ou então apresentar-se desmedidamente sôbre o lado material das coisas, extraviar-se nos transbordamentos de uma simbólica frágil e fuliginosa. Tentemos guardar um justo meio-têrmo. Fiquemos no essencial.

O traço dominante parece-me ser que a água e a terra são os elementos de base. Literal e realmente, Lourdes é uma volta às fontes: evocam-se as águas do Jordão, onde João batizava em preparação da vinda de Cristo[193], e o batismo que está na fonte da nossa vida em Cristo. Lourdes reconduz-nos aos prolegômenos da Encarnação. Que é a Imaculada Conceição senão a aurora dêsse mistério, o sinal precursor da restauração em graça que o Verbo Encarnado traz à terra?

Enquanto os dois primeiros elementos fixam o olhar para baixo e pertinho, os sinais do ar e do fogo — e êsse fogo no ar que é o sol — chamam-nos a olhar para cima e para longe. São um convite escatológico. Em harmonia com êsses sinais, notar-se-á o lugar que ocupam em Fátima as predições de futuro, o inferno e o além. Lourdes reconduzia-nos à manifestação primeira do mistério da salvação. Fátima nos volve para os fins últimos pessoais e, para além, daí, para a volta final de Cristo. Se se quisesse colar a cada uma das duas aparições um texto bíblico,

193) Lc 3, 3 e 15; Jo 1, 24-28; 3, 23.

dir-se-ia num caso: *Aperiatur terra et germinet Salvatorem* [194], e no outro: *Erunt signa in sole.* [195]

Como as duas mensagens, naquilo que têm de comum, vão juntar-se à mensagem de penitência de João Batista, a gente seria tentado de ilustrar a diferenciação dos seus sinais respectivos comparando-as com os dois aspectos complementares da pregação do Precursor. O primeiro, ligado aos símbolos da terra e da água: é a vida de João "no deserto", comendo o mel do rochedo, depois indo para o rio a batizar as multidões em preparação do primeiro advento de Cristo [196]; o segundo, ligado aos símbolos do ar e do fogo, é cheio de aberturas sôbre o segundo advento. Então o Salvador aparecia como o lenhador levando o machado à raiz das árvores [197], o justiceiro segurando o flagelo na mão, batendo a eira, joeirando ao vento trigo e palha, e lançando esta na chama "que se não extingue". [198] O batismo é apresentado como um fogo, precursor do fogo do juízo. Vêem-se as harmonias de Lourdes com o primeiro aspecto da mensagem: a penitência ligada à primeira manifestação de Cristo; e as analogias de Fátima com o segundo, a penitência precursora do além.

Seríamos por demais tentado de desenvolver estas sugestões. Resumamo-las, de preferência: Lourdes reconduz-nos aos prelúdios da Encarnação. Fátima arrasta-nos para as perspectivas es-

194) Is 45, 8 (Vulgata). 195) Lc 21, 25.
196) Mc 1, 4-6. Cf. Mt 3, 1-4.
197) Mt 3, 10. 198) Mt 3, 12; Cf. Lc 3, 16-17.

catológicas. As duas mensagens se respondem, segundo uma ordem de sucessão harmoniosa: lembram-nos respectivamente o princípio e o têrmo da salvação.

4. SIGNIFICADO DA MENSAGEM DE LOURDES

Depois de havermos entrevisto na espessura física do *sinal* a tonalidade global da mensagem de Lourdes, cumpre-nos extrair-lhe agora o pleno *significado*: apreender o sentido dos gestos e sobretudo das palavras que permitem descobrir, para além dos elementos materiais, as intenções formais de Nossa Senhora.

Nada é mais difícil do que tal emprêsa; nada parece mais aventuroso. Procurando definir *o sentido da mensagem*, nós supomos que esta tem um *sentido*, ou, mais precisamente, uma *unidade de sentido*. Não será isto um pressuposto gratuito? Não projetamos nisso a necessidade de simplificação do nosso espírito? Sem se demorar demais, pode-se superar esta primeira dúvida. Já desvendamos na mensagem de Lourdes uma ordem, uma harmonia, uma tonalidade de base, uma orientação geral, que fazem pressentir a unidade de um plano. Mas, objetar-se-á, se a Virgem tinha uma idéia precisa, por que não a disse claramente? E' que os métodos lá do alto nunca foram dar-nos desde logo conceitos precisos e fórmulas de sínteses. As mensagens dos profetas, de Cristo, dos apóstolos nunca foram tratados, senão palavras de vida, lançadas na própria vida. E aos homens foi deixado o cuidado de remon-

tar à idéia-fonte e de reencontrar a unidade orgânica da Revelação. Os métodos de Lourdes são, a êste respeito, os métodos de Cristo e do Evangelho.

Os Evangelhos fornecem-nos um conjunto de fatos, de gestos e palavras de circunstância; a meditação cristã descobre-lhes indefinidamente os ligames internos e as conseqüências. Assim também Lourdes se apresenta como um conjunto de fatos, de gestos e de palavras à primeira vista heteróclitos. Discernem-se bem algumas aproximações salientes: a água e o rochedo, os doentes e os pecadores, a cura e a penitência, o santuário e a Imaculada. Mas será que, para além dêsses elementos parciais, se pode reencontrar a unidade profunda da mensagem de Lourdes? E' uma emprêsa delicada que nos cumpre abordar agora, com precaução e prudência, esforçando-nos por não dizer nenhuma outra coisa a não ser a viva relação dêsses elementos reunidos. Se certas tentativas de síntese dão uma impressão de artifício, isso é não uma prova de que a emprêsa é vã, mas sim um convite a retomá-la com rigor.

O elemento maior é a manifestação de Maria na sua *Imaculada Conceição*. Manifestação progressiva. Desde a primeira aparição Maria surge numa desconcertante juventude. Usando do privilégio dos corpos gloriosos — *corpus spiritale*, diz São Paulo [199] — ela retoma a idade de antes da Anunciação, a aparência de uma me-

199) I Cor 15, 44. Sei que êste ponto é discutido, mas diversas razões levam-me a crer que a Virgem apareceu a Bernadete no seu próprio corpo e não de outra maneira.

nina: "da minha estatura", "mais pequena do que eu", dirá a princípio Bernadete, que — impressionada pela grandeza real de Nossa Senhora e sob pressão da "entourage" — acabará por conceder que a visão bem podia ser um pouco maior do que ela mesma. [200] Em todo caso, a juventude e a pequenez dela foram e continuam a ser para muitos um fato desconcertante. Antes que aceitar o choque disso, muitas vêzes se preferiu esquivá-lo. O segrêdo dessa aparência será revelado pela última palavra da Virgem, a 25 de Março: *"Eu sou a Imaculada Conceição"*. A aparição de Lourdes é a Virgem "mais jovem do que o pecado" [201], a Virgem, refontificação do plano primitivo, reprodução do mundo naquele puro arrôjo, naquele arrôjo infantil para Deus que êle teve na origem. Eis aí o primeiro pólo da mensagem.

Tudo o mais é função dêsse elemento primeiro, e pode resumir-se também com uma palavra. Em contraste violento com a Virgem sem mancha: o pecado. No correr da quarta aparição, o demônio, pai do pecado, manifesta-se. Reconhece Aquela que, única entre as puras criaturas, lhe esmagou a cabeça. Grita das margens da torrente: "Foge! Foge!" Com um olhar, a Imaculada põe-no em debandada. A 3 de Março ela não aparecerá porque uns pecadores, cuja atitude tem razões particulares para lhe desagradar, ali se acham. [202] Ela espera que êles te-

200) *Supra*, nota 62.
201) Bernanos, *Journal d'un Curé de campagne*, Paris, Plon, 1936, p. 259.
202) *RAM* 10 (1929), p. 146. Testemunho de Jeanne Védère.

nham partido para tornar a chamar Bernadete à gruta. Em tudo isso Maria se manifesta como o antipecado.

Mas, inimiga do pecado, ela é também amiga dos pecadores, não enquanto êstes estão apegados às suas *culpas* ou delas se gloriam [203], mas enquanto são esmagados pelas *penas* físicas e morais, conseqüências do pecado. Ela vem para êste mundo que está em via de retôrno ao paganismo. Chama-o à conversão e propõe-lhe um conjunto de meios que não passam de uma retomada original dos meios evangélicos.

Para triunfar do pecado, duas coisas são solidàriamente necessárias; uma vem do alto, de Deus, a outra vem dos homens: da sua oração, do seu esfôrço. A Virgem traz uma e outra coisa, um novo sacramental, sinal do dom do alto, e um conjunto de exercícios onde se empenhará o esfôrço pessoal dos homens.

A fonte é o símbolo e o meio visível dos dons que Deus derrama em Lourdes. Foi através dêsse símbolo que o Antigo Testamento e o Evangelho nos fizeram compreender a graça: lembremo-nos das palavras de Cristo à Samaritana junto ao poço de Jacob. Em Massabielle, a Virgem retoma o mesmo sinal para nos lembrar a mesma doutrina: o poder purificador de Deus, "a fonte de água que jorra para a vida eterna" [204], "os rios de água viva" que correm no coração dos que crêem. [205] Mas as harmonias evangélicas aí não param. No Evangelho, a miséria material e

203) Rom 1, 18-32. 204) Jo 4, 14.

a miséria espiritual, a cura dos corpos e a cura das almas estão estreitamente ligadas, para melhor nos lembrar que todo o mal do mundo deriva — por canais não raramente secretos — do mal fundamental que é o pecado: "A fim de que saibas que o Filho do homem tem o poder de perdoar os pecados", dizia Jesus, "vai, toma o teu leito e anda". [206] Assim Lourdes nos lembra que a graça divina tem conservado o mesmo poder de restauração da alma e do corpo, do pecado e da pena, a mesma e eterna juventude para nos fazer nascer de novo pelo mais íntimo, Os milagres do Evangelho tinham por fim preparar os sacramentos. [207] Os milagres de Lourdes conduzem-nos aos sacramentos: ao batismo, cujo sinal exterior retomam; à penitência, a que os Padres às vêzes chamam um "segundo batismo".

A fonte de Lourdes não passa de um sacramental. Ela tem por função, não nos dar a graça *ex opere operato, mas* empenhar-nos num exercício em que a nossa fé e o nosso amor se afirmem. E é por isto que a Virgem de Lourdes começou por convidar Bernadete a praticar os atos destinados a vencer o pecado. E' aqui que se situam a oração e a penitência, a oração do Rosário, tecido dos mistérios evangélicos, e as penitências humilhantes levadas a efeito por Bernadete perante a multidão: ela anda de joelhos, beija a terra, é convidada a beber uma água lodosa que a princípio lhe repugna — como repugna

205) Jo 7, 38. 206) Mc 2, 9-11.
207) Cf. O. Cullmann, *Les sacrements dans l'Evangile johannique*, Paris, Presses Universitaires, 1951.

hoje em dia o banho nas piscinas poluídas, em fim de dia, pelo que nelas deixaram tôdas as misérias humanas.

Muito haveria que dizer sôbre os caracteres dessa oração e dêsses exercícios. Oração teocêntrica; começa pelo sinal da Cruz — Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo — e acaba pelo *Gloria* Trinitário, ao qual a Senhora se associa por uma saudação. Oração coletiva, convite a tomarmos consciência da nossa solidariedade e da nossa responsabilidade na unidade do corpo místico: "Rogai pelos pecadores".

Eis aí as grandes linhas no lugar. Visto ser de síntese o nosso propósito, deixaremos a cada um o cuidado de pormenorizar, e, para concluir, tentaremos condensar ainda mais. Reduzida à sua expressão mais simples, assim poderia ser formulada a mensagem de Lourdes: A Virgem sem pecado vem em socôrro dos pecadores. E, para êste fim, propõe três meios que nos reconduzem aos prolegômenos do Evangelho: a fonte de água viva, a oração e a penitência.

À leitura dêste enunciado, compreendem-se os perigos de uma síntese. Êste programa parece banal: e o é. Não nos ensina nada de novo; e não pretende ensinar-nos coisa alguma que já não saibamos. Êle é e quer ser uma evocação vivificante. Não é uma tese, mas um grito do céu, um apêlo que a gente colhe do interior, entrando neste. As fórmulas unificadoras são válidas na medida em que não nos fazem esquecer *a vida*, que é o essencial dessa mensagem de juventude.

EPÍLOGO

PODERÍAMOS parar aí, mas talvez seja preciso, terminando, olhar a mais longe: compreender bem que as aparições de Massabielle não são um acontecimento do passado ao qual a visão de 16 de Julho de 1858 teria pôsto um têrmo, mas sim uma fundação que continua a desenvolver-se. Lourdes é, no ponto de partida, "a mais pequena de tôdas as sementes"[208]: uma menina pobre que olha para um côncavo de rochedo, beija a terra, bebe água, diz o seu têrço e repete algumas palavras que não nos "ensinam" nada. E essa semente torna-se uma grande árvore, um dos mais importantes movimentos de multidão — e de graça — que haja neste planêta.

A Virgem emprega aqui o método evangélico. Lança um grão vivo retomado às camadas primeiras do Evangelho: mistério da Imaculada "cheia de graça"[209], "bendita entre as mulheres"[210], discretamente insinuado no início do Evangelho de Lucas, mistério de Penitência, de rejuvenescimento pela água, que é a pregação do Precursor.

---

208) Cf. Lc 13, 19.
209) Lc) 1, 28.
210) Lc 1, 42.

A partir daí, as instituições se desenvolvem pelos cuidados dos homens, pelos cuidados da Igreja. A vida da peregrinação acha as suas formas e os seus meios de expressão, com hesitações, tacteamentos, aproximações, e, como em tôda obra humana, erros de detalhe, aos quais se dá remédio. (Penso aqui no que Mons. Théas realizou para desvencilhar Lourdes de tudo o que podia ser entulho ou desgraça).

Entre as iniciativas que deram a sua fisionomia à peregrinação, a mais saliente é a procissão do Santíssimo Sacramento. Ela corresponde a secretas insinuações da Virgem. Já notamos que *tôdas* as aparições importantes tiveram lugar não como se poderia ter esperado, no sábado, dia consagrado à Virgem, mas sim na quinta-feira, dia aniversário da instituição da Eucaristia. Outra sugestão mais vital veio daquelas aglomerações de multidões que Nossa Senhora provocou. Essas multidões onde é que podiam achar o símbolo e a realização da sua unidade senão no Cristo-Chefe e no sacramento ordenado à unidade e ao crescimento do corpo místico? Essa instituição destinada a congregar orgânicamente as multidões de Lourdes foi sancionada do alto. E' à passagem do Ostensório que se realiza uma parte importante dos milagres de Lourdes. Nesta disposição nós bem reconhecemos a Virgem de Caná, cujo desejo todo é conduzir os homens a seu Filho: "Fazei tudo o que Êle vos disser". [211]

211) Jo 2, 5.

Mas o desenvolvimento institucional da peregrinação não é tudo. Há também, e do mesmo passo, o seu desenvolvimento místico. Apraz-nos findar sôbre êste traço, que é um convite a entrarmos no movimento de graça de que as aparições são a fonte. A vida de Lourdes aprofunda-se e interioriza-se. Cada vez mais ali se vai para o único necessário, para a cura das almas mais do que para a cura dos corpos, para a graça mais do que para os carismas. Cada vez mais as multidões — bem guiadas — entram na trilha da oração, da calma e da paz. Cada vez mais se vai do exterior ao próprio interior da mensagem, dos sinais à realidade, à graça de Lourdes, graça de oração e de penitência, graça cristológica e de solidariedade cristã à qual a Virgem nos conduz.

ANEXO A

TEXTO CRÍTICO DAS PALAVRAS DA VIRGEM A BERNADETE

Já que a Virgem falou a Bernadete de maneira precisa, importa saber o teor exato das palavras que ela pronunciou, e, tanto quanto possível, pôr fim a variantes ou transcrições insustentáveis. Êste esfôrço já foi empreendido pelo P. Cros e de maneira mais feliz por Mons. Trochu, com quem estou de pleno acôrdo sôbre os pontos importantes. Mas o primeiro não explorou de maneira crítica os resultados do seu imenso inquérito, e o segundo, evitando por princípio a tecnicidade, não nos deu os fundamentos das suas conclusões, que aqui ou acolá podem ser precisados.

Norma do trabalho.

Êste estudo foi promovido em quatro etapas:

1.° Reunião, por ordem cronológica, de todos os testemunhos coligidos quer em dialeto quer em francês, desde o tempo das aparições até o processo da canonização. Eis aqui a lista dêles por ordem cronológica:

A. TESTEMUNHOS EM FRANCÊS EM ESTILO INDIRETO (1861 a 1864 ou 1866).

1.° Carta ao R. P. Gondrand, 28 de Maio de 1861 (publicada em *Revue Bernadette*, I, 1933, pp. 77-78. Trabalhei sôbre uma cópia direta feita em Nevers).

2.° Carta ao abade Bonin, 22 de Agôsto de 1864. Trabalhei sôbre uma cópia enviada pelas Irmãs de Nevers.

3.° Carta a Ida Ribette, de 20 de Novembro de 1865. Tirei cópia no museu de Lourdes.

4.° Relato original escrito pela mão de Bernadete, conservado nos arquivos de Nevers e publicado em *Revue Bernadette* 5 (1937), pp. 83-87. Trabalhei sôbre uma cópia onde foram reproduzidas as correções de

Dr. Júlio César

estilo e de ortografia feitas em emenda por outra mão. Reportam às vêzes êsse relato ao ano de 1866; mas essa data não está estabelecida de maneira segura. Certos indícios convidariam a pensar que a carta de 1864 depende dêste documento.

B. TESTEMUNHOS EM DIALETO, EM ESTILO DIRETO (1865-1878).

5.° Autógrafo realizado sob a direção do P. Cros em Lourdes a 26 de Outubro de 1865. Transcrição, em dialeto, das palavras da Virgem. Êste documento é publicado em fac-símile fora de texto, à frente de Cros I. Foi realizado da maneira seguinte: A 25 de Outubro, o historiador transcreveu as palavras sob ditado de Bernadete, e releu-as para ela até que ela se declarasse satisfeita. A 26 de Outubro, a vidente *recopiou* o texto escrito pela mão do P. Cros (*Journal de la Grotte* 92, 1941; n.° 9, col. 4: Precisemos que êste artigo revisa a ortografia do documento citado e lhe completa as lacunas, de maneira judiciosa, mas sem precisar em que medida corrige e completa o documento original).

Vários testemunhos redigidos em 1878-1879 *sob ditado de Bernadete, e conservados nos arquivos de Nevers:*

6.° Resposta a duas séries de questões enviadas em papel do bispado de Tarbes, provàvelmente em fins de 1878, talvez pelo P. Sempé, cuja carta de 21 de Dezembro de 1878 parece aludir a êsses questionários. As palavras em dialeto figuram por baixo da questão 32 da 1ª série. Alguns elementos esporádicos figuram em outras respostas.

7.° Resposta a três questionários do P. Cros:

Questionário de 31 de Dezembro de 1878. A resposta a seis questões foi enviada a 12 de Janeiro de 1879 por Madre Adelaide Dons, superiora geral. Raros elementos sôbre as palavras da Virgem.

Questionário de 22 de Janeiro de 1879. 20 questões comportando poucos elementos relativos às palavras da Virgem.

Questionário de 3 de Março de 1879: 8 questões, mais uma lista das palavras da Virgem transcritas por Madre Eléonore Cassagnes sob ditado de Bernadete.

Possuem-se em Nevers três transcrições dêsse interrogatório: elas diferem por divergências ortográficas sem importância, e por duas variantes de vocabulário. Uma quarta foi realizada por Sóror Vincent Garros, testemunha das aparições, que aperfeiçoou a ortografia, e parece ter introduzido as duas variantes assinaladas.

Coligi, além disso, diversas transcrições atestadas 1.° pelas relações publicadas em *RAM* 10 (1929) 1-168 (testemunhos escalonados de 1858, ano das aparições, a 1891), 2.° pelas testemunhas ouvidas no processo do Ordinário de Nevers, 3.° por autores contemporâneos das aparições (Sempé, Dozous) ou que se beneficiaram de uma documentação original) (Cros, Trochu). Em compensação, desprezei muitos testemunhos sem interêsse, notadamente os que são simples transcrições — negligentes ou eruditas — dos documentos originais que possuímos.

2.° Dos dados assim reunidos, um primeiro lote de conclusões foi tirado segundo os princípios da crítica textual.

3.° Deixando essas conclusões lugar a largas zonas de incerteza, submeti-as ao P. Castagnède, antigo superior de Notre-Dame de Garaison, autêntico lourdense: Nascido nove anos depois da morte de Santa Bernadete, êle falou o "patoá de Lourdes" durante mais de trinta anos com seu pai (1848-1912) e sua mãe (1854-1922), contemporâneos da vidente, os quais muitas vêzes haviam falado com ela. Ache êle aqui a expressão dos meus agradecimentos pela dedicação, pelo rigor e pela fineza com que pôs a serviço dêste crítico os recursos da sua competência na matéria. Êle submeteu longamente os meus documentos, questões e conclusões aos mestres do felibrígio *; Srs. Simin Palay e M. Camélat, presidente e secretário da Escola Gastou Fébus, bem como ao seu excelente aluno, felibre como êles, o Sr. Padre Théophile Caillabère. Êsse trabalho termina numa primeira transcrição das palavras da Virgem conforme às normas ortográficas em uso na Escola Gastou Fébus.

*) Escola literária constituída na Provença para a manutenção do provençal e dos diferentes dialetos da língua d'oc.

4.° Sôbre esta base, procedemos a um confronto relativo a alguns detalhes. Do ponto de vista da crítica textual, eu era levado a defender (segundo o princípio de que se deve preferir a *lectio difficillior*) variantes bárbaras, e o meu interlocutor a preferir variantes mais correntes ou mais brilhantes, pôsto que menos bem atestadas. Uma só troca de cartas permitiu-nos resolver essas ínfimas divergências. No têrmo dêsse confronto, parece que nós usávamos a linguagem original da Virgem, salvo algumas hesitações sem importância que serão assinaladas com cuidado.

Achar-se-á, aqui abaixo, para cada palavra, o texto crítico e os testemunhos que permitiram estabelecê-lo. Êsse material permitirá aos amadores averiguar, e, se eu esqueci algum elemento da questão, melhorar as conclusões adotadas.

Princípios de transcrição.

No tocante à ortografia do dialeto, algumas observações são necessárias. Transcrevi os *testemunhos* sem de forma alguma modificar as transcrições, não raro aproximativas ou defeituosas, das testemunhas. Com efeito, importava não alterar as bases objetivas do trabalho crítico. O P. Castagnède redigiu o *texto crítico* de cada palavra (que figura em título) segundo os princípios recebidos pelos especialistas (e notadamente por Simin Palay, *Dictionnaire du Béarnais et du Gascon modernes, bassin de l'Adour*, Pau, Marrimpouey, 1932). Eis aqui como os formula êle:

I. *Grafia:* Em princípio, como na língua-mãe latina, tôdas as letras se pronunciam (salvo o *u* de *qualitat*, ben*gu*en).

II. *Acento Tônico:* Como em latim, é muito importante e deve ser bem marcado: Em latim, Cecĭdi quer dizer caí (de *cado*). Cecīdi, eu matei (de *caedo*). Em gascão, aqueró (ó acentuado) quer dizer aquilo; *aquére* (às vêzes escrito e quase pronunciado aquéro, é acentuado): aquela.

III. *Letra E:*

1. Regra geral: *e* pronuncia-se é fechado.
2. *é* é um é acentuado: Deféndi, je défends.
3. *è* é o nosso è acento grave: capère, chapelle, como père.

4. *e* final não acentuado é a muda bearnesa, a final gasconha que outrora se escrevia e, o, a. E no entanto os Lourdenses e Bigourdães não pronunciam nem um *e*, nem um *a*, nem um *o* bem franco, mas um som intermediário que, conforme os tempos e os lugares, pende para um dos três.

Por isto a Escola Gastou Fébus, como o dicionário de Palay, há muito tempo tomou o partido muito sábio de escrever *e*: Escóle, Capère, mas advertindo uma vez por tôdas que êsse e final gascão não é o *e* mudo francês, nem *a*, nem *o*, mas um som mui discreto, que se perde um pouco atrás da sílaba precedente bem acentuada.

5. *é* final (com ponto em baixo) já não é mais a muda bearnesa, e pronucia-se: é: dis*e* pronuncia-se disé (dire).

IV. Letra U:

1. *u* pronuncia-se como *u* francês, *u*róuse, heureuse: *ue* capère, une chapelle.

2. Mas, precedido de uma vogal, pronuncia-se *ou* e faz ditongo com a vogal antecedente, que deve ser acentuada: éu = é-ou numa só emissão de voz, com acentuação de e.

1

N'ey pas necessári
Ce n'est pas nécessaire
Não é necessário
18 de Fevereiro de 1858

E' uma resposta à questão de Bernadete: *Quer ter a bondade de pôr o seu nome por escrito?* (ou, segundo o testemunho redigido por A. Clarens em 1858 e editado em *RAM* 10, 1929, p. 12: "Queira pôr por escrito o que quer de mim"). Cf. acima, nota 77ª.

Principais testemunhos — "N'es pas necessaïro". Texto transcrito sob ditado de Bernadete por M. Adelaide Dons a 12 de Janeiro de 1879, 3ª resposta (Arquivos de Nevers) — "N'ey pas necessaïré". Texto ditado por Bernadete a Madre Eléonore Cassagnes a 3 de Março de 1879 (*ib.*).

Esta forma breve é que se deve reter, de preferência à forma longa proposta por tantos outros: "Ço que b'ey a disé n'ey pas necessari d'at bouta per escriout" (*Journal de la grotte*, 92, 1941, n.º 9, p. 1, col. 4, e Trochu 105). Êste texto parece uma *versão* dos enunciados dados em francês, *em estilo indireto*, por Bernadete nos seus relatos autógrafos de 1864 (22 de Agôsto) e 1866 (?): "Ela me disse que o que tinha a me dizer não era necessário escrevê-lo", cf. *RAM* 10, 1929, pp. 12 e 13, Sempé 96, Processo ord., p. 803, onde se acharão diversas variantes que não há razão para reter.

Pode-se concluir com segurança (sem excluir absolutamente que Bernadete possa resumir uma frase pouco mais longa): *N'ey pas necessári.*

2

Boulet aué era gracie
Voulez-vous avoir la gentillesse
Quer ter a gentileza
de bié t'aci penden quinze dies?
de venir ici pendant quinze jours?
de vir aqui durante quinze dias?
18 de Fevereiro

Principais testemunhos — "Boulet mè hé éra grazio de bié pendén quinzé dios?" (Autógrafo de Bernadete, 24 de Outubro de 1865, reproduzido em fac-símile fora de texto à frente de Cros I) — "Boulet aoué la gracia de bié aci penden quinze dios?" (Resposta ao interrogatório enviado de Lourdes no fim de 1878, 1ª série, Arquivos de Nevers). Mesma resposta com simples variantes de escrita (*avoué*) nas respostas tomadas sob ditado de Bernadete a 12 de Janeiro de 1878 e 3 de Março de 1879 (Arquivos de Nevers). Aqui, como muitas vêzes, Bernadete substitui o artigo gascão *era* pelo artigo francês, que se lhe tornou mais familiar.

Mlle. Estrade (*RAM* 10, 1929, p. 56) diz: "*Boulet me he* era gracio..." E' a esta forma que se alia Trochu, p. 105: "Boulét *me hè* éro gracio dé bié aci péndén quinzé dios?"

Achamos um segundo tipo de variante em Jeanne Védère: "Bernadetta, boules aouésé *la bouentat* (bonté) de bengué aci pendent quinzé diés?" (*RAM* 10, 1929, 127), e J.-B. Estrade: "Bernadette boulet *aoué la boulentat* (= volonté) de bengué aci péndén quinzé jours

(*sic*) qu'ey uo troupo de caousos a bous disé" (*RAM* 10, 1929, 65). 1.º) No tocante à apóstrofe, Bernadete atesta que a Senhora não a chamava nem pelo seu nome nem sob nenhuma outra forma vocativa. 2.º) O fim é um dêsses acréscimos em que Estrade, sempre prolixo, é costumeiro. 3.º) *Bonté* ou *volonté* em vez de "grâce" foram adotados por duas razões. *a*) Por confusão com os têrmos de uma pergunta formulada por Bernadete: "Boulét aué era *bouentat* de meté voste noun per escriut" (acima, nota 77ª). b) Para cortar cerce às zombarias de Jacomet, que gracejava sôbre essa *grâce* que a Rainha do céu pedia a uma pequena pobretona (Cf. Testemunho de Mlle. Estrade, *RAM* 10, 1929, 56, que afirma a forma gracio).

As variantes:

me faire la grâce
fazer-me a graça
avoir la bonté, ou: *la volonté*
ter a bondade, ou: a vontade

Cumpre evidentemente preferir o texto bem atestado (em dialeto como em francês) por Bernadete:

aué era gracie (avoir la grâce)

A partir dêsse texto original, as diversas lições facilitadoras explicam-se fàcilmente:

1. Ao P. Cros, que propendia pelo têrmo *grâce*, pareceu natural referi-lo ao verbo *faire*. Em 1865, êle parece ter impôsto essa variante a Bernadete, cujos testemunhos espontâneos trazem sempre *avoir*. 2. Os que quiseram conservar êste último verbo acharam mais natural dizer: avoir *la bonté*. O P. Castagnède, a quem muito especialmente submeti êste ponto, confirma esta conclusão:

De acôrdo em preferir consigo a *lectio diffilior* boulet aué era gracie. A forma he era gracie é mais corrente. A primeira forma é mais graciosa, mais maternal e mais sorridente. Nós ainda dizemos em gascão: Voyez cette petite, quelle grâce elle a... à vous répondre, à vous rendre service. (Vêde essa pequena, que graça tem... em vos responder, em vos prestar serviço).

O têrmo *gracie* é menos forte no patoá pireneu (nas formas de polidez de bom grado cerimoniosas) do

que o nosso têrmo grâce. Um capelão de Lourdes dizia-me lembrar-se de que, em menino, sua avó empregava êsse têrmo quando lhe pedia um serviço. Foi por isto que escolhi (entre outras aproximações) a tradução: "Voulez-vous avoir la gentillesse de..." ("Quer ter a gentileza de..."). — Nos relatos em francês onde ela cita as palavras em estilo indireto, Bernadete traduz inàbilmente: "Elle me dit si je voulais *avoir la grâce* d'y aller pendant quinze jours" ("Ela me disse se eu queria *ter a graça* de ir ali durante quinze dias"). (Autógrafos de 22 de Agôsto de 1864 e de 1866). Sentindo a estranheza dessa tradução, ela preferiu "avoir la bonté" ("ter a bondade") na sua carta de 20 de Novembro de 1865.

Assinalemos diversas variantes sem interêsse em *RAM* 10, 1929, 23-24 (Fr. Cérase) 45, e p. 49 retificada p. 58 (Mlle. Estrade). Sempé, p. 96. Processo ord., fol. 803v.

Podemos concluir que aqui nenhuma variante apresenta verossimilhança séria.

3

Nou-b prouméti pas de hè-be (ou: *d'està*)
Não prometo fazer-vos (ou: serdes)
Je ne promets pas de vous rendre (ou: d'être)
urouse en éste mounde, mes en aute
feliz neste mundo, mas no outro
heureuse en ce monde, mais en l'autre
18 de Fevereiro

Principais testemunhos — "Nous proumeti pas *dép hé* urouse en esté moundé mes en enauouté". Autógrafo de 24 de Outubro de 1865, reproduzido em fac-símile à testa de Cros I.

"Voup proumetti pas d'estre urouse en este monde ma en l'aouté" (Questionário de Lourdes, 1ª série, fim de 1878, Arquivos de Nevers).

"Voup promisetti pas d'esta hurouso en esté moundé ma en l'aüté" (Resposta transcrita por M. Eléonore Cassagnes sob ditado de Bernadete a 3 de Março de 1879, Arquivos de Nevers).

Nos três documentos autógrafos (22 de Agôsto de 1864, 20 de Novembro de 1865, 1866: Arquivos de Nevers) onde ela reproduz as palavras em francês, em estilo indireto, Bernadete traduz assim: "Elle me dit... qu'elle ne me promettait pas de me faire heureuse en ce monde, mais dans l'autre" ("Ela me disse... que não me prometia fazer-me feliz neste mundo, mas no outro").

Não há razão para reter as variantes prolixas de Estrade em 1878: "Nou bous proumeti pas de bous rendé hurouso en aquesté moundé mes qué bous prouméti dé bous *en* rendé en aouté" (*RAM* 10 1929, p. 75; cf. Mlle. Estrade, p. 50: "Elle me promet que je serai heureuse dans l'autre vie mais qu'elle ne me promettait pas que je le serai dans celle-ci" ("Ela me promete que serei feliz na outra vida, mas que ela não me prometia que o serei nesta") (*sic*); nem as variantes de Clarens em 1858 (*ib.*, p. 12. "Si je ne saurais faire votre bonheur en ce monde, je pourrai vous le procurer dans un autre") ("Se eu não puder fazer a vossa felicidade neste mundo, poderei vo-la proporcionar num outro"), e do Irmão Cérase em 1881 (*ib.*, p. 20: "Je ne te promets rien en ce monde, mais dans l'autre, je te rendrai heureuse") ("Não te prometo nada neste mundo, mas no outro far-te-ei feliz"); nem de Jeanne Védère em 1879 (*ib.*: E you, que prouméti dé rendé hurouse, pas en esté moundé, mes aou ciel; variantes ortográficas na outra edição do mesmo testemunho: *Bernadette et Jeanne Védère*, Westmelle 1933, p. 55: *cielou)*; nem de Sempé (p. 96: *Je ne peux pas* vous rendre heureuse en ce monde, mais dans l'autre, je vous le promets (*Não posso* fazer-vos feliz neste mundo, mas no outro vo-lo prometo). Cf. Dr. Dozous, *La grotte de Lourdes*, Auch, 1874, § III, p. 33: (Elle lui déclara qu'elle ne *pouvait* la rendre heureuse en ce monde, mas bien dans l'autre) (Ela lhe declarou que não *podia* fazê-la feliz neste mundo, mas sim no outro). Cf. Cros I, 177, que cita os testemunhos do Procurador imperial, em 1858 ("Elle me rendra heureuse sinon dans ce monde, du moins dans l'autre" (Ela me fará feliz, senão neste mundo, pelo menos no outro), diz-lhe Bernadete) e do abade Laffitte, em 1868 ("Elle lui déclara que le bonheur

serait son partage non pas précisément en ce monde, mais certainement dans l'autre" (Ela lhe declarou que a felicidade seria o seu quinhão não precisamente neste mundo, mas certamente no outro).

Entre as duas variantes aceitáveis: *de vous rendre heureuse* ou *d'être heureuse*, a primeira é mais provável pelo fato de ser mais antiga, mas poderia ser efeito da influência de Cros. Sob esta reserva, a nossa conclusão coincide, pois, exatamente com a de Trochu, p. 106, n. 1.

4

Que pregarat Dìu enta'ts pecadous
Vous prierez Dieu pour les pécheurs
Rogareis a Deus pelos pecadores

21 de Fevereiro?

Principais testemunhos — "Qué préghérat Diou en tas peccadous" Autógrafo de 24 de Outubro de 1865 reproduzido em fac-símile fora de texto à testa de Cros I. "Que pregaret Diou tas pecadous" (Resposta ao questionário enviado de Lourdes em 1878, Arquivos de Nevers. Trochu, p. 120, ortografa: "Qué prégarat Diou t'ats pecadous").

Nos seus relatos autógrafos, Bernadete traduz estas palavras em estilo indireto: "Ela me disse que eu devia rezar pelos pecadores" (Autógrafos de 22 de Agôsto de 1864 e de 20 de Novembro de 1865. O autógrafo de 28 de Abril de 1861 traz a variante, pour *la conversion* (pela conversão) dos pecadores). Bernadete atesta que essa palavra foi pronunciada várias vêzes. Mas é pouco provável que a Virgem tenha pedido "Uo capero (= uma capela) per prega Diou en tas pecadoûs", como se lê na resposta escrita sob ditado de Bernadete a 3 de Março de 1879 (Arquivos de Nevers): há aí fusão com a nona palavra.

Também não se podem reter as variantes prolixas do Dr. P. R. Dozous, *La grotte de Lourdes*, Auch 1874, p. 37: "Priez Dieu pour les pauvres pécheurs, pour ce monde agité" (Rogai a Deus pelos pobres pecadores, por êste mundo agitado).

5

Penitênce! Penitênce! Penitênce!
Penitência! Penitência! Penitência!
Pénitence! Pénitence! Pénitence!
23 ou 24 de Fevereiro?

Somos muito pobres em testemunhos sôbre esta palavra, que entretanto não faz nenhuma dificuldade. "Penitenço, Penitenço, Penitenço", escreve Madre Eléonore Cassagnes, a 3 de Março de 1879. Cf. Testemunho de Basile Castérot, Processo ord., fol. 809.

6

Anat béue en'à hount e b'y lauá
Ide beber à fonte e vos lavar nela
Allez boire à la fontaine et vous y laver
25 de Fevereiro

Principais testemunhos sôbre esta palavra: "Anat béoûé en a houn et bi laoûa" (Autógrafo de Bernadete, 24 de Outubro de 1865, reproduzido em fac-símile fora de texto à testa de Cros I). "Anat béoué a la houn et b'y laboua" (Resposta ditada por Bernadete ao questionário enviado de Tarbes no fim de 1878). "Anat béoué a éra houn et by laoua" (Respostas ditadas por Bernadete a Madre Eléonore Cassagnes, a 3 de Março de 1879, Arquivos de Nevers. Nos três relatos autógrafos de 22 de Agôsto de 1864, 20 de Novembro de 1865 e de 1866 (?) Bernadete traduz essa palavra em francês, em estilo indireto: "Elle me dit d'aller boire à la fontaine et m'y laver" (Ela me disse que fôsse beber à fonte e lavar-me nela). No de 28 de Abril de 1861, têm-se as duas variantes (sem interêsse) "*que je devais aller...*" (que eu devia ir) e: "d'aller à la fontaine *pour me laver*" (ir à fonte para me lavar). Também não há razão para reter as variantes de J.-B. Estrade (*RAM* 10, 1929, p. 80): "*Maintenant,* ma fille, va boire et *te* laver à la fontaine" (Agora, minha filha, vai beber e te levar na fonte). Bernadete atesta que a Virgem lhe dizia *vous* (vós); nem de Basile Castérot (Processo ord., fol. 800v-801r.°: "Va sous le roc, tu grattigneras la terre et tu trouveras de l'eau") ("Vai debaixo da rocha, esgravatarás a terra e acharás água"). O estabelecimento do texto não deixa lugar a nenhuma dúvida. Os pontos sôbre os quais Bernadete varia são galicismos que ela introduz por esquecimento do dialeto. A nossa conclusão coincide com a de Trochu, p. 164, n. 2.

7

Anat minyâ d'aquére yèrbe	*(qui trouberat)*
	(qui ey athéu)
Ide comer daquela erva	(que está lá)
Allez manger de cette herbe	*(qui est là)*
	(que vous trouverez)
	(que achareis)

25 de Fevereiro

Principais testemunhos — "Anat minghia aquéro hierbo qué troubérat aquieoü (Autógrafo de Bernadete, 24 de Outubro de 1865). "Anat... minyat da quera yerbi" (Transcrição feita sob ditado de Bernadete por Madre Eléonore Cassagnes, 3 de Março de 1879). Segundo Cros I, 271, Bernadete, em 1862, assim ditou a mesma palavra: "Mingarat d'aquéro hierbo qu'eï aquieû Os matizes não têm intêresse para o sentido. (No seu relato autógrafo de 1866 (?) Bernadete reproduz essa palavra em francês em estilo indireto: "Ela me disse que comesse uma erva que se achava no mesmo local").

A primeira das duas variantes aceitáveis, *qui ey*, parece mais natural. A outra pode ter sido introduzida por necessidade de clareza, quando Bernadete repetiu as palavras longe da gruta. Mas é lícito optar por "trouverez" (achareis), como faz Trochu, p. 167, nota 4. A transcrição *athéu* (correspondendo o *th* a um som bastante particular) deve ser preferida ao aproximativo a*qu*iu (admitido por Bernadete e retomado por Trochu). O som *qu* corresponderia à pronúncia da planície e não à de Lourdes.

8

Anat (punà éra terre entà hè penitènce
(bayzà
Allez baiser la terre en pénitence
Ide beijar a terra em penitência
ent'ats pecadous
pelos pecadores
pour les pécheurs
25 e 27 de Fevereiro

Esta palavra é uma daquelas para as quais estamos mais desprovidos de testemunhos. Madre Eléonore Cassagnes assim a transcreveu sob ditado de Bernadete a 3 de Março de 1879: "Anat baïza éra terro, en ta hé penitenço in tas pecadous" (a palavra sobre a erva é aí juntada). Mas outros exemplares dessa transcrição trazem *Anat puna* (sob a instigação de sóror Vincent Garros, ao que me parece). O têrmo Bayza figura no dicionário de Palay com a menção "vieux" (velho). Essa palavra arcaica é hoje desusada. E' difícil dizer se ela ainda estava em uso no tempo de Bernadete. *Puna* seria mais normal. Sob reserva desta hesitação, a nossa conclusão coincide com a de Trochu, p. 175, n. 1.

9

Anat dis e ats prètres de hè basti aci
Allez dire aux prêtres de faire bâtir ici
Ide dizer aos padres que façam construir aqui
ue capère
une chapelle
uma capela
2 de Março e dias seguintes

Principais testemunhos — "Qu'anerat disé as prêtros de hé basti assi uo capéro". (Autógrafo de 24 de Outubro de 1865 reproduzido em fac-símile fora de texto em Cros I). Achamos exatamente a mesma forma — com a ortografia aci no depoimento de Dominique Cazenave de 1.º de Junho de 1879, publicado em *RAM* 10, 1929, p. 70. O acréscimo "quant bien mêmo sera

touto pétito" deve ter sido pronunciado por Bernadete sob a ação da intimidação (acima, nota 148). Mas a vidente atesta que essa glosa não foi pronunciada pela Virgem (questionário de 3 de Março de 1879, 1.º). Variantes ínfimas nas palavras ditadas por Bernadete em resposta ao questionário de Tarbes no fim de 1878 (Anat disé... qu'en *a hi* basti) e no questionário do P. Cros a 3 de Março de 1879 (Anat disé... *què hassen* basti). Nos relatos autógrafos de Bernadete, achamos transcrições em francês em estilo indireto: "Ele me dit que je devais dire aux prêtres d'y faire construire une chapelle... Elle me répéta plusieurs fois que je devais dire aux prêtres *qu'il devait s'y faire* une chapelle" (Ela me disse que eu devia dizer aos padres que fizessem construir ali uma capela... Ela me repetiu várias vêzes que eu devia dizer aos padres *que se devia fazer ali* uma capela) (28 de Abril de 1861, Carta ao P. Gondrand) que je devais dire aux prêtres *qu'ils devaient y* faire bâtir une chapelle (que eu devia dizer aos padres *que êles deviam ali* fazer construir uma capela) (22 de Agôsto de 1864) "de dire aux prêtres de faire bâtir là une chapelle" (de dizer aos padres fazerem edificar ali uma capela) (20 de Novembro de 1865). Cf. relato de 1866 (?). Ver diversos testemunhos em *RAM* 10 (1929), pp. 20, 23, 49, 77 (Comparação prolixa de Estrade), e 166. Sempé, p. 127.

Não se poderia reter a variante proposta no processo ordinário de Nevers por Basile Castérot: "... d'aller dire à *Monsieur le Curé* — non aux *prêtres* comme on l'a écrit, mais à Monsieur le Curé, c'ést du moins ce que j'ai compris" (ir dizer ao *Senhor Cura* — e não aos *padres* como se escreveu, mas ao Senhor Cura, é pelo menos o que eu compreendi). A forma empregada no mandamento de 1862 (Cros I, 49): "Je veux qu'on élève ici une chapelle en mon honneur" (Quero que se eleve aqui uma capela em minha honra) é uma transposição (fiel, em substância) dos têrmos originais. Pode-se hesitar entre *Anat* e *Qu'anerat* que Trochu escolheu, p. 175, nota 3. Sob reserva desta hesitação, estou portanto de pleno acôrdo com a conclusão dêste autor.

10

Pedido de procissão

2 de Março

Êste pedido é bem atestado, mas estamos muito desprovidos para lhe reencontrar a forma exata. Intimidada pelas admoestações e perguntas de M. Peyramale, Bernadete perturbou-se (*RAM* 10, 1929, p. 167; cf. 171), e as suas recordações ficaram obscurecidas. Nos numerosos documentos em que ela enumera as palavras da Virgem, nunca se fala da procissão. (Novo indício do choque psicológico que foi para ela a visita de 2 de Março pela manhã). Mas, quando lhe fazem frontalmente a pergunta, ela não hesita. Respondem de sua parte a um questionário enviado de Tarbes no fim de 1878 ou a 30 de Janeiro de 1879 (Série I, questão 32): "A SS. Virgem disse uma única vez que se viesse em procissão. Bernadete esqueceu em que têrmos" (Arquivos de Nevers). A 12 de Janeiro de 1879, Madre Adelaide Dons responde da parte dela ao P. Cros: "Irmã Marie Bernard acredita que a SS. Virgem lhe falou *uma vez* de procissão, mas sem poder assegurá-lo" (Arquivos de Nevers, 4ª questão), a 22 de Janeiro: "A aparição disse várias vêzes a Bernadete fôsse dizer aos padres que fizessem construir uma capela. *Uma única vez* falou de procissão..." Ver também o testemunho de Irmão Cérase (em 1881) em *RAM* 10, 1929, p. 20: "Dirás aos padres que se venha aqui em procissão e que aqui se edifique uma capela em minha honra" e p. 23 ("que se faça ali uma procissão"). Cf. pp. 69 e 71 citadas mais acima. Sempé, p. 127. Testemunho de Basile Castérot no Processo ord. (p. 801v): "Eu estava na aparição em que a Senhora disse a Bernadete que fôsse dizer ao Senhor Cura... que fizesse construir uma capela no lugar das aparições e que ali viesse em procissão". Ver o estudo e a discussão de Cros I, 347-356, que se estriba sobretudo na memória do abade Pène e nas explicações aditadas por esta testemunha em 1881.

O P. Castagnède conjectura que a Virgem repetiu a palavra precedente e acrescentou: e qu'y bèngen en proucessiou. Trochu renuncia prudentemente a tôda transcrição.

11

No tocante aos segredos

Que'b deféndi de dise aqueró a persoune
Je vous défends de dire cela à persoune

Proíbo-vos dizer isso a quem quer que seja

(data incerta)

Bernadete deu duas vêzes o texto original desta palavra, no fim da sua vida:

"Quet defendi d'et dire a personne". Resposta ao questionário enviado de Tarbes em fins de 1878, redigido sob ditado de Bernadete. (O interrogador tinha proposto na questão o texto francês: Je te défends de le dire à personne (Proíbo-te de o dizeres a quem quer que seja).

"Quet defendi de disé aquèro a persouno". Transcrição realizada por Madre Eléonore Cassagnes sob ditado de Bernadete a 3 de Março de 1879. Uma das quatro transcrições realizadas e certificadas pela testemunha traz a variante: "Qué *bous* défendi de*t*..." Mas o segundo têrmo é desusado no patoá de Lourdes.

No tocante aos três segredos (e a oração) a que essa palavra se refere, ver acima nota 88ª e 85.

12

Que soy era Immaculade Conceptiou
Je suis l'Immaculée Conception

Eu sou a Imaculada Conceição

25 de Março

Eis aqui as transcrições que nos foram conservadas: "Que soï l'Immaculée Conceptioû" (Autógrafo de Bernadete, 24 de Outubro de 1865).

Mesma fórmula com outra ortografia, na resposta ao questionário enviado de Tarbes no fim de 1878 (Arquivos de Nevers).

"Qué *souy* é*ra* Immaculado Conceptiou". Resposta ditada por Bernadete a Madre Eléonore Cassagnes a 3 de Março de 1879.

Cf. Depoimento de Dominiquette Cazenave em 1878: "Que soï *l'*Immaculado Concepcion". Mas o "*l*" parece

ser uma má transcrição do P. Cros, a qual já fizera a sua sede no autógrafo de 1865. (Cros I, 454, 460, 461).

As palavras originais certamente são: Que soy era Immaculade Concepciou. As variantes *l'*Immaculée ou *l'*Immaculado provêm de que Bernadete, afastada de Lourdes, misturava às vêzes as palavras patoás com palavras francesas que se lhe haviam tornado mais familiares. (Ademais, o artigo *la* era utilizado nas planícies de Tarbes e de Pau). O dicionário de Palay (confirmado pelo P. Castagnède) assegura que o artigo *era* não se elide.

OUTRAS PALAVRAS

As testemunhas notaram que muitas vêzes Bernadete falava com a Virgem no curso das aparições. As outras palavras, de caráter privado, não nos foram conservadas: umas tendo sido entregues sob o sêlo do segrêdo (acima, notas 85 e 88ª), outras tendo parecido de pouca importância. Destas últimas, Bernadete perdeu a lembrança, de sorte que não se acha nenhum vestígio delas nos seus relatos e respostas. Porém algumas testemunhas nos referiram o que a vidente lhes dissera sôbre elas no momento. Êstes testemunhos raros, indiretos, freqüentes vêzes distanciados dos acontecimentos, não permitem tentar uma reconstituição da forma original, e às vêzes deixam lugar a dúvidas bastante sérias.

Três dessas palavras podem ser datadas com precisão.

A 18 *de Fevereiro,* a Virgem faz saber a Antoinette Peyret e a Mlle. Millet, acompanhantes de Bernadete, que elas podem ficar; não se sabe sob que forma. Antoinette Peyret, cujo testemunho está publicado em Cros I, 170, atesta apenas que a vidente lhe disse, depois de interrogar a Senhora: "Nada impede que você venha". Na sua memória de 1878, Mlle. Estrade põe nos lábios de Bernadete a explicação seguinte: "Mme. Millet pediu-me que eu rogasse à SS. Virgem dignar-se de lhe fazer saber se a sua presença lhe era desagradável. Ela me respondeu que não lhe era desagradável, *ou* que não lhe desagradava". A partir daí, J.-B. Estrade (*Les apparitions,* 1ª parte, § VIII, ed. Lourdes, 1920, p. 59). conjecturou: "Não, a presença dela aqui não me é desagradável".

A 1.º *de Março,* a Senhora dá a Bernadete, que segura na mão o têrço de Pauline Sans, ordem para retomar o seu têrço. Sob que forma? Duas testemunhas interrogaram Bernadete sôbre isso, e transmitiram-nos a sua resposta: "Quando eu ia à gruta, uma mulher me pediu que eu recitasse ali o seu têrço; prometi-lho e o fiz, deixando no bôlso o meu. Mas a Senhora perguntou-me onde eu tinha o meu têrço. Respondi-lhe que o tinha no bôlso. Ela me disse: vejamo-lo: então eu o tirei do meu bôlso e mostrei-lho, elevando-o um pouco. A Senhora me disse: *Servi-vos dêsse.* E o fiz". (Testemunho do abade Pène reproduzido em Cros I, 313). Mlle. Estrade na sua memória de 1878 (*RAM* 10, 1929, p. 49) sugere que a Virgem fêz conhecer a sua vontade *por gesto* antes que por palavra: "Pauline Sans tinha-me dado o seu têrço para recitar quando eu visse a SS. Virgem; porém, mal o comecei, a SS. Virgem me *fêz sinal* para não me servir do de Pauline, e sim do meu. Obedeci". Cf. Trochu, p. 313.

Por ocasião da aparição de 3 *de Março,* a Virgem explica a Bernadete as razões da sua ausência da manhã (acima, nota 98).

Muito mais difícil é saber o que se deve conservar (fundo e forma) de diversas outras palavras.

A promessa de milagres: *"Il y en aura plus tard"* (Havê-los-á mais tarde) é uma conjectura de Cros (I, 334, nota 1) interpretando o testemunho de Clarens publicado em RAM 10 (1929), pp. 15-16.

Segundo Basile Castérot, pronta a dar uma forma viva e concreta às suas lembranças, a Virgem teria dito a Bernadete: *"Vai dizer a essa mulher que tocou a roseira que ela quase me faz cair".* Processo ord., fol. 801v. Esta palavra parece ter sido imaginada a partir dos temores manifestados por Bernadete quando se tocava na "sarça". (Testemunho de Fanny Nicolau citado por Cros I, 243. Cf. Trochu, p. 161).

Sôbre a palavra relativa à capela do Coração de Maria (*ib.* 802v), ver acima, nota 187ª.

ANEXO B

DATA DA PALAVRA RELATIVA À CAPELA

Em que dia a Virgem disse pela primeira vez a Bernadete: *Ide dizer aos padres que façam construir aqui uma capela?* Êste ponto é discutidíssimo.[213]

1. Na sua carta de 22 de Agôsto de 1864 ao abade Bonin, Bernadete parece ligá-la à *segunda* aparição (14 de Fevereiro). Mas é por simples inadvertência.

2. Em todos os outros documentos (Respostas aos comissários episcopais a 17 de Novembro de 1858 e a 7 de Dezembro de 1860, citados por Cros I, 338; carta de 28 de Maio de 1861 ao Padre Gondrand; relato autógrafo de 1866 (?); interrogatórios de 12 de Janeiro de 1879, questão 3, e de 22 de Janeiro, última questão: documentos conservados nos Arquivos de Nevers), ela liga essa palavra à *terceira* aparição (18 de Fevereiro); mas, ao que parece, trata-se aí de uma cláusula de redação. Para a comodidade do relato, Bernadete ligou ao 18 de Fevereiro, primeira aparição em que a Virgem falou, o conjunto das palavras cuja data ela ignorava. Êsse esquema, pelas mesmas razões de ordem adotado pelo abade Fourcade, secretário da comissão episcopal[214], acabou por assumir uma aparência de autoridade.

---

213) Os principais estudos sôbre êste ponto, os de P. Moniquet, Cros, Mons. Trochu e Michel de Saint-Pierre, são citados e discutidos no curso do desenvolvimento.

214) *L'apparition de la grotte de Lourdes*, Tarbes, Fouga, 1862. Notemos, entretanto, 1.º que êsse autor destaca a palavra: "Não vos prometo...", que êle reporta a 25 de Março, sem dúvida para a harmonia do relato; 2.º, que êsse relato haurido nas melhores fontes é pouco cuidoso de cronologia e comporta várias inexatidões de datas (p. 22, êle situa a 5 de Abril a aparição que teve lugar a 7). Não peçamos a êsse escrito inestimável aquilo que êle não pretendeu dar-nos.

Mas Bernadete sempre precisou bem que ignorava as datas, e não convém conferir à sua afirmação um valor cronológico que ela não tem.

Michel de Saint-Pierre (Bernadete, Paris 1953, nota n.º 5, pp. 235-237) tentou defender essa solução desesperada. Ela se torna sustentável, considera êle, se se tomar cuidado de que as diversas palavras foram repetidas:

Se a Virgem falou várias vêzes da capela e da fonte, as imprecisões cronológicas dos relatos de Bernadete aclaram-se e se explicam (p. 237).

Solução sedutora, mas contradita por sobejos dados: Bem pesado tudo, não é possível colocar desde 18 de Fevereiro as duas palavras relativas à *fonte* e à *capela*. No tocante à primeira, uma massa considerável de testemunhos estabelece que não houve questão da fonte de 25, dia em que Bernadete a procurou com admiração e a descobriu com suas mãos. Somos, portanto, bem obrigados a verificar que a atribuição de quase tôdas as palavras da Virgem ao 18 de Fevereiro procede de um agrupamento lógico e não de lembranças cronológicas. No tocante à ordem relativa à capela, impossível igualmente supor ter sido ela formulada uma primeira vez a 18 de Fevereiro. Isto por duas razões:

1.º A 28 de Fevereiro, Clarens interroga Bernadete:

— Foi-lhe dada uma missão?

— Ainda não.

responde Bernadete (Testemunho *redigido dois dias depois*, *RAM* 10, 1929, p. 14). Ela assim não poderia ter respondido depois de ter sido incumbida de transmitir "aos padres" as ordens da Aparição.

2.º A 22 de Março de 1879, à pergunta do P. Cros sôbre êsse ponto preciso, responde-se: "Sóror Marie Bernard não se lembra das datas, mas fazia sempre imediatamente as incumbências que lhe dava a SS. Virgem". Ora, é certo que Bernadete não foi à casa do senhor Cura a 18 de Fevereiro, nem em nenhum dos oito dias seguintes. Manter a data de 18 redunda em afirmar que, na ocorrência, Bernadete não fêz imediatamente a incumbência. Assim a solução de Michel de Saint-Pierre, adotada numa preocupação de fidelidade (demasiado material) aos dizeres de Bernadete, con-

duziria a apanhá-la em falta sôbre um ponto importante. Uma *plena* fidelidade ao *conjunto* dos dizeres de Bernadete leva a ultrapassar essa data de 18.

Somos a isto autorizados: 1.°, pelo caráter abertamente factício do argumento das palavras por ela globalmente ligadas à data de 18; 2.°, pela sua declaração formal de *ignorar a data.*

3. J.-B. Estrade, na sua memória de 1878 (*RAM* 10, 1929, p. 77) ligava essa palavra à visão de 23 de Fevereiro, embora fazendo notar a sua incerteza cronológica (*ib.*, p. 79). Na sua carta de 10 de Julho de 1884 (*ib.*, p. 112. Cf. Cros I, 337), êle precisa: *E' certo que, na data de 23 de Fevereiro, o Sr. abade Peyramale não havia recebido nenhuma comunicação da parte de Bernadete.*

4. Mons. Trochu (p. 175) adota o 27 de Fevereiro, sem explicar suas razões. Segue, no seu relato, o testemunho de Bernarde Castérot, a qual não avança nenhuma precisão cronológica. Pode êle ter-se inspirado na conjectura adotada por J.-B. Estrade, *Les apparitions*, 1ª parte, § XX, ed. Lourdes, 1920, pp. 114-119. Apóia-se sem dúvida no depoimento de Dominiquette Cazenave (1878): "Bernadete havia-me dito: *A SS. Virgem me disse...: "Ireis dizer aos padres que façam construir aqui uma capela".* Perguntei-lhe no sábado: *Não vais fazer a tua incumbência?"* (*RAM* 10, p. 170).O Pe. Cros (I, 342) suprime as palavras *no sábado*, e dá essa testemunha como favorável à terça-feira 2 de Março. A supressão é lamentável. Mas a conclusão é justificada sob certos aspectos. Com efeito, Dominiquette Cazenave atesta de maneira a mais formal que a sua visita teve lugar *na própria noite do dia em que Bernadete veio pedir a procissão.* Ora, está bem estabelecido que êsse pedido foi feito uma só vez (Testemunho de Bernadete, em 1878, Cros I, 358), e que foi a 2 de Março. Sôbre êste último ponto, Mons. Trochu está bem de acôrdo.

5. Resta, pois, a data de 2 de Março.

Ela foi notada no próprio dia por M. Dutour, citado em Cros I, 334: "A vidente disse *esta manhã* que a Senhora lhe tinha pedido uma procissão para a quinta-feira próxima, como também uma capela, e que ela iria levar essas vontades aos padres".

A 4 de Março de 1858, M. Clarens escreve: "*Anteontem* (= 2 de Março), a jovem Bernadina (*sic*) pretendeu que a visão lhe tinha dado ordem para solicitar do clero da localidade a construção de uma capela na gruta". Memória publicada em *RAM* 10 (1929), p. 15. Lembremos que, a 28 de Fevereiro (*ib.*, p. 14), Bernadete, interrogada por êle no próprio dia, declarara ainda não ter *nenhuma incumbência.*

O Irmão Cérase, de Lourdes, numa carta endereçada a seus pais e provàvelmente anterior a Maio de 1858, situa o pedido da capela em fins da quinzena... "nos dois ou três últimos dias" (*RAM* 10, 1929, p. 20). O pêso dêsse testemunho é muito diminuído pelo fato de referir êle à mesma data duas palavras das quais uma é de 18 de Fevereiro e outra de 25 de Março. No meio dêsses erros, essa testemunha tão próxima dos fatos não pode deixar de ter uma base válida. Ela parece ter ligado ao pedido da capela as outras declarações cuja data ignorava.

A 28 de Agôsto de 1858, Louis Veuillot publica em *L'Univers* um artigo para o qual se documentou em Julho de 1858 em Lourdes e junto a M. Peyramale, com quem foi ter expressamente em Bagnères-de-Bigorre.[215] Escreve êle: "Dois dias antes da expiração da quinzena fixada pela Visão (= 2 de Março), Bernadete foi ter com o Sr. Cura de Lourdes e lhe disse que a Senhora da Gruta pedia uma capela no lugar da aparição..."[216]

---

215) Carta de Estrade ao Pe. Cros, a 10 de Julho de 1884, publicada em *RAM* 10 (1929), p. 113. Estrade seguira com particular interêsse a visita de Louis Veuillot a Lourdes, e guardara dela recordações precisas e pitorescas. No dia em que o diretor de *L'Univers* dirigiu-se à gruta, um decreto municipal interdizia-lhe o acesso. O guarda campestre autuou-o, e participou isto a Estrade, que o interrogava sôbre o seu quadro de caça: "Peguei outro... uma espécie de *foutricaou* * de jornalista que marcava mal; êle é todo bojudo, depois tinha os sapatos cambados, com a gravata ao contrário" *RAM* 10 (1929), p. 104.

216) O artigo é reproduzido em Louis Veuillot, *Oeuvres complètes*, Paris, 3ª série Mélanges, P. Lethielleux, t. 7 (1935), p. 539.

*) foutriquet — homenzinho, sem importância.

Segundo P. Moniquet, *Divine histoire*, Paris, 1912, p. 92, o abade Pomian, que foi testemunha da conversa confirma essa data. "Portanto, sem nenhuma dúvida possível, nesse dia da têrça-feira 2 de Março...", acrescenta êsse autor bem documentado, "foi que a SS. Virgem encarregou Bernadete de ir pedir aos padres uma capela". Sôbre o testemunho do abade Pomian, cf. Cros I, 347.

Enfim Estrade declara na sua carta de 10 de Julho de 1884 (publicada em *RAM* 10, 1929, p. 112): "Nem minha irmã nem eu podemos indicar o dia preciso em que Bernadete se apresentou no presbitério de Lourdes para ali transmitir a ordem relativa à capela: as datas indicadas por M. Clarens e M. Doutour parecem-me gravitar em tôrno da verdadeira data. A que parece mais verossímil é a data que o Sr. Louis Veuillot indica..." (E acrescenta diversos detalhes concernentes às fontes dêsse último).

Concluamos: Visto a impossibilidade de conciliar em todos os pontos todos os testemunhos, uma opção se impõe. Situando-se as três primeiras visitas de Bernadete a M. Peyramale:

1ª A 25 ou mais provàvelmente, a 27 de Fevereiro;
2ª A 2 de Março pela manhã;
3ª A 2 de Março à noite,

(cf. acima, nota 149), qual delas teve por objeto transmitir o recado relativo à capela? Tudo leva a dizer: a terceira. Bernadete recebeu na manhã de 2 de Março as duas palavras relativas às procissões e à capela. Desobrigou-se da primeira parte da sua mensagem por ocasião da visita da manhã, e, consoante o testemunho de Dominiquette Cazenave (discutido acima, 5.º), voltou à tarde para falar da capela, que, no seu temor, ela esquecera. Bem refletido tudo, é esta solução que melhor corresponde ao conjunto dos dados.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Indico sòmente a inicial dos prenomes dos *autores* e *técnicos*, mas transcrevo por inteiro os das *testemunhas* citadas. Alguns faltam: os padres omitiam geralmente a indicação do seu prenome, e designavam-se sòmente como *Abade* X: menção que eu transcrevi.

Abadie, Jeanne, 11.
Angla, Adolphe d', 11.
Bachelard, G., 86.
Balić, C., 8.
Bernanos, G., 76, 93.
Bonin (Abade), 18, 27, 35, 36, 100, 118.
Bordenave, Madre M.-T., 22, 38, 64.
Bounaix, Sóror Madeleine, 58.
Bourgeade, Madre M.-T., 9.
Boyer (Abade), 27.
Broglie, G. de, 82.
Caillabère, T., 102.
Callery, Sóror Casimir, 76.
Camélat, M., 102.
Capdevielle, 11.
Castagnède, E., 8, 102, 103, 106, 114, 116.
Castérot, Basile, 44, 53, 59-61, 71, 85, 110, 113, 114, 117.
Castérot, Bernarde, 30, 48, 120.
Castérot, Lucile, 44.
Cassagnes, Madre Eléonore, 39, 101, 104, 107, 110-112, 115.
Cazaux, Pauline, 69.
Cazenave, Dominiquete, 25, 58, 60, 61, 69, 112, 115, 120, 122.
Cérase, Irmão, 37, 67, 107, 114, 121.
Clarens, A., 11, 61, 67, 104, 108, 117, 119, 121, 122.
Cristiani, L., 21.
Cros, L., J.-M., 8-11, 15-44, 53, 54, 59, 62, 63, 66, 67, 70-73, 100-103.
Culmann, O., 95.
Daumier, H., 58.
Dézirat, Antoine, 11.
Dons, Madre Adelaide, 28, 37, 39, 63, 101, 104, 114.
Deão de Vic, 62, 67.
Dozous, P. R., 28, 40, 41, 44, 102, 108, 109.
Duboé, J. M., 10, 23.
Dutour, Vital, 53, 59, 120, 122.
Dutour, Madame, 58.
Estrade Emmanuélite, 29, 38, 40, 55, 56, 61, 67, 105-108, 113, 116.

Estrade, J.-B., 21, 29, 41, 44, 54-57, 67, 71 105, 106, 108, 110, 113, 116, 117, 120-122.
Fabisch, Joseph, 37, 72.
Fabisch, Mme. Joseph, 72.
Fabre, Madre Henri, 40.
Febus, G., 102.
Fiesole = Fra Angelico, 72.
Forestier, Madre Joséphine, 67, 72.
Fourcade (Abade), 118.
Garros, Sóror Vincent, 102, 112.
Gasnier, P., 20, 22, 23, 34, 39.
Gondrand (Abade), 18, 27, 35, 100, 118.
Goubert, J., 21.
Guynot, E., 38, 41, 64, 66.
Jacomet, Dominique, 11, 19, 24-26, 53-55 58, 106.
Jeanne d'Arc, Santa, 53, 54.
Laborde-Cassus, Jeanne, 42.
Labouré, Catherine, 75.
Laffitte (Abade), 42, 108.
Laplace (Abade), 21.
Larrouy, A., 19, 21, 23, 26-29.
Lasserre, H., 11, 23.
Latapie, Léon, 54.
Lemaître, P., 23.
Léobard (Frei), 66.
Marciliac, Emilie, 67.
Millet, Madame, 116.
Moniquet, P., 22, 25, 118, 122.
Nicolau, Fanny, 11, 41, 117.
Olphe-Galliard, M., 8.
Palay, S., 102-104, 112, 116.
Péguy, C., 7.
Pène (Abade), 11, 37, 62, 71, 114, 117.
Pène, Jacquette, 26.
Perreau, Auguste, 40.
Perugino = Piero *Vannucci*, 72.
Petitot, H., 22, 23.
Peyramale, Marie Dominique, 27, 43, 59-61, 114, 120, 122.
Peyret, Antoinette, 116.
Pio IX, 78, 79.
Pio XI, 75.
Pio XII, 78.
Pomian, Abade Bertrand Marie, 122.
Pontic, Madeleine, 42.
Portau, Marie, 25, 26.
Rachel, Mlle = Elisa *Felix*, 71.
Rafael=Sanzio, Rafaelo, 72.
Ribette, Ida, 31, 39, 100.
Rives, Clément, 53, 61.
Saint-Pierre, M. de, 41, 118, 119.
Sajoux, André, 25.
Sans, Pauline, 117.
Sempé, R., 10, 19, 21, 23, 26-27, 29, 38, 40, 44, 63, 71, 101, 102, 105, 107, 108, 113, 114.
Soubirous, Antonieta-Maria, 35.
Soubirous, Bernadete, 5, 7, 9-11, 17-20, 22-25, 27-42, 45, 48-50, 52-54, 57-74, 85, 87, 93, 95, 100, 122.
Soubirous (Família), 73.
Soubirous, Francisco, 53.
Tardhivail, Antoniette, 44.
Théas, S. E. Mons. P.-M., 5, 6, 8, 85, 88, 98.
Teresa de Ávila, Santa,
Teresa do Menino Jesus, Santa, 73, 76.

Tomás de Aquino, Santo, 83.
Trochu, F., 10, 11, 15-44, 53, 54, 58-60, 63, 66, 67, 73, 74, 76, 78, 102, 105, 109, 111-114, 117, 118, 120.
Vandeur, Dom, 22, 34.
Védère, Jeanne, 19, 41, 43, 59-61, 73, 93, 105, 108.
Veuillot, Louis, 121, 122.
Vignes, Dominique, 60.
Yver, C., 23.

REPERTÓRIO ANALÍTICO

Arranjos da gruta, 88, 98.
Capela pedida pela Virgem, 85 (187ª).
Ciclo litúrgico, 33-34.
Conversões, 72-74.
Corpo místico, 96, 98.
Côres da aparição, 36.
Demônio, 40, 93.
Descrição da aparição, 35, 36.
Dialeto lourdense, 9, 101-108.
Dias sem aparição, 21-31.
Elementos (os quatro), 84-91.
Estátua da aparição, 37, 38 (n. 74), 72.
Estatura da aparição, 37.
Eucaristia, 32, 82, 98.
Evangelho (Lourdes e o), 77-80.
Êxtases de Bernadete, 38-39.
Fátima, 84-91.
Festas da Virgem, 33, 80.
Fonte, 41, 83, 88-89, 94-96.
Fontes documentárias, 10, 16, 100-102.
Fôrça de Bernadete, 53-64.
Hagiografia, 74-76.
Imaculada Conceição, 43, 78-79.
Imitações de Bernadete, 68-74.
Interrogatórios de Bernadete, 54-63.
João Batista, 50-52, 80, 90-91.
Juventude da aparição, 35, 92-93.
Limites do testemunho de Bernadete, 65 (n. 156), 119.
Mensagem de Lourdes, 91-96.
Multidões de Lourdes, 11, 43, 98-99.
Nimbo da aparição, 35.
Nomes dados à aparição, 35.
Número das aparições, 19-31.
Ocultação dos sinais, 70, 81-84.
Ordem das aparições, 31-34 e quadro fora de texto entre as pp. 48 e 49.
Palavras da Virgem, 39-43, 104-117.
Pecado, 93-96.
Pecadores, 40, 94, 109.
Pedagogia de Lourdes, 12, 32-34, 47-48, 79-84, 97-99.

Penitência, 41-42, 95-96, 110-112.
Primeira aparição, 35-38.
Procissões, 42, 98-99, 114.
Pureza do testemunho, 50, 64-68.
Quinta-feira, 32-33, 98.
Receios de Bernadete, 59-60, 63-64.
Refontificação, 7.
Renascimento litúrgico, 82, 84.
Réplicas de Bernadete, 54-59, 62-63.
Revelações privadas, 77-80.
Rosário, 34.
Rua du Bac, 81.
Sacramentais, 84.
Sacramentos, 81-84.
Santidade de Bernadete, 66, 74-76.
Segunda aparição, 38.
Segredos, 41, 87, 115.
Sentido da mensagem, 7, 12-13, 91-96.
Sexta-feira, 26 de Fevereido de 1858, 23-31.
Siglas, 10.
Sinal da Cruz, 69-72, 96.
Simbolismo de Lourdes, 31-34, 84-93.
Síntese da mensagem, 96.
Têrço, 38, 69-70, 117.
Testemunho de Bernadete, 45-76.
Transparência do testemunho, 49-50, 52, 68-70.
Terceira aparição, 39.
Última aparição, 43-44.
Valores de sinal, 80-84.
Vestes da aparição, 35, 55-56.
Visitação, 81 (n. 181).
Visitas de Bernadete a M. Peyramale, 60-61 (nota 149), 122.

ÍNDICE

Carta de S. Excia Mons. Théas ao autor 5
Proêmio 7
Siglas 10
Introdução 11

CAPÍTULO I

fato das aparições 15
1. *Sondagem crítica* 16
2. *Ordem das aparições* 31
3. *Desenvolvimento progressivo das aparições* 35

CAPÍTULO II

testemunho 45
1. *Escôrço teológico* 45
2. *As qualidades do testemunho* 48
3. *Fôrça* 53
4. *Pureza* 64
5. *Transparência* 68

CAPÍTULO III

Sentido das aparições 77
1. *Lourdes e o Evangelho* 77
2. *Lourdes e os valores de sinal* 80
3. *Os sinais de Lourdes e os de Fátima* 84
4. *Significado da mensagem de Lourdes* 91
Epílogo 97
Anexo A. Texto crítico das palavras da Virgem a Bernadete 100
Anexo B. Data da palavra relativa à capela 118
Índice onomástico 123
Repertório analítico 125
Quadro fora de texto. Ordem das aparições entre as páginas 48 e 49.